



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Área de Concentração: Educação, Tecnologias e Comunicação

Comunidade, escola, jornal escolar:

um estudo de caso

Cristiane Parente de Sá Barreto

Brasília

2012

Cristiane Parente de Sá Barreto

Comunidade, escola, jornal escolar:

um estudo de caso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração: Educação, Tecnologias e Comunicação, sob orientação da Prof^a. Dr^a Laura Maria Coutinho.

Brasília

2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Área de Concentração: Educação, Tecnologias e Comunicação

Comunidade, escola, jornal escolar:

um estudo de caso

Banca Examinadora:

Professora Dr^a. Laura Maria Coutinho (Orientadora)
Faculdade de Educação - UNB

Professora Dr^a. Dione Oliveira Moura (Examinadora)
Faculdade de Comunicação - UNB

Professora Dr^a. Maria Carmen Villela Rosa Tacca (Examinadora)
Faculdade de Educação - UNB

Professora Dr^a. Vânia Lúcia Quintão Carneiro (Suplente)
Faculdade de Educação - UNB

Brasília – DF

2012

A Sr. Altino e Sr. Valdeur, narradores e sujeitos das
histórias de Itahum;

Aos alunos do “Projeto Repórter por Um Dia”, da Escola
Antônio Vicente Azambuja;

A meu avô José Inácio Rodrigues Parente;

A meus filhos, razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

A todos os educadores, funcionários e alunos da Escola Antônio Vicente Azambuja. Em especial a Maria José, Lily, Vera e Domingo, pela acolhida tão especial;

Ao Sidney, taxista que me acompanhou na segunda viagem a Itahum, que acabou se tornando um excelente secretário e companheiro de viagem;

À pedagoga Fátima Frota e à dona do jornal O Progresso, D. Adiles, pelo apoio local e por acreditarem nos educadores, nos alunos e no projeto. Sem elas, nada disso seria possível;

A Ricardo Pedreira, Diretor Executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ), pela compreensão nos momentos de ausência quando tive que estar na UnB e pelo apoio incondicional. Um chefe com qualidades únicas;

Aos colegas da ANJ pelo apoio e por acreditarem em mim. Especialmente Edir Fonseca;

Ao companheiro Carlos Ely e minha mãe, Mariana Parente, por estarem presentes nas minhas ausências, pela compreensão, paciência, apoio e suporte em casa, sempre que precisei. Por não me deixarem desistir;

A minha avó Zaíra Diógenes Parente, pelos inúmeros telefonemas me dizendo que eu conseguiria; pelas orações; pelo amor que me fortalece;

Ao tio Zé Parente pelas dicas, exemplo e força;

A Mauro Santos Silva, pelas conversas iniciais sobre mestrado e pelo exemplo de dedicação e profissionalismo em tudo que faz;

À Comunhão Espírita de Brasília e aos espíritos de luz que estiveram próximos a mim, por me permitirem momentos de paz em meio ao turbilhão de emoções que vivi nesses dois anos e meio;

A Betinha, Márcio e Thaís por suas palavras, silêncios, diagnósticos e possibilidade de escuta. Cada um à sua maneira, com suas crenças e terapias;

Aos colegas da UnB (especialmente a Adriana Moellmann, Verônica Valério, Milena Rego, Ana Lima e Cristina Bogarin) e do Programa Jornal e Educação que me deram força para continuar;

Ao professor Paulo Roberto Cimó Queiroz, da UFGD, pela atenção e apoio na pesquisa;

Às professoras Carmen Tacca e Maria Helena, da FE/UnB, pela compreensão, profissionalismo, palavras certas na hora certa e por tudo que aprendi com elas;

À professora da FE/UnB, Vânia Lúcia Quintão Carneiro, pelas orientações iniciais, debates e leituras sobre mídia e educação e a chegada ao mestrado;

À professora Dione Oliveira Moura, da FAC/UnB, por aceitar estar nessa caminhada de aprendizagem comigo e com quem espero poder estar junto em outros momentos de descobertas;

À professora e orientadora Laura Coutinho, pela acolhida, as orientações, a simplicidade com que trabalhou comigo a auto-estima e a segurança que eu precisava para seguir em frente; agradeço também pelas sessões de cinema, as reuniões com o grupo e por aprender como se mantém um laço de afeto e respeito entre pessoas;

A Deus, Nossa Senhora, Vó Cotinha, meu pai e anjos a quem tanto pedi e chorei para que me permitissem tirar de mim aquilo que eu podia dar de melhor, mesmo nos piores momentos;

A meus filhos, sempre. Porque por eles e para eles eu sei que posso fazer melhor, dar exemplo, não desistir e mostrar que é possível.

RESUMO

Esta pesquisa, realizada no âmbito no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/FE/UnB), na Linha Educação, Tecnologias e Comunicação, teve por objetivo analisar e compreender os significados para educandos, educadores e comunidade escolar do Projeto “Repórter por Um Dia”, desenvolvido numa escola estadual na zona rural de Itahum, distrito de Dourados/MS. O lugar, com cerca de 4,5 mil habitantes, passou a ter visibilidade e voz com o trabalho feito por alunos da escola, que a partir de um jornal mural, um informe/jornal escolar e um espaço conquistado no jornal O Progresso, de Dourados, segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul, com 198 mil habitantes, passaram a divulgar e denunciar os problemas do distrito e reivindicar seus direitos. Para fazer a pesquisa utilizamos entrevistas, análise dos informes e produções dos alunos e grupos focais. Recorremos ao conceito de narradores de Benjamin, para ressaltar a história oral e a experiência de cada um naquela comunidade e naquela escola, um espaço que se transformou a partir da autoria dos alunos, mas que concluímos que ainda precisa ser aprimorado em termos de leitura crítica dos meios e do mundo. Para pais, educadores, comunidade e alunos o maior resultado do projeto é um novo olhar acerca do lugar em que vivem, um discurso e uma história que está sendo construída por eles mesmos, a partir do trabalho da escola em parceria com a comunidade, uma aprendizagem do conviver, do fazer, do aprender e do ser diária e colaborativa em busca de mais participação política e cidadã.

Palavras-chave: Itahum, Mídia, Educação, Jornal Escolar, Cidadania, Narradores

ABSTRACT

This research, carried out within the Post-Graduation Program in Education at the University of Brasilia (PPGE / FE / UNB) on Education, Technologies and Communication research line, aimed to analyze and understand the meanings for students, educators and community school of the “Reporter por Um Dia” project, developed in a state school in a rural Itahum district of Dourados/ MS. The place, with about 4500 inhabitants, now has visibility and voice because of the work done by students at the school, which from a wall paper, a report / school newspaper and a column in the journal Progress in Dourados, the second largest city in Mato Grosso do Sul, with 198,000 inhabitants, began to disclose and report the problems of the district and claim their rights. To use the research interviews, reports and analysis of students' productions and focus groups. We used the concept of storytellers of Benjamin, to highlight the oral history and experience of each one in that community and that school, which became a space from the authorship of the students, but still needs to be improved in terms of reading and critical media the world. For parents, educators, community and students the greatest result of the project is a new look about the place they live in, a speech and a story that is being built by themselves, from the school work in partnership with the community, a learning to live, doing, learning and being daily and collaborative search for more political participation and citizenship.

Keywords: Itahum, Media, Education, School Journal, Citizenship, Storytellers

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Foto 1: Caminho para Itahum..... | 45 |
| Foto 2: Paisagem entre Dourados e Itahum..... | 46 |
| Foto 3: Um dos barracos do Acampamento Modelo, na estrada para Itahum..... | 48 |
| Foto 4: Sr. Elpídio fala com orgulho da luta pela terra..... | 49 |
| Foto 5: D. Naninha..... | 49 |
| Foto 6: Posto de Saúde | 51 |
| Foto 7: Muitas casas de Itahum são de madeira..... | 52 |
| Foto 8: Local de reunião do Acampamento Novo Brasil..... | 52 |
| Foto 9: Casa de Sr.Valdeur é ponto de encontro para uma boa prosa..... | 53 |
| Foto 10: Sr. Valdeur Teotônio da Silva..... | 54 |
| Foto 11: Igreja católica de Itahum | 55 |
| Foto 12: Interior da casa de Sr. Valdeur, com lembranças da mulher e tudo arrumado como ela deixou | 56 |
| Foto 13: Livros são uma das principais distrações de Sr. Valdeur | 57 |
| Foto 14: Transporte escolar..... | 58 |
| Foto 15: Após as aulas, transporte escolar leva alguns alunos à entrada das fazendas. Lá, eles ainda usam bicicletas ou motos até chegar em casa | 59 |
| Foto 16: Alunos correm perigo todos os dias ao passar por esta ponte | 60 |
| Foto 17: Cercado pelo verde de sua chácara, Sr. Valdeur relembra histórias de Itahum | 61 |
| Fotos 18 e 19: Lan house que fica ao lado da escola | 64 |
| Fotos 20 e 21: Tabelas com as receitas das estações do ramal de Ponta Porã | 66 |
| Foto 22: Estação Itahum | 67 |
| Foto 23: Atual situação de abandono da Estação de Itahum | 68 |

| | |
|--|-----|
| Foto 24: Da estação ainda restam os trilhos e a nostalgia | 69 |
| Foto 25: Antiga bilheteria | 70 |
| Foto 26: Vagão abandonado vira moradia para mendigos | 71 |
| Foto 27: D. Cleide Rondina, 1ª diretora da Escola Antônio Vicente Azambuja | 75 |
| Foto 28: Escola tem 450 alunos e é referência no distrito | 80 |
| Foto 29: Maria Jose, diretora da escola (à direita), com a secretária Vera Pusch | 81 |
| Foto 30: Pátio da escola..... | 82 |
| Foto 31: Sala de Informática..... | 83 |
| Foto 32: Sala de aula | 83 |
| Foto 33: Parquinho | 84 |
| Foto 34: Informe A.V.A nas paredes da escola | 85 |
| Foto 35: Lily..... | 86 |
| Foto 36: Fátima – O Progresso..... | 87 |
| Foto 37: Profº Domingo Rosa, coord. do Repórter Por Um Dia | 88 |
| Fotos 38 e 39: Matérias no jornal O Progresso | 90 |
| Foto 40: Distribuição do jornal na saída da escola | 91 |
| Foto 41: Profº Domingo revisando o Informe A.V.A | 97 |
| Foto 42: Lixão denunciado pelos alunos da escola | 98 |
| Foto 43: Alunos leem jornal após distribuição na escola | 99 |
| Foto 44: Sr. Altino ajudava os alunos com o jornal | 101 |
| Foto 45: Última entrevista que fiz com Sr. Altino | 103 |
| Foto 46: Mãe de alunos da Escola Antônio Vicente Azambuja | 110 |
| Foto 47: Coluna Itahum Fotos e Fatos | 116 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| NOS TRILHOS DA TEORIA | 18 |
| • Mídia e Educação..... | 18 |
| • Jornal e Educação..... | 22 |
| • Narradores..... | 33 |
| • Autoria..... | 36 |
| • Aprendizagens..... | 39 |
| | |
| CHEGADA A ITAHUM - DIÁRIO DE BORDO | 45 |
| • O Caminho..... | 46 |
| • A Cidade | 53 |
| • A Estação | 65 |
| • A Educação em Itahum | 74 |
| • A Escola Antônio Vicente Azambuja | 80 |
| | |
| UM JORNAL NA ESCOLA, UMA ESCOLA NO JORNAL | 86 |
| • Os pais, os filhos, a comunidade, o olhar sobre o projeto | 104 |
| • Um olhar sobre o Informe A.V.A | 110 |
| | |
| ÚLTIMA ESTAÇÃO | 117 |
| • A escola agenda a mídia..... | 123 |
| • Aprendizagens..... | 128 |
| • Um discurso, um lugar..... | 131 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 135 |

| | |
|--|------------|
| APÊNDICES | 143 |
| APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS ALUNOS | 144 |
| APÊNDICE 2 - COMPLEMENTO DE FRASES COM ALUNOS | 145 |
| APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS PROFESSORES | 146 |
| APÊNDICE 4 - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 147 |
| ANEXOS | 149 |
| ANEXO 1 - EXEMPLARES DOS INFORMES A.V.A (1 A 6) | 150 |
| ANEXO 2 - PROJETO DE JORNAL DA ESCOLA ANTÔNIO VICENTE AZAMBUJA | 176 |

PRÓLOGO

“Quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança.

(...)

_ Você avança com a cabeça voltada pra trás? _ ou então: _ O que você vê está sempre às suas costas? _ ou melhor: _ A sua viagem só se dá no passado?

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar (...) a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que lembrava de existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

(...)

_ Você viaja para reviver o seu passado? _ era a esta altura a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: _ Você viaja para reencontrar o seu futuro?

E a resposta de Marco:

_ Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá”.

As Cidades Invisíveis

Italo Calvino

(1990, p.28 e 29)

INTRODUÇÃO

“Viajar é devaneio, alvoroço e... inquietação (...)”

O Fotógrafo e O Turista Aprendiz

Mário de Andrade

“Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (1990, p. 59, CALVINO). O que se encontrará nas próximas páginas, repletas de narrações, memórias, discursos pessoais e reinterpretações de uma história, um povo, uma história de educação e de um projeto que mudou a rotina de um pequeno distrito e o modo de pensar de alunos e sua relação com uma comunidade.

Ainda recorrendo a Calvino (1990, p. 23) mais uma vez alertamos: “Quem me ouve, retém somente as palavras que deseja (...) Quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido”.

Pois agora, que ouvi, interpretei e recriei narrações e histórias de Itahum(s) dentro de mim, escrevo-as para você, leitor, na forma de dissertação de mestrado. Parte do que você lerá está (re) interpretada, parte será lida por você vinda diretamente da fonte, dos narradores, de histórias orais que ouvi e gravei. Foram transpostas do discurso oral para o papel, para que, de alguma maneira, você também possa ouvir as vozes, os sotaques, os modos de dizer, de ser Itahum. E para que possa criar você também, o seu lugar, na sua imaginação, a partir da história que aqui começamos a contar.

Itahum é o menor distrito de Dourados, que por sua vez é a segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul, criada em 1935. De acordo com dados do IBGE de 2010, possui uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. Itahum fica a 65km de Dourados, mas o que separa os dois lugares é bem mais que a estrada e os cerca de 50 minutos. Itahum tem por volta de 4,5 mil habitantes. Pelo IBGE de 2010 esse número era de apenas pouco mais de 2.400. O lugar é rural, ao contrário da urbana Dourados.

Foi em Itahum que concentramos nossa pesquisa e onde está sendo desenvolvido o projeto “Repórter por Um Dia”, na Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, uma das duas escolas do lugar. A outra é a escola municipal. Procuramos analisar e compreender os significados deste projeto para os estudantes e a comunidade; responder se é possível um projeto como esse ser objeto de ensino-aprendizagem sem que se perca a espontaneidade que a autoria de um jornal estudantil permite.

Fiz questão de manter no papel o jeito de falar de cada personagem dessa história. Não para ressaltar o que pela norma culta do português poderia ser considerado um erro, mas para trazer mais para perto de quem lê este trabalho, os falares de cada sujeito, marcar sua identidade, seu lugar de fala. Como diz Stella Maris Bortoni-Ricardo (2009, p.12) “a língua é, antes de tudo, um instrumento de identidade. Ela tem a função de marcar tanto a identidade individual como a de uma coletividade.” Da mesma forma, Marcos Bagno, em seu livro “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz”, destaca que existem variedades do português, como o falado pelas pessoas da capital e aquele falado pelas pessoas do interior, em diferentes estados, de diferentes maneiras. Pois, aqui, nos recortes das falas que fizemos de alguns personagens, essas marcas estarão claras.

Parafrazeando Medina (2003) fui buscar nas memórias de Sr. Altino, D. Cleide e Sr. Valdeur (entrevistados) as arqueologias de Eldorado, das décadas de 40, 50, 60... porque o tempo histórico é a linha que uso para tecer o presente desse lugar.

Sr. Valdeur narra uma época em que o tempo de plantar e de colher era mais importante que o dos ponteiros dos relógios. E é pela mão dele e de outros narradores que embarco em suas memórias e refaço paisagens, escolas, rostos, sotaques de um lugar longínquo, mas que até hoje deixa marcas em cada morador.

Se de Sr. Valdeur colhi impressões e imagens de Eldorado, ao caminhar com os alunos pelas estradas do lado de fora da Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja e conversarmos, tomarmos sorvete e rirmos juntos, fui colhendo de cada um deles um olhar sobre Itahum; sobre seus modos de viver aquele lugar. Como afirma Medina (2003, p.67) “a linguagem (verbal) sinaliza a identidade cultural”.

Pois foi esse pequeno lugar, Itahum, que fica a 63 km de Dourados - segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul - que me fez viajar de Brasília, enfrentar vôos de madrugada, alugar carro e pegar estrada sozinha, para conhecer a história de uma escola que, pela primeira vez, estava trabalhando com um jornal da grande mídia e, a partir dele, desenvolvendo uma série de projetos com quase a totalidade de seus professores, com exceção dos de matemática.

A ideia inicial desta pesquisa era conhecer de perto essa história e, principalmente, como adolescentes de 13, 14 anos, que nunca tinham tido contato com jornal, começavam a tornar-se autores de jornal mural e até informes distribuídos para a comunidade, a partir de um projeto chamado “Repórter por Um Dia”, coordenado pelo professor de língua portuguesa, Domingo Vega.

O que projetos como esse podem proporcionar de aprendizagens aos alunos? Como passou a ser a relação deles com a comunidade? Como passaram a ver e dizer Itahum a partir desse projeto? É possível apontar alguns de seus resultados?

Ao longo da nossa pesquisa, porém, o projeto foi crescendo, tomando novas proporções, a ponto do jornal “O Progresso”, da cidade de Dourados, de 198 mil habitantes, incorporar as pautas do “Informe A.V.A” (Antônio Vicente Azambuja) (Anexos) e criar a coluna “Itahum Fotos e Fatos”, pautada pela escola e pelos alunos de Itahum, distrito de cerca de 4,5 mil habitantes e que até novembro de 2011 só tinha cinco assinantes do O Progresso.

A dimensão política e cultural desse fato só pode ser mensurada com o tempo, já que o fato ainda é muito recente, mas apostamos em alguns caminhos e queremos compartilhar nossas reflexões com vocês. Para isso dividimos este trabalho em quatro capítulos.

O primeiro busca fazer um resgate da relação jornal e educação e de como isso tem sido trabalhado em termos de referencial teórico. Aqui temos nomes como Mello (1986), Ijuim (2000, 2001), Morduchowicz (1997, 2001), Gonçalves (2008), Gonnet (2004), Freinet (1974) e Korczak (1997), entre outros para discutir e reforçar a importância dos jornais escolares e também falamos de alguns conceitos com os quais trabalharemos, como aprendizagem, na acepção de Vigotski (2008) e também as aprendizagens baseadas no

Relatório Delors (2006), da Unesco. González Rey (2003, 2005, 2008) também entra nesse capítulo com seu conceito de sujeito da aprendizagem, assim como Benjamin (1994) com o conceito de narradores, que tanto serviu de suporte para nossos encontros dialógicos com os sujeitos desta pesquisa, como para a forma como estruturamos todo o nosso trabalho e nossa narrativa. São autores, conceitos e ideias que nos darão suporte em nossa análise.

O segundo capítulo tem a intenção de mostrar Itahum como de fosse possível um passeio pela história e pelo tempo; conhecer seus moradores e sua história, entender um pouco a centralidade da escola no lugar, seu processo de povoamento e como se deu a ascensão e queda de um distrito a partir do momento em que uma estação que dá nome ao lugar fecha suas portas. Um passeio pelos trilhos da memória com ajuda de seus narradores e os historiadores Queiroz (2004), Santos & Queiroz (2006) e Ernandes (2009).

No terceiro capítulo procuramos explicitar o projeto de jornal da Escola Antônio Vicente Azambuja, trazendo nesse momento depoimento de alunos, ex-alunos e pais, mostrando o que pensam do projeto, como se sentem escrevendo sobre Itahum, etc. Também analisamos o Informe A.V.A, desde suas pautas, fontes e possibilidades de vir a ser um jornal diferente, a partir do olhar dos alunos.

Usamos como metodologia para esta pesquisa o estudo de caso e fizemos uso de análise documental (jornal, dissertações, produções dos alunos, projeto pedagógico da escola; projeto do jornal na escola, etc) e grupo focal com alunos, tendo ainda como recurso primordial entrevistas como forma de encontros, como possibilidade de dar voz aos narradores de Itahum, no sentido Benjaminiano.

Os três primeiros capítulos são uma preparação para o quarto e último, que faz uma análise geral do projeto, já que não há a possibilidade de uma conclusão, pois o fato ainda encontra-se em processo, o projeto está ainda em desenvolvimento e amadurecendo. Para isso recorreremos a alguns autores já citados nos capítulos anteriores e agregamos a eles pesquisadores que se debruçam sobre comunicação e mídia, como Marôpo (2008), Cobb & Ross (1976) e Wolf (1995); geografia, como Serpa (2011); participação, como Bordenave (1994) e cidadania, como Resende (1992) e Cerquier-Manzini (2010) etc, que nos ajudaram a compreender o fenômeno que elegemos como tema de estudo nesta dissertação.

NOS TRILHOS DA TEORIA

Mídia e Educação

Para começar é importante esclarecer com que conceito de mídia trabalhamos. Mídia vem do latim *medium*, que significa meio, centro, intermediário. O plural de *medium* é *media*. Depois o termo foi apropriado pelos anglo-saxões que acrescentaram *mass media*, no sentido de meios de comunicação de massa. No Brasil, usamos mídia derivado dos anglo-saxões, representando o conjunto de meios de comunicação de uma sociedade. Gonnnet (2004) também destaca o uso do termo para representar tanto os meios de comunicação quanto as instituições (TV Globo, Rádio CBN, etc.) e ainda as técnicas, como fax e rádio.

O interesse pela relação entre mídia e educação não é novo. Pelo menos desde a década de 30 do século XX existem estudos e pesquisas científicas que se debruçam sobre o tema e tem mudado e gerado novos conceitos. De uma posição em que se pensava o receptor como sujeito passivo, avançou-se em direção ao receptor-autor. Isso se deve, em parte, aos estudos de Recepção na América Latina terem avançado bastante graças a autores como Orozco, Barbero e Canclini, especialmente a partir da década de 80 do século passado.

Segundo Gonnnet é possível distinguir três períodos na reflexão sobre o uso das mídias e seus efeitos:

“passamos assim da crença no grande poder do rádio e do cinema, à quase certeza da manipulação das massas, desde o fim da Primeira Guerra Mundial (o indivíduo reagindo ao condicionamento, aos estímulos, como o cachorro de Pavlov), a uma posição menos segura, onde os sociólogos como Lazarsfeld relativizaram, a partir do anos 40, os resultados anteriores, mostrando notadamente que os receptores das mensagens adotam um comportamento muito mais ativo, por exemplo, no quadro das campanhas eleitorais” (GONNET, 2004, p.19).

Assim como as teorias, conceitos e as tecnologias da comunicação e informação que sofreram mudanças ao longo do tempo, a escola também muda, evolui e, aos poucos, começa a integrar diversas mídias em seus trabalhos e projetos pedagógicos, como rádio, jornais, vídeos, blogs, etc, preparando seus estudantes para um mundo mediatizado.

Segundo Caldas (2006) o uso cotidiano da mídia na sala de aula não deve se resumir à leitura dos veículos impressos ou eletrônicos. A autora defende a importância de o aluno ter contato com múltiplas versões, visões, representações da realidade, para que possa formar sua opinião. Dessa maneira, conseguirá decodificar, interpretar e dar sentido às mensagens midiáticas, além de compreender o poder que tem quem controla a informação e seus efeitos.

Dito de outra maneira, isso significa compreender que a linguagem é ideológica e o mundo que nos chega é editado de acordo com um viés. Daí a relevância de acessar a pluralidade, a polifonia de vozes de vários veículos, constituir um olhar mais crítico e saber dar eco a sua própria voz a partir das possibilidades de autoria que as novas tecnologias oferecem.

Len Masterman (1993), assim como Caldas, defende que a mídia seja estudada nas escolas. Não só pelo tempo que dedicamos aos meios, mas pelo fato deles moldarem de forma significativa nossas percepções e ideias e serem “empresas de conscientização”, que além de informações sobre o mundo também proporcionam maneiras de ver o mundo e entendê-lo. Ele aponta sete razões para se estudar a mídia na escola:

- “1 – O alto índice de consumo dos meios e sua saturação na sociedade contemporânea;
- 2 – A importância ideológica dos meios e sua influência como empresas de consciência;
- 3 – O aumento da manipulação e fabricação da informação e propagação pelos meios;
- 4 – A penetração crescente dos meios nos processos democráticos;
- 5 – A importância crescente da comunicação e da informação visual em todos os campos;
- 6 – A importância de se educar os alunos para que façam frente às exigências do futuro, e
- 7 – O incremento das pressões nacionais e internacionais para privatizar a informação” (MASTERMAN, 1993, p.16).

Um dos autores que mais tem se dedicado a estudar a relação mídia-educação, o italiano Pier Cesare Rivoltella (2002, apud Fantin, 2006), a define como aquela parte da ciência da educação e das práticas educacionais, dedicada à reflexão sobre a mídia e à definição de estratégias para seu uso como recurso para a educação.

Diferente de Caldas, porém, ele destaca que há três abordagens da mídia-educação na escola: a educação com os meios; a educação para os meios e a educação pelos meios. Cada uma com uma abordagem diferente – mas não excludente - dependendo do objetivo do educador.

A nosso ver, inclusive, o ideal é que essas três dimensões sejam trabalhadas conjuntamente, permitindo aos educandos terem uma compreensão do funcionamento da mídia, do processo de produção midiático, da leitura crítica e da apropriação criativa, ou produção de mídia, fazendo com que seja possibilitada a autoria desses sujeitos, que é justamente o que nos propomos a pesquisar.

Belloni (2001) usa o termo Mídia-Educação defendendo a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nos processos educacionais, mas sem deixar de considerar duas dimensões indissociáveis: Ferramentas pedagógicas e objeto de estudo complexo e multifacetado.

Fantin (2006) também se debruça sobre as diferentes abordagens e conceitos que relacionam mídia e educação. E assim como Rivoltella, Belloni e Caldas usam o termo mídia-educação para referirem-se a essa relação, justificando, entre outras coisas que como a relação acontece na interface das duas áreas, colocar as duas palavras juntas seria dar igualdade de espaço aos campos, sem hierarquizar nem um termo em detrimento do outro.

Fantin defende que educar para as mídias:

“implica a adoção de uma postura crítica e criadora de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também” (2006, p.31).

Acrescentamos a essas definições a perspectiva da Educomunicação e recorreremos ao professor e pesquisador da USP, Ismar de Oliveira Soares, para a definirmos. Antes, porém, ressaltamos o fato de que o termo apareceu publicado pela primeira vez no Brasil na revista Contato, em Brasília, mas foi a revista Comunicação & Educação, de São Paulo, que esclareceu o conceito.

De acordo com Fonseca (2004, p.30) foi o pesquisador uruguaio Mário Kaplún que cunhou o termo Educomunicação pela primeira vez, como forma de classificar “toda a ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos”. O sentido do termo era o de Media Education (ou educação para a recepção crítica dos meios de comunicação), como referendado na década de 80 pela UNESCO e ampliado a partir das práticas latino-americanas.

Segundo Soares, a origem do conceito está ligada a práticas sociais na América Latina que foram consolidadas ao longo da segunda metade do século XX. Para o autor, a Educomunicação pode ser conceituada como:

“um conjunto de ações voltadas a criar e desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (2011, p.12).

Ou ainda:

“O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas” (2003, p.22).

A Educomunicação é composta por algumas áreas, segundo Soares (2011): educação para a comunicação, que inclui a leitura e recepção críticas dos meios de comunicação, compreensão de como funcionam, etc; a expressão comunicativa através das artes, que realça o potencial criativo e emancipador das distintas manifestações artísticas; a mediação tecnológica na educação, referente à gestão do acesso e uso democrático das tecnologias na comunidade educativa; a pedagogia da comunicação, que tem um olhar atento à didática e ao trabalho conjunto de educandos e educadores, com opção (quando conveniente) pela pedagogia de projetos; a gestão da comunicação, com planejamento, avaliação do ecossistema comunicativo e análise das melhores intervenções para melhorar a comunicação, a convivência e o uso das tecnologias nos espaços, etc e, por fim, a reflexão epistemológica, com o estudo do próprio fenômeno e sistematização das experiências de inter-relação comunicação-educação.

Segundo a professora e pesquisadora francesa, Geneviève Jacquinot, o professor que atua com a Educomunicação, ou seja, o educador, professor do século XXI tem as seguintes características:

“Tem consciência de que uma educação de massa e multicultural vai além da simples aquisição de conhecimentos escolares;
 Percebe que a riqueza dos meios não está apenas no conteúdo informativo, mas também na maneira como eles fornecem uma representação do mundo;
 Sabe que a introdução dos meios como objeto de estudo não tem por finalidade formar um jornalista (...) mas sim ensinar seus alunos a analisar seja os diversos pontos de vista, seja as montagens do discurso e da cena que constroem as mensagens;
 Aceita um novo referencial para a relação educador-educando. Os novos alunos podem ensinar o professor assim como ensinam uns aos outros e
 Está convencido que a emissão não é um ato passivo (...)” (JAQUINOT, apud VIVARTA, 2004, p.261)

Soares complementa:

“a abertura para o outro; o diálogo na gestão dos conflitos; a capacidade de contextualizar os problemas e encontrar soluções de interesse para a coletividade e o grande poder de acolhida, assegurando adesão de seus interlocutores às propostas que defendem” (2011, p. 65).

Jornal e Educação

Freinet (1974), Mello (1986), Korczak (1997), Morduchowicz (1997, 2001), Ijuim (2000), Faria & Zanchetta (2002), Isaías (2009), Gonçalves (2008) e Bonini (2011) são alguns pesquisadores que têm defendido a criação de jornais escolares e que traremos para nossas reflexões. Também destacamos Gonnet (2004) que ressalta o quanto o jornal escolar pode ser significativo para o aluno, ao respeitar o seu conhecimento, abrir espaço para sua palavra e para o que realmente lhe interessa.

Gonnet (1995) destaca a imprensa na escola introduzindo atualidade naquele espaço. Esta seria uma grande vantagem da produção do jornal, que além de tudo envolve um trabalho em equipe e, portanto, pode proporcionar espaço de debates, democracia, autoria e cidadania, partindo dos interesses dos alunos.

O interesse dos alunos, inclusive, era chave na Pedagogia Freinet (1974). Percebendo que o interesse das crianças estava muito mais no mundo lá fora do que nos textos que não faziam sentido para seu contexto e que eram obrigadas a ler, o educador começou a realizar uma série de ações no intuito de fazer essa criança, esse sujeito diante dele, se expressar, conhecer o mundo, aprender.

Além de outros métodos como a Aula-Passeio, Freinet trabalha, então, o texto livre e a imprensa escolar como forma de estimular uma cultura própria na sala de aula, baseada nos desejos reais dos alunos. Cada criança vira autora e revisora. Há uma liberdade e, com isso, uma responsabilidade em relação a cada texto escrito, revisado e publicado. Um exercício de crítica e autocrítica ao longo do processo de edição. Mais à frente, os textos passam a circular entre as escolas, entre os países, e as crianças percebem que o que escrevem faz sentido para elas e para outros. Isso muda sua relação com a escrita, com a escola.

Há, nesse caso, confiança depositada na criança, que assim como é livre para expressar seus sentimentos, também assume responsabilidades pela gestão da imprensa, do trabalho coletivo, das aulas-passeio, do fundo para comprar papel, da criação de seus próprios manuais escolares, ou seja, havia um espírito de cooperação nas classes freinetianas.

Segundo Sampaio (2007, p. 64) “para Freinet, o papel do professor era o de permitir que seus alunos tomassem decisões e que, acima de tudo, fossem responsáveis pelas atitudes assumidas”.

Importante destacar, porém, que apesar da criança ter liberdade para expressar-se, ela não escrevia qualquer coisa, mas dentro de um contexto que cabia ao professor torná-lo o mais educativo possível. Freinet (1974) afirmava que “a criança já não escreve apenas o que lhe interessa; escreve aquilo que, nos seus pensamentos, nas suas observações, nos seus sentimentos e nos seus actos é susceptível de interessar os seus camaradas e de vir a interessar os seus correspondentes”.

Outro ponto que consideramos fundamental em relação ao jornal escolar e que Freinet desenvolve é que os jornais ao serem produzidos pelas crianças não têm a intenção de substituir ou imitar os jornais do mundo adulto. “São uma produção original que tem a partir de agora suas normas e as suas leis, que tem, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade”(FREINET, 1974, p. 37).

A experiência de autoria, democracia, aprendizagem e cidadania pela qual podem passar os alunos se o trabalho com jornal for bem orientado tem a ver com o fato do jornal não estar, não poder estar, não dever estar “a serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria seu alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida” (FREINET, 1974, p.78).

“Celéstin Freinet defendia o lugar da imprensa na escola, com a convicção de que o ofício de ensinar tinha sentido quando a criança vivia o meio e assim podia pensar em sua transformação” (ISAÍAS, 2009, p.20).

Para nossa pesquisa é interessante destacar que Freinet (1974, p.18) reconhece a existência de jornais escolares antes mesmo da criação de sua imprensa escolar, mas ele os considerava “clandestinos”. Afirmava que eles eram, na verdade, ‘anti-escolares’, porque não se enquadravam num método pedagógico. Eram jornais de grêmios estudantis e existiam independentemente da vontade ou coordenação de algum educador; da atividade de alguma disciplina.

Fazendo uma análise dos jornais escolares de Portugal, que tem tradição na edição desses meios de comunicação, Gonçalves (2008), pesquisador desse país, afirma que a esmagadora maioria deles é de iniciativa da escola (não dos alunos) e que isso pode ser percebido, por exemplo, nos textos publicados que, regra geral, nunca são críticos em relação à escola. Ele afirma ainda que não são comuns nas escolas portuguesas iniciativas de alunos criarem seu próprio jornal, o que reduz a oportunidade de surgirem novas perspectivas e olhares em relação ao ambiente educativo, oportunidades de exercícios de cidadania.

Seriam esses jornais, então, para Freinet, os “verdadeiros” jornais escolares, mesmo não proporcionando um exercício de crítica da escola, por exemplo? Mesmo reduzindo a possibilidade de “exercícios de cidadania” como afirma Gonçalves? É mais uma inquietação que nos leva de volta a nossa questão de pesquisa.

Gonçalves define o jornal escolar como:

“meio de comunicação escrito, editado no contexto de uma organização escolar, produzido pelos seus diversos protagonistas, com uma participação forte e empenhada de alunos e professores, integrado num projecto pedagógico e destinado a informar a escola e a comunidade sobre a vida do estabelecimento de ensino, promovendo a aprendizagem, integração e fomento do sentido da pertença dos alunos” (2008, p.1957).

Na análise que faz dos jornais escolares portugueses, porém, o autor descobre que a participação de elementos da comunidade escolar nesse jornal é muito pequena, o que é um paradoxo, já que um dos objetivos de um jornal escolar deveria ser o de aproximar-se do entorno da escola, refletir sobre sua realidade e dar voz a seus atores.

Gonçalves (2008) divide o jornal em três categorias: O jornal de escola ou de agrupamento, que é institucional e de iniciativa da direção, com a coordenação dos professores; o jornal de turma ou clube, que surge no âmbito de um projeto, disciplina ou clube de jornalismo e que também é coordenado por um professor; e o jornal de alunos, pensado, produzido e coordenado por eles.

A partir dessas definições poderíamos perguntar se há um tipo de jornal que possa ser considerado o melhor para a escola. Gonçalves (2008) afirma que o melhor é aquele que consegue envolver o maior número de alunos em todas as suas fases e processo de produção; que dê voz aos alunos; promova a escola e divulgue suas atividades para a comunidade.

Acrescentaríamos a essas características um jornal que abrisse um canal de diálogo com a comunidade, não só no sentido de divulgar o que acontece na escola, mas refletir o que acontece na própria comunidade da qual a escola é parte integrante, abrir espaço para a voz da comunidade.

Para Gonçalves, o jornal escolar:

“aproxima alunos de professores, ultrapassando e abolindo barreiras, construindo um novo paradigma de relacionamento, promovendo e desenvolvendo a aprendizagem, a investigação, a leitura e a escrita, o contacto e o estreitamento de laços entre a escola e a comunidade. É também um espaço de formação e exercício da cidadania, uma cidadania activa e empreendedora, que ajuda a crescer os alunos, capacitando-os para uma adesão plena à sociedade de onde emergem, escrevendo para terceiros, discutindo e partilhando opiniões, trabalhando em equipe, potenciando as virtudes e capacidades individuais, arrastando para a escola os problemas, as preocupações e a discussão dos grandes temas da comunidade, do país e do mundo, levando também para outros contextos as angústias, os problemas e o que de bom se faz nas escolas” (2008, p.1957).

Importante ressaltar, porém, que apesar de todas essas possibilidades a produção do jornal escolar pode ter alguns problemas, destacados por Bonini (2011): a reprodução de matérias ou risco de virarem apostilas de disciplinas, com a publicação de resumos de aula; o risco de ficarem muito voltados a apenas um grupo restrito de receptores, perdendo o carácter de socialização que o veículo pode explorar; e o risco de haver textos muito pessoais de alunos, brincadeiras e piadinhas que não trazem novidade (como veremos adiante em pesquisa de Melo), não incita à participação e à formação cidadã.

Complementamos com outro risco, que é a imitação acrítica de padrões da grande mídia, o que, para nós, diminuiria a possibilidade criativa desses adolescentes encontrarem uma linguagem própria, de experimentarem.

Bonini afirma que o jornal ideal seria aquele que consegue equilibrar o papel de instrumento pedagógico e objeto de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, ser meio de interação. É possível ser objeto de ensino-aprendizagem sem que se perca a espontaneidade que a autoria de um jornal estudantil permite? Procuramos responder questões como essas a partir de nossa investigação.

Melo (1986), na obra “Comunicação e Educação - Caminhos Cruzados”, uma das pioneiras no debate acerca da relação Mídia-Educação, já defendia o jornal escolar como forma de aproximar professor-aluno, mudando relações autoritárias e unidirecionais que possam existir entre esses sujeitos e estabelecendo uma relação didática na qual ambos alternem entre si o papel de educador e educando. A autora também defende que o jornal

escolar possa ser o espaço de discussão de temas de interesse dos alunos que não são discutidos em sala de aula.

Na mesma obra Melo (1986) cita uma pesquisa que realizou em escolas de Vitória (ES) as quais desenvolviam jornais escolares. A pesquisa aponta que, em sua maioria, esses impressos não têm demonstrado preocupação com o meio ambiente ou demonstram alguma atitude mais crítica e cidadã por parte dos alunos. Um ponto que merece atenção é que os jornais analisados, segundo Melo, pouco têm contribuído para o desenvolvimento escolar do aluno, já que cerca de 90% de seu conteúdo é dedicado a entretenimento, fofocas e brincadeiras com alunos e professores.

Outro ponto relevante a ser considerado é que, teoricamente, esses jornais por serem escritos pelos alunos, deveriam espelhar suas preocupações e anseios, temas que os têm mobilizado. Porém, o que se percebe é que devido a estrutura do jornal, com editorias que reproduzem a grande imprensa, e também por causa da interferência dos professores, eles não conseguiam retratar o que gostariam, da forma como gostariam. O jornal, assim, deixa de ser um canal de comunicação entre a comunidade escolar para apenas reproduzir a grande mídia.

Acreditamos, assim como Barbalho & Sousa, que:

“No movimento de libertação da fala, no direito à opinião e, conseqüentemente, na construção de espaços públicos na escola, os jornais estudantis significam uma conquista fundamental para a juventude das classes populares.” (2009, p.12)

Vale ressaltar também o que Melo entende por jornal escolar para vermos o quanto essas definições ainda carecem de uma normatização. Para a autora:

“Entende-se por jornal escolar o periódico feito pelos alunos - desde a elaboração da pauta até a impressão [...] -, sem interferência da escola no que diz respeito ao conteúdo e sua linha editorial e que atue como um instrumento pedagógico a serviço dos alunos, através do qual poderão trazer suas experiências e preocupações para dentro da escola” (1986, p.102).

Mais que saber o que Melo considera como jornal escolar, também vale a pena refletir sobre o que não é considerado jornal escolar para sua pesquisa. E, nesse ponto, ela

segue a linha de Freinet num primeiro momento, para depois negá-la, ao dizer que não são escolares aqueles jornais que são definidos pelo corpo docente:

“não se considera jornal escolar o jornal dos grêmios estudantis [...] por não se inserirem em um método pedagógico e por terem um caráter essencialmente político. Da mesma forma, são desconsiderados os jornais da escola que, mesmo tendo participação estudantil, são definidos pelo corpo docente e/ou administrativo da escola”(1986, p 102).

Para efeito de nossa pesquisa vamos considerar o Informe A.V.A como jornal escolar porque é como o denominam na escola onde fomos pesquisar. Apesar de haver diferentes usos para jornal estudantil, jornal escolar ou jornal da escola, consideramos que mesmo de diversas maneiras ou objetivos, ainda assim há autoria dos alunos. Com ou sem um direcionamento e/ou orientação dos professores que possam estar coordenando o trabalho.

O que vamos procurar perceber é se os jornais produzidos por alunos podem gerar implicações no seu modo de aprender, na maneira como se colocam perante o conhecimento, na sua relação com a comunidade escolar e na reflexão sobre seu contexto de escola e de vida.

Outro educador que também apostou na imprensa escolar como meio de expressão das crianças e dos jovens, partindo de seus interesses e saberes foi o médico e educador polonês Janus Korczak. Assim como Freinet, Korczak (2006, SOBREIRO) estava insatisfeito com o sistema escolar de seu país e acreditava que os estudantes deveriam aprender a expressar mais suas ideias, a ter mais liberdade, a tornarem-se cidadãos responsáveis e livres.

Segundo Chevenz, Famery & Clemi (2005), a diferença entre Freinet e Korczak é que este último também organizava o jornal escolar (na verdade mais de um era editado no seu orfanato em Varsóvia) para estimular debates entre as crianças sobre a organização do trabalho no orfanato, sobre as aulas, cantina, regras de convivência, além de ser uma espécie de diário de tudo que acontecia na escola.

Foi no Lar das Crianças que Korczak colocou em prática seus ideais de educação (2006, SOBREIRO). O ambiente era de uma república na qual conviviam um método de

ensino que deveria agradar as crianças, unindo princípios de justiça, fraternidade e igualdade de direitos, além das obrigações de cada estudante. O jornal ali era um importante instrumento para se alcançar esses objetivos, além de ser o órgão de informação do lugar, no qual, educadores e educandos trabalhavam conjuntamente.

A importância que Korczak dava à imprensa escolar era tão grande que a sua república infantil acabou tendo dois jornais. Um deles era 'A Pequena Supervisão', bancado pelo próprio educador, que pagava às crianças para que colaborassem com o impresso. Além deste, que recebia contribuições e cartas de vários lugares da Polônia, havia também 'O Semanário', considerado o jornal oficial do Lar das Crianças, com as notícias de todos os fatos importantes da semana. Ele era lido publicamente todos os sábados (SOBREIRO, 2006).

Já no jornal 'A Gazeta', também produzido no orfanato de Korczak, as crianças eram estimuladas a escrever críticas, a tornar pública alguma opinião sobre o professor, a compartilhar algum momento em que se sentiu ofendida, etc.

Segundo Korczak:

“Todas as instituições educativas deveriam ter seu próprio jornal (...) O jornal (...) é o elemento de ligação entre uma semana e outra, como os elos de uma mesma corrente, que estreita os liames da solidariedade entre as crianças, os funcionários e os empregados. Cada nova iniciativa, cada reforma, cada problema que aparece, cada reclamação, encontra imediatamente o seu eco sob a forma de uma nota curta, de um pequeno artigo ou de um editorial” (1997, p.331).

Roxana Morduchowicz (2001), coordenadora do programa “Escuela y Medios”, do Ministério da Educação da Argentina, aponta as razões pelas quais o jornal deve ser usado na educação: o fato do conhecimento ser cada vez mais mediatizado faz com que haja a necessidade dos meios de comunicação constituírem-se objeto de estudo, já que são determinantes em nossa maneira de adquirir, transmitir e construir informações, saberes e conhecimentos acerca do mundo. Os meios também aproximam mundos e culturas, fazendo com que vivamos em uma aldeia global, por isso, além da escola, também conhecemos muito pelos meios, e precisamos compreender essa possibilidade que oferecem.

Outra razão apontada por Morduchowicz (2001) é que a escola pode ajudar a corrigir a concentração de informação que há na sociedade. Da mesma forma, também pode orientar os alunos a acessar, selecionar e usar melhor as informações e de forma crítica. Por fim, como os meios modificam nossa percepção da realidade é importante desnaturalizá-los, entender como eles constroem as representações do mundo em que vivemos.

Para além das razões apresentadas por Morduchowicz há o fato dos jornais levarem para a sala de aula a vida que pulsa fora dos muros da escola e das páginas dos livros didáticos, possibilitando que educadores e educandos relacionem os conteúdos escolares com a realidade.

Kaplún (apud BORTOLIERO, 1996) também defende o jornal na escola. Para ele era vital tornar o receptor mais ativo e mais crítico e para isso o jornal podia cumprir um papel fundamental tanto no aspecto psicológico como pedagógico, tornando-se meio de expressão e vida do aluno. Para ele, o texto de uma criança deveria ser lido não apenas por seus educadores, mas por seus pais, amigos, vizinhos e até mesmo as pessoas mais distantes, daí a importância de ser divulgado pela imprensa. A criança deveria escrever para ser lida por todos.

Assim como Kaplún, tanto Korczak - para quem a comunicação sempre foi compreendida como parte integrante do processo educacional - quanto Freinet proporcionaram aos estudantes, por meio do jornal, a possibilidade de escreverem e se expressarem livremente. Aí talvez resida o ápice da democratização dos meios para esses autores. Sobreiro (2006) afirma que, nesse momento da realização do jornal, irradia-se um sentimento coletivo de cidadania que pode alcançar também professores, pais e jornalistas que cercam o processo.

O interesse pela utilização das mídias é cada vez maior no mundo inteiro. Ele existe em âmbitos governamentais, privados e no terceiro setor, que é responsável por muitas das iniciativas desenvolvidas no Brasil.

No âmbito das empresas privadas podemos destacar o trabalho da Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias (WAN-IFRA na sigla em inglês), com sede em Paris,

que coordena o *Newspaper in Education Program* (Programa Jornal e Educação), programa desenvolvido por centenas de jornais em cerca de 80 países, inclusive no Brasil, onde é coordenado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ). O objetivo geral desse trabalho é a formação de leitores críticos e cidadãos do mundo a partir do uso do jornal da grande mídia na escola. No Brasil, por exemplo, são cerca de 50 jornais que desenvolvem Programas de Jornal e Educação em parceria com escolas, levando jornais para as escolas e estimulando a leitura crítica e autoria (num segundo plano). De acordo com o último levantamento feito pela ANJ, em 2008, naquele ano foram alcançados pelo programa cerca de 1.800.000 alunos nas cinco regiões brasileiras.

De forma geral - porque os programas são diferentes uns dos outros - os jornais que participam desse projeto enviam exemplares para as escolas e desenvolvem formações para que os educadores possam trabalhar com o jornal na sala de aula, além de proporcionarem espaços editoriais para que as escolas publiquem suas ações e alunos suas produções, seja em colunas e/ou páginas no próprio jornal ou ainda em suplementos especiais com periodicidade fixa e que são enviados às escolas. Ainda existem blogs e sites com áreas para cursos em Educação a Distância (EAD) e divulgação das ações dos programas.

O projeto “Repórter por Um Dia” que investigamos na Escola Antônio Vicente Azambuja, em Itahum/MS, é um dos desdobramentos do programa “O Progresso Ensinando a Ler o Mundo”, um dos 50 projetos da Associação Nacional de Jornais.

Como política pública destacamos o trabalho do CLEMI (Centro de Ligação do Ensino e dos Meios de Informação - <http://www.clemi.org>), ligado ao Ministério da Educação francês, que oportuniza aos educadores franceses a formação para o uso de mídias na sala de aula, com destaque para o jornal. Em sua hemeroteca há milhares de jornais escolares feitos em todas as regiões da França por alunos que se tornam mais participativos e passam a ler e compreender melhor as mensagens do mundo, segundo depoimento colhido *in lócus*, quando lá estive em outubro de 2010, em Paris, quando fui recebida pelos diretores do centro numa visita como Coordenadora Executiva do Programa Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais do Brasil e interessada numa possível pesquisa franco-brasileira.

Também como política pública há na Argentina o programa *Escuela y Medios*, desenvolvido pelo Ministério da Educação. No Brasil há programas do MEC como “TV Escola”, o “Mídias na Educação” e o “Mais Educação”, este último oferecendo, entre outras possibilidades, atividades como o uso da mídia no contra turno de escolas de Educação Integral.

Isso sem falar nas inúmeras experiências de ONGs que têm tido um importante papel da descentralização e democratização da comunicação a partir de projetos que unem mídia e educação numa proposta de autoria. Como alguns exemplos temos a Bem-TV, no Rio de Janeiro; a Auçuba, em Pernambuco; a Cipó, na Bahia e a Comunicação e Cultura, no Ceará, que desenvolve o maior programa de jornais escolares do país.

Em termos de documentos oficiais também podemos observar como a Lei de Diretrizes e Bases - LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs têm falado na utilização de textos do mundo, formação de leitores mais críticos e alunos mais autônomos a partir da mídia. Na mensagem de abertura dos PCNs de Língua Portuguesa para 1ª a 4ª série, dirigido aos educadores em 1998, lemos:

“Nosso objetivo é auxiliá-lo na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade (...) é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (1998, p.5).

E ainda no capítulo “Que escrita cabe à escola ensinar”, os PCNs orientam:

“Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender (...) A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno” (1998, p.34).

Poderíamos citar ainda documentos internacionais como o Relatório Jacques Delors para a Educação, de 1996 e a Declaração de Grunwald, assinada por unanimidade por 19 representantes de nações presentes ao Simpósio Internacional sobre Educação para as

Mídias da Unesco, em Grunwald, Alemanha, em 1982, além do trabalho de organismos internacionais como a própria UNESCO, que tem dedicado parte de suas pesquisas e publicações à relação Mídia e Educação, desde uma perspectiva de democratização da comunicação a educação para a mídia e estudos sobre os hábitos de consumo midiático de crianças e jovens. Muitos deles, inclusive, mostram como esse público está se apropriando cada vez mais dos meios e cobrando espaços de autoria e representação.

Como exemplos citamos os livros “Perspectivas sobre a Criança e a Mídia”, que mostra como é o uso de mídia pelas crianças no mundo, direitos das crianças, recepção e influência das mídias no público infantil etc; “A Criança e a Mídia – Imagem, Educação, Participação”, que revela a imagem da criança na mídia em vários países, o protagonismo de crianças e jovens que produzem vídeos, jornais e programas de rádio e a educação para a mídia no mundo, entre outros assuntos; “Media and Information Literacy – Curriculum for Teachers”, que propõe um currículo para os educadores tratarem de mídia nas escolas; e “Liberdade de Informação: um estudo de direito comparado”, do especialista Toby Mendel, que esteve em meados de 2012 em Brasília num seminário sobre Classificação Indicativa, analisando os avanços brasileiros na área e fazendo uma comparação do país com outras democracias.

Narradores

No texto "O Narrador", que está no livro “Obras Escolhidas”, Walter Benjamin (1994) afirma que a arte de narrar está em vias de extinção, “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (p. 198)”.

E é justamente essa troca de experiências que vai passando de pessoa para pessoa, a fonte de todos os narradores. Além disso, a narração constitui uma necessidade vital, segundo Medina (2003), uma forma de resposta humana frente ao caos, de produção cultural, afirmação. “A arte de narrar acrescentou sentidos à arte de tecer o presente”. (p.48)

Benjamin diz ainda que as melhores narrativas escritas são aquelas que menos se diferenciam das histórias orais. E foi o que procuramos fazer em nossas conversas com os narradores de Itahum. E que as narrativas sempre possuem uma espécie de "senso prático", como se os narradores pudessem, a partir do que dizem, dar conselhos:

"O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se dar conselhos parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos, nem aos outros (...) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção" (1994, p.200).

A informação - gerada pela imprensa -, segundo Benjamin, seria uma das causas das "vias de extinção" da narrativa. E aqui é muito interessante observar a crítica que o autor faz à quantidade de informações do mundo todo que temos diariamente, mas a falta de grandes histórias, de narrativas impactantes.

Ao contrário da narrativa, a informação tem que ser plausível, dar explicações, deixar tudo às claras. Cabe ao narrador, porém, narrar o miraculoso, o extraordinário, deixando que as interpretações fiquem a cargo de cada ouvinte ou leitor. Dessa forma, a história ficará gravada mais facilmente na memória de cada um que o ouve e lê.

Medina (2003), em "A Arte de Tecer o Presente", procura justamente instigar uma reflexão sobre como a mídia tem trabalhado as narrativas de forma "objetiva" e perdido com isso a profundidade das subjetividades, o diálogo; deixado que o encontro com o outro seja suplantado por esquemas de entrevistas e pré-pautas que não dão espaço para o novo, para o inusitado, para vozes não oficiais. Ela defende uma nova forma de narrar o cotidiano que valorize seus protagonistas.

Trouxemos Benjamin e Medina para nossas reflexões e método de pesquisa porque todo nosso estudo de campo baseou-se em ouvir narradores de uma cidade, de uma escola; em ler e interpretar a narrativa que alunos fazem de seu lugar; perceber como compreendem e expressam sua comunidade e seus problemas e os tornam públicos. Seja no jornal mural da escola, seja no Informe voltado à população do lugar, seja nas páginas de um

grande jornal. Como um lugar chamado Itahum é narrado a partir do olhar de narradores que não são considerados normalmente vozes oficiais na grande mídia?

Para Medina:

“É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem representar na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo. Da objetividade esquemática e burocrática de uma notícia à complexa e surpreendente subjetividade dos que vivem aqueles acontecimentos. Da fragmentação das ações humanas à sua contextualização na rede de forças que lhe é subjacente. Do aleatório de um momento avulso à trama de tempos que afloram no presente. Da hegemonia dos fatores econômicos que determinam o raciocínio de causa e efeito, à sutileza das inter causalidades. E, acima de tudo, a força das identidades culturais na Produção simbólica” (2003, p.93).

Complementamos o texto acima, de Medina, com uma citação de Benjamim, como se os dois pudessem se complementar. Como se tivessem sido escritos para estarem juntos, compondo o mesmo espaço. Provocamos o encontro dos dois e, agora, neste momento, Benjamim diz que:

"Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (...)" (1994, p. 205).

Infelizmente, a nosso ver, não se ouvem mais narrativas entregando-se a elas. As pessoas buscam apenas informar-se, deixando para trás uma riqueza em forma de histórias e trocas que esperam ser contadas. Para que isso aconteça é preciso, de certa forma, provocar as pessoas.

Citando Paul Valéry, Benjamin (1994, p.206) destaca o que, para nós, é uma das mais profundas passagens do texto: "já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado".

Autoria

Para ser autor é importante conhecer o mundo em que se vive, ser também um leitor crítico da palavra, da imagem, do mundo. Perceber como muitas vezes a visão que temos de nossa realidade é não só mediada pela linguagem, mas mediatizada. Daí a importância de desnaturalizar esse mundo representado pela mídia, fazer novas leituras e acrescentar a própria.

Graça Caldas afirma que:

“Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes a ler o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito de sua própria história. A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade” (2006, p.129).

Quando um educador respeita a singularidade de seu aluno e estimula sua autoria pode gerar uma alteração da relação desse sujeito com a palavra, com sua história. Segundo Riolfi, pode ainda:

“restaurar a discursividade que garanta o cumprimento do contrato implícito à entrada do sujeito na aula [...]: o de que ele está sendo convidado a aprender a escrever as suas palavras e não apenas a servir de escriba da palavra do outro”. Deste modo, o sujeito pode “vir a alterar sua relação com sua palavra, sua história, sua vida” (RIOLFI 2003, p.48, apud GAIA, 2006).

Pinto afirma que a participação faz com que haja o:

“reconhecimento de que, no centro da acção educativa, como da prática comunicativa, está o sujeito. Tal orientação convoca os media a assumir as suas responsabilidades face à sociedade e convoca igualmente os mais novos e os mais crescidos a valorizar práticas de expressão e de participação, verdadeiros requisitos de uma cidadania activa e esclarecida” (PINTO, 2003, apud CARNEIRO, 2005, p.131).

Recorrendo a Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1987) destacamos que uma educação que se quer problematizadora estimula o diálogo, o questionamento. Freire também defendia em “Extensão ou Comunicação” (2002) que para formar educandos críticos a elaboração do jornal escolar poderia ser um instrumento para motivar a sua escrita, a sua palavra, possibilitando que os educandos expressassem sua visão de mundo. Dessa forma, poderiam defender-se melhor da invasão cultural na qual os indivíduos apenas escutam as palavras dos invasores e são proibidos de pronunciar a sua.

O processo de elaboração do jornal escolar – debatido entre professores, alunos e comunidade escolar - teria ainda o importante papel no estabelecimento de ambientes onde o diálogo tivesse centralidade e a escola, por exemplo, pudesse ser mais democrática.

Segundo Ijuim (2000, p.6), “percebendo os meios de comunicação de uma forma mais crítica e tornando-se produtores da informação, os educandos poderão se ver no papel de protagonistas sociais”. Complementando, Isaías (2009, p.114) afirma também que “as publicações escolares [...] são espaços de encontro [...] que formam leitores e escritores do cotidiano”.

Como não se pode falar em imprensa escolar sem tocar no nome de Freinet (1974), vale lembrar que a proposta do educador era que a criança criasse seu próprio jornal a partir de seu olhar sobre o contexto em que vivia, sua leitura de mundo, fazendo com que houvesse não apenas o surgimento de vários pequenos autores, como também o estímulo à leitura e à escrita.

Complementamos essa ideia de autoria partindo de Fernandez, que vai ao encontro do que queremos investigar e do que acreditamos que a autoria de um jornal estudantil possa proporcionar:

“O conceito de autoria implica considerar o espaço existente entre a obra e seu produtor, ou seja, o sujeito é reconhecido como autor da obra e, ao mesmo tempo, esse autor é produzido quando se reconhece criando, isto é, quando sua obra mostra algo novo dele mesmo. O processo de autoria baseia-se no exercício da liberdade que implica o reconhecimento pelo próprio indivíduo, de suas múltiplas possibilidades – fundamentalmente a de fazer escolhas” (FERNANDEZ, apud SCOZ, 2009, p.103).

E ainda:

“Alguns estudos de Fernandez mostram que a maioria das crianças (e certos adolescentes e adultos) com dificuldades de aprendizagem também apresentam dificuldades para se reconhecerem autores de sua própria produção, seja ela um texto escrito, uma história relatada, um desenho, um exercício de matemática (...) a autora acrescenta que o reconhecimento da autoria de pensamento também é necessário para que crianças, adolescentes e adultos possam encontrar nas escolas um lugar de reflexão” (FERNANDEZ, 2001, apud SCOZ, 2009, p.104).

Falando em autoria também queremos destacar Bakhtin (apud BRAIT 2009, 2010a, 2010b) e sua concepção de linguagem como fenômeno e gênero discursivo, marcados pelo dialogismo e a polifonia. Assim como também por sua finalidade ou propósito discursivo que lhe dá uma função sócio-ideológica.

Todo enunciado, os textos que nós produzimos (orais, escritos ou audiovisuais) são sempre réplicas de outro enunciado, segundo a dialogicidade da linguagem proposta por Bakhtin. Por isso a língua não pode ser dissociada de seu contexto cultural, de seus falantes, de seus lócus. Eles se originam de diferentes necessidades que surgem na comunicação humana.

Segundo Carneiro Rosa:

“A sociedade estrutura práticas sociais a partir da forma como lida com a linguagem, o que deixa explícito os lugares sociais ocupados pelos falantes. Nisso estariam claras as relações de poder e hegemonia construídas em todas as esferas comunicativas e hoje, em especial, pelos textos midiáticos” (2008, p.3).

Para Bakhtin é importante analisar os gêneros discursivos à luz de seus contextos, relacionados às práticas sociais, no interior da cultura de cada falante/autor. Assim como Vigotski, Bakhtin tem uma visão sócio-histórica e cultural do sujeito que aprende, e a língua, para ambos, é um objeto de conhecimento.

Relacionar de que maneira contexto, práticas sociais e discurso ‘produzem’ um lugar a partir do jornal - meio usado pelos alunos – pode mostrar de que modo a escola tem conseguido romper a hegemonia da grande mídia e dar visibilidade ao seu discurso e à

construção do espaço social que é Itahum, com as características e os problemas que lhe são próprios, e poder cobrar direitos negados a essa população, antes sem um instrumento que lhe desse voz, como os jornais da escola.

Aprendizagens

“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.” (FREIRE, 2003: 51)

Para trabalhar com aprendizagem relacionaremos o conceito de Vigotski e as recomendações do Relatório Jacques Delors (2006) a respeito das quatro aprendizagens fundamentais na vida de um sujeito: *Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver Junto e Aprender a Ser.*

Sobre o conceito de aprendizagem, Vigotski diz que:

“aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (2007, p.103).

Ou seja, a hipótese de Vigotski é que a noção de processos de desenvolvimento não coincide com processos de aprendizado; os primeiros são mais lentos.

“Aprendizagem é um processo de apropriação de conhecimento, habilidades, signos, valores, que engloba o intercâmbio ativo do sujeito com o mundo cultural onde se está

inserido.” (Nunes & Silveira, 2009, p.103). É a partir da utilização dos signos que o sujeito pode atuar no mundo e compreender sua realidade.

Na mesma linha, Tacca (2008, p.48) afirma que “a estratégia pedagógica não pode ser simplesmente um recurso externo, algo que movimenta o aluno em direção ao conhecimento. Em uma outra perspectiva, ela se orienta para a relação social que passa a ser uma condição para a aprendizagem.”

Vigotski em sua obra “Pensamento e Linguagem” (2008) ressalta o papel da linguagem e das interações com o outro, o intercâmbio social para que haja situações de aprendizagem. Para o autor, é preciso haver envolvimento, compromisso tanto do educando quanto do educador para que a aprendizagem aconteça. Um intercâmbio que tem a ver com a própria palavra em russo, *Obucheine*, cuja etimologia refere-se ao processo ensino-aprendizagem e não somente à última.

Da mesma forma, também chama atenção para a relevância das experiências pelas quais passam os alunos antes de chegarem à escola. Reconhece o papel essencial que ela tem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos mesmos, assim como a não separação entre emoção e cognição, afeto e intelecto no processo de aprendizagem.

Vigotski afirma:

“A primeira questão que emerge (...) quando consideramos a relação entre pensamento e linguagem com outros aspectos da vida e da consciência, tem a ver com a conexão entre o afeto e o intelecto. Entre os maiores defeitos das aproximações tradicionais ao estudo da psicologia tem estado o isolamento dos aspectos intelectuais dos aspectos afetivos e volitivos da consciência. A inevitável consequência do isolamento dessas funções tem sido a transformação do pensamento num fluxo autônomo. O pensamento em si mesmo torna-se o pensador dos pensamentos. O pensamento estava divorciado da vitalidade da vida, dos motivos, interesses e inclinações das pessoas” (1987, p. 50 apud REY, 2009, p. 129).

Segundo Nunes & Silveira (2009, p.106) “o aprender está vinculado ao reconhecimento das potencialidades e diferenças dos alunos, à ação do sujeito frente aos desafios lançados pela situação de ensino e à mediação do outro”.

E para deixar claro o que entendemos e usamos nessa pesquisa como sujeito e sujeito da aprendizagem, recorremos a González Rey:

“A categoria de sujeito implica necessariamente a de participação, pois ele está situado em uma região de prática social [...] O sujeito é o indivíduo comprometido de forma permanente em uma prática social complexa que o transcende e, diante disso, tem de organizar sua expressão pessoal, o que implica a construção de opções pelas quais mantenha seu desenvolvimento e seus espaços pessoais dentro do complexo dessas práticas...As opções feitas pelo sujeito não são simplesmente opções cognitivas dentro do sistema mais imediato de contingências de sua ação pessoal, mas verdadeiros caminhos de sentido que influenciam a própria identidade de quem as assume e que geram novos espaços sociais que supõem novas relações e novos sistemas de valores” (2003, p.238-9).

Ainda sobre o sujeito que aprende González Rey afirma:

“Enfatizar o conceito de sujeito que aprende leva-nos a destacar aspectos subjetivos da aprendizagem até hoje muito pouco considerados nas práticas pedagógicas. Quais são esses aspectos? Em primeiro lugar, o caráter singular do processo de aprender, o que vai implicar romper definitivamente com a representação do ensino como exposição do mestre que estimula uma posição passivo-reprodutiva em relação com o aprendido. (...) pensar o aluno como sujeito da aprendizagem vai implicar o aluno com suas experiências e ideias no espaço do aprender (...) o que nos leva a uma outra consequência: a compreensão da aprendizagem como uma prática dialógica” (2008, p.38).

E mais:

“O aluno torna-se sujeito de sua aprendizagem quando é capaz de desenvolver um roteiro diferenciado em relação ao que aprende e a se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendizagem” (2008, p.40).

Para aprender, é necessário que tanto alunos quanto professores participem ativamente do processo, gerem intercâmbios, situações de diálogo, expressões criativas, respeitando sempre a palavra, o discurso, a singularidade de cada um. Um processo que permite que professores e alunos aprendam juntos, compartilhem significados. Esse compartilhar é justamente a maior implicação da interação social para Vygotski, e que, neste caso, pode ser estimulado a partir da autoria de um jornal escolar/estudantil.

Ijuim (2000) ressalta que “educadores que adotam a teoria sócio histórica de Vigotski têm avançado na produção de jornais, especialmente quando atentam à recomendação de Vigotski de analisar processos e não objetos”. Ou seja, analisar o processo de produção do jornal e não o produto em si, pois é no processo que o aluno desenvolve-se.

Ijuim (2001) tem defendido que o jornal passe de uma concepção de instrumento didático, oriundo de uma lógica racionalista-instrumental para instrumento complexo, para que não se caia no risco de se ter no jornal uma técnica a mais para aquisição de conteúdos.

González Rey afirma que tornar-se sujeito da aprendizagem vai envolver o professor como facilitador, não transmissor de conhecimento. E mais! Implica leitura, e creio que podemos completar produção e autoria:

“A produção intelectual nova alimenta-se não só de um posicionamento diferente do aluno em relação com o que aprende e se sua capacidade para participar de forma reflexiva e criativa na aprendizagem, mas também do conhecimento permanente do novo material que ele vai usar em novas produções de pensamento. O pensamento novo precisa alimentar-se de novas e inúmeras fontes de informação, as quais ajudarão a aparição e precisão de novas ideias dos alunos” (2008, p. 41)

É o aluno que aprende e deve ser sujeito do seu processo de aprender! É esse sujeito de sua aprendizagem, narrador (nos termos benjaminianos) de sua história, que vamos identificar em nossa pesquisa.

Por fim, destacamos Mitjás Martínez quando se refere à aprendizagem criativa como a que se resinifica em cada sujeito, que se produz com nova coloração em cada educando, capaz de dar-lhe um sentido e representações próprias. Segundo a autora:

“Se o aluno apenas acomoda, repete, copia e conserva as informações que recebe, ele se limita àquilo que o professor lhe oferece. Para avançar, ele precisa incluir-se, personalizar, transformar, ampliar, o que implica algum grau de desprendimento, capacidade de superação, audácia, segurança, confiança nas suas possibilidades, etc”. (2009, p.160)

Essa implicação do sujeito em sua aprendizagem está contemplada também nas recomendações do Relatório Jacques Delors (2006), pela compreensão explicitada nesse documento da importância da educação trabalhar no sentido de preparar as pessoas para conhecer o mundo e saber se locomover (física, social e culturalmente) nele.

Cabe à educação, segundo o relatório “encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações (...) que invadem os espaços públicos e privados” (2006, 10ª ed., p. 89).

Não faz sentido um indivíduo receber uma enorme quantidade de informações no início de sua formação porque assim como o mundo, a sociedade, as informações e a própria educação mudam constantemente. Daí a importância de uma educação ao longo da vida e, por isso mesmo, das quatro aprendizagens fundamentais que devemos ter, segundo o Relatório Jacques Delors: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver Juntos e Aprender a Ser.

É a partir dessas quatro aprendizagens que analisaremos nossos sujeitos. Para tentar avaliar se o jornal estudantil e as relações e reflexões que ele possibilita podem ser consideradas aprendizagens, se têm implicações sociais, pedagógicas, culturais e sociais em seus autores e na comunidade escolar e estimula seus autores a descobrir e/ou fortalecer seu potencial criativo dentro do âmbito escolar, encarando a educação aqui em toda sua plenitude, não apenas em seu aspecto cognitivo.

Segundo o Relatório Jacques Delors (2006), *Aprender a Conhecer* implicaria o domínio de determinados instrumentos para conhecer, para aprender. Não a aquisição de um “repertório de saberes codificados” (p.90), porque os saberes evoluem constantemente. *Aprender a Conhecer*, supõe, antes de tudo, aprender a aprender.

Aprender a Fazer, de acordo com o relatório, seria não mais preparar alguém para fazer algo material específico, mas ir além dessa mera transmissão de práticas e fazeres. Já *Aprender a Viver Juntos*, especialmente numa sociedade globalizada como a nossa, é outra exigência que nos é colocada na atualidade e é um dos grandes desafios da educação. O

respeito ao outro, o trabalho colaborativo, a comunicação devem ajudar na descoberta do outro e na compreensão da nossa interdependência.

Por fim, *Aprender a Ser* segundo o Relatório Delors (2006) é desenvolver-se integralmente, aprender a ter pensamentos autônomos e críticos, a agir conscientemente em diversos momentos da vida e tomar decisões próprias. Ou seja, ter personalidade própria. Para isso, é preciso ensinar as crianças, desde cedo, a buscar referências, a discernir informações, a se colocarem crítica e criativamente, a terem discernimento e responsabilidade. Esse desenvolvimento do ser humano acontece do nascimento à morte e é um processo dialético “que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro.” (p.101)



Caminho para Itahum (Foto 1 – Cristiane Parente/Outubro 2011)

CHEGADA A ITAHUM - DIÁRIO DE BORDO

O encontro humano que transcende o utilitarismo do momento ultrapassa a eficiência técnica, a velocidade tecnológica ou a racionalização da mentalidade vigente. O diálogo da comunicação coletiva se torna possível nas sagas do cotidiano, e a autoria poética do mediador surge da partilha dos desejos anônimos. (Medina, 2003, p. 76)

Para falar de Itahum, além de nossos olhares, percepções e documentos históricos, recorreremos aos narradores no sentido benjaminiano da palavra, a relatos orais de pessoas que viram a cidade transformar-se. Cresceram sobre o solo de Eldorado, Itahum. Participaram de suas lutas, conquistas e viram seus momentos de declínio. São pessoas como Sr. Valdeur que este ano completa 80 anos; Sr. Altino, 65 anos, presidente da Associação dos Moradores de Itahum, morto em fevereiro deste ano num trágico acidente de carro e D. Cleide, primeira diretora da Escola Antônio Vicente Azambuja, entre outros.

Neste Diário de Bordo compartilhamos o caminho de descoberta que fizemos de Brasília a Itahum nos dois momentos em que estivemos naquele lugar. Cada encontro,

pessoa, paisagem, emoção, nota que escrevemos para este trabalho de escavação de uma história feita com muitas histórias e que esperemos que nossos leitores-autores também embarquem nelas.

Sáimos de Brasília num dia de setembro de 2011 por avião com destino a Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. Depois de quatro horas de espera entre meia-noite e 4h da manhã, pegamos o único vôo entre Campo Grande e Dourados, segunda maior cidade do estado, com 198 mil habitantes.

Em Dourados, pela primeira vez tive a experiência de alugar um carro e pegar uma estrada sozinha. O destino era destino Itahum, a 65 km de distância. O que apresento aqui, são relatos de uma viajante, pesquisadora, uma narradora que saiu com os cinco sentidos em alerta e o peito aberto para o novo, para a descoberta de um lugar, um povo e a história de uma escola e de um projeto de utilização de jornal.

O Caminho

No caminho de Dourados para Itahum, em pleno mês de outubro, a paisagem vai mudando a cara. Nos primeiros quilômetros, soja e milho nas janelas laterais do carro. Depois a cana começa a dominar a paisagem por causa da chegada em grande quantidade das usinas, anunciando que vão brigar por espaço com o pouco gado que ainda resta nessas terras.



Paisagem entre Dourados e Itahum (Foto 2 – Cristiane Parente/ Outubro2011)

Na estrada, a quantidade de caminhões faz a gente pisar o pé no freio. Tempo para ver melhor o contraste frequente entre o verde, o amarelo e o marrom da terra, pronta para receber o novo broto e começar um novo ciclo de vida.

Itahum, “Ita-rrum” (em guarani), que dizer pedra preta, por causa da grande quantidade desse mineral que pode ser achado em determinadas áreas daquela região. Mesma pedra que foi talhada, furada a mão pelo homem para construir a estação que acabou dando nome extraoficial ao lugar, cuja cartografia batiza de Eldorado. Só em 1953 uma lei municipal cria o Distrito de Paz de Itaum (sem o h que tem na parede da estação).

É um lugar de muitos silêncios, não-ditos. “*Em boca fechada não entra mosquito*”, “*melhor ficar calado*”, diz o povo. Lugar em que a política se fazia a ferro, fogo e vidas. Onde mandava quem tinha poder, ficava quem tinha as bênçãos e era bem visto. Por isso ninguém quer falar muito, quer dar nome, se expor. Aqui os narradores preferem ser fantasmas, esquecer memórias, não lembrar datas nem gentes. Especialmente em um lugar que vive escondido “atrás” de cidades maiores.

Segundo dissertação de mestrado de Mercolis Alexandre Ernandes, intitulada “A construção da identidade douradense” (1920 a 1990):

‘Em Dourados, o “estigma da barbárie” era sustentado pelas representações de uma população armada e vingativa com elevado índice de criminalidade, de contrabando, corrupção e voto de cabresto, por um lado, e pela presença de populações indígenas, por outro. A situação política verificada na região era marcada por paixões partidárias que levavam a lutas armadas pelo poder.’ (2009, P.28)

Buscando como fonte o memorialista Astúrio Monteiro de Lima, Ernandes afirma que a vida em Dourados (e podemos completar, nas redondezas) exigia ânimo, habilidade e coragem dos que lá se arriscavam a chegar, “pois os “fracos e os caguinchos desertavam num dia qualquer em meio à jornada”. (LIMA, 1978, p. 26, apud Ernandes, 2009, p. 29). E mais:

“As ‘agruras do meio ambiente, as terríveis endemias, as chuvas violentas que tudo inundava, os mosquitos ferozes e os índios traiçoeiros’ somavam-se às lutas e ‘degladações’ pela formação de posses de terras e legitimação. As constantes ‘pendengas’ oferecia um campo apropriado para a ‘nefasta politicagem’ (LIMA,

1978, p. 120-121). O título da crônica de Lima, *Como se pode fazer um bandido* sugere que se o indivíduo não viesse para Dourados corrompido o meio em que ele se inseriria agiria por conta própria e exigiria dele, em alguns momentos, atitudes violentas em defesa da vida ou da propriedade. De acordo com o autor, circunstâncias como essa geraram o caudilhismo verdadeiro e freqüente, correrias armadas, desavenças, motins, vinganças e banditismo, episódios vergonhosos que causavam indignação (LIMA, 1978, p. 121).” (ERNANDES, 2009, p. 29)

O menor e mais longínquo distrito de Dourados ainda não se emancipa em discursos próprios e pouco se escreve sobre ele. Na verdade, melhor seria escrever tudo isso no passado, afinal, desde que o projeto com jornal da Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja começou em 2009, essa realidade começou a mudar também.

A escola tem ocupado o papel de narradora. Tem dado a Itahum um lugar nas páginas de jornal, no debate da mídia e da sociedade. Ainda que para cobrar, reclamar atenção, desenvolvimento. De certa maneira, a escola e os alunos têm sido os contadores de uma história, um lugar, uma gente. Ou pelo menos parte dela, como veremos adiante.

No caminho para Itahum, o primeiro acampamento que faz parte do distrito se apresenta: Acampamento Modelo. Surgem de repente, do lado da estrada, dezenas de barracas de lona, madeira, compensados.



Um dos barracos do Acampamento Modelo, na estrada para Itahum (Foto 3 - Cristiane Parente/
Outubro 2011)

Em busca de algum aluno da escola desço do carro e conheço D. Naninha (como prefere ser chamada), 65 e Sr. Elpídio Roque, 64. Moram lá há cinco anos. A luta? A de sempre: terra. Não se conformam em gente ter tanta terra e não dividir. Chamam “*pruma*” prosa e mostram seus barracos. O de Sr. Elpídio é arrumado demais para ser de um homem sozinho, pensei. Perguntei como ele conseguia manter tudo tão limpinho e no lugar. Ele ri, olha para D. Naninha e diz: “*Ela dá uma mão, né?*”.



Sr. Elpídio fala com orgulho da luta pela terra (Foto 4 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

D. Naninha é vaidosa. Seu barraco faz gosto de ver. Arrumadíssimo, com estante de ferro e louça empilhada, dois colchões em cima de estrados de madeira e entre eles uma tábua faz às vezes de uma pequena penteadeira para segurar as poucas vaidades de uma mulher naquele mormaço: perfume, batom, escova, grampos, espelho. Ela se diz feliz. Por ela ficava perto da terra sempre. E mostra as plantas, árvores e jarrinhos com flores ao redor dos barracos. “*Tudo trabalho nosso. A gente que plantou*”, diz entre cacarejos de galinhas que ficam no quintal.



D. Naninha (Foto 5 – Cristiane Parente/Out)

Ao todo, cerca de 50 famílias dividem o espaço. Há aposentados, trabalhadores de fazendas, outros que pescam, criam gados. Uma coisa é certa: ninguém passa fome por ali, porque a solidariedade reina naquele lugar e onde se tem um amigo não falta um prato de comida, costumam dizer. O que falta mesmo são políticas públicas que resolvam de vez aquela situação, pensei, naquele momento.

Só uma aluna desse acampamento estuda na Escola Antônio Vicente Azambuja e ela não estava por lá. Ambos, D. Naninha e Sr. Elpídio, falam que respeitam muito o trabalho da escola e que os alunos já estiveram no acampamento, ouvindo reuniões no galpão, perguntando, conhecendo a luta e escrevendo no jornalzinho. Para Sr. Elpídio é “*de novo*” (de criança) que a gente deve começar a conhecer as coisas da vida, que a gente deve se formar. “*A escola tá certa, tá fazendo o papel dela, né Dona?*”, fala para mim.

De certa forma, a escola, além de narradora, escrevendo sobre a cidade nas páginas do jornal, estaria responsável também, por construir uma memória daquele lugar, para além da sua própria memória escolar, da sua própria história ou de como estaria deixando pegadas, trilhas naquele lugar.

Segundo Serpa:

“o espaço urbano também se produz a partir do discurso, dos conteúdos veiculados nas mais variadas linguagens, expressando, a um só tempo, diferenças e similaridades, que diferenciam lugares, mas que também os relacionam com o mundo, através do rádio, do vídeo ou da internet. O discurso fabrica o lugar: o lugar da vida cotidiana, da repetição, do trabalho (ou da ausência dele)”. (2011, p.16)

Le Goff (1994) tentando percorrer os mistérios da memória mostra que os homens deixam suas marcas no tempo de diversas maneiras. Pode ser através da memória coletiva, oral, escrita, individual, urbana, pelas bibliotecas, imprensa, museus, fotografias, etc. A escola faria sua parte. Isso também remete a Benjamim quando fala do cronista, do narrador:

“o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (1987, p.223).

Chegando a Itahum percebe-se a centralidade da Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja (A.V.A), que atende ao Ensino Fundamental e Médio, e da Escola Municipal José Eduardo Perequeté, ou Coleginho, como todos costumam chamar, que atende da creche ao Ensino Fundamental, até o 5º ano.

Ambas ficam numa zona que a população chama de vila. Ou seja, um espaço mais “urbano” dentro da zona rural que é Itahum, onde estão os principais serviços como Posto de Saúde, Posto Policial, os três mercadinhos, as principais igrejas Batista e Católica e as três lan houses. Uma delas na casa da coordenadora da escola A.V.A, Maria Alely Matos Palmeira, conhecida como Lily.



Posto de saúde de Itahum (Foto 6 – Cristiane Parente/Out 2011)

Há um pequeno posto de correio e local que recebe contas, mas não há bancos ou caixas eletrônicos. O asfalto alcança apenas um pequeno quadrilátero de algumas ruas, incluindo as das escolas. Depois tudo vira barro e, quando chove, lama.

Boa parte das casas ainda é de madeira, farta num determinado período em que a estação ainda funcionava e precisava ser consumida pelas locomotivas, além de servir para a

construção dos assentamentos dos novos moradores. Havia, inclusive, serraria, que chegou a empregar 200 funcionários, segundo artigo de Santos & Queiroz (2006). Saindo da vila há mais dois acampamentos, dois assentamentos e várias fazendas, além de sítios e chácaras.



Muitas casas de Itahum são de madeira (Foto 7 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)



Local de reunião do Acampamento Novo Brasil (Foto 8 – Cristiane Parente/Outubro 2011)

A Cidade

Para saber sobre as histórias de Itahum, todo morador sabia o destino certo: a chácara de Sr. Valdeur. Uma casa de madeira com fogão a lenha, arrodada de muito verde, árvores, galinhas soltas pelo quintal e um gado tímido cercado por uma cerca já meio torta e corroída pelos anos.



Casa de Sr.Valdeur é ponto de encontro para uma boa prosa (Foto 9 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

E foi para lá que nos dirigimos em novembro de 2011: eu; Sidney, o taxista que me acompanhava na segunda viagem - e que estava empolgadíssimo com tudo que estava aprendendo sobre o lugar e as pessoas ; o professor de português Domingo Veja; a diretora da escola, Maria José e duas alunas. A prosa aconteceu embaixo de uma mangueira, numa roda de cadeiras e banquinhos de madeira que Sr. Valdeur providenciou feliz da vida com as visitas que chegaram por volta das 10h e ficaram até a hora do almoço e ainda voltaram no dia seguinte.

Sr. Valdeur Teotônio da Silva nasceu em Lagoa Grande, em 1932, quando Dourados ainda era distrito de Ponta Porã. Hoje a cidade supera Ponta Porã em desenvolvimento e tamanho. Seu pai criava gado. Agricultura só para o sustento da família, assim como a

maioria dos moradores do lugar, porque não tinha para quem vender. Todo mundo tinha arroz, feijão, milho e um pouco de gado: porco, galinha e carneiro “pras despesas”.

O pai de Sr. Valdeur morreu muito novo, mas ainda assim, criou 12 filhos. Assim como ele, Sr. Valdeur nunca bebeu, nem fumou. Gosta só de um joguinho de 31. “*Mas de vez em quando, né?*” diz sorrindo”. Sua mãe veio de carreta de boi de Goiás ainda pequena, com os pais.



Sr. Valdeur Teotônio da Silva (Foto 10 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

Sr. Valdeur é de um tempo em que menino brincava com caminhãozinho de tábua, feito com carretel de costura e lata de sardinha. Ou então brincava de gado de osso. Um

tempo esticado, preguiçoso, em que para visitar parentes em outra fazenda, era preciso sair numa carreta de boi de madrugada para chegar ao começo da tarde. E o passeio tinha que durar uma semana para fazer valer o esforço.



Igreja Católica de Itahum (Foto 11 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

No período de sua adolescência havia basicamente três coisas para fazer em Itahum (ou Lagoa Grande como era conhecido o lugar no seu tempo). Para quem gostava de jogo, aos domingos havia futebol no campinho onde hoje é a Escola Antônio Vicente Azambuja. Mas a bola nunca foi o forte de Sr. Valdeur. O que ele gostava mesmo de fazer era ir aos bailes que pipocavam aqui e ali nas redondezas. Sr. Valdeur buscava baile onde houvesse. Saía a cavalo ou de trem buscando música e garotas. *“Eu ia longe atrás de baile. E já fui até cantorzinho de animar festa”*, disse, entre risos. E continuou: *“Eu pra pegar um cavalo aqui e andar duas, três léguas atrás de um baile... eu ia. Atrás de uma namorada? Eu ia. Pra mim era canja essas coisas. (risos)”*.

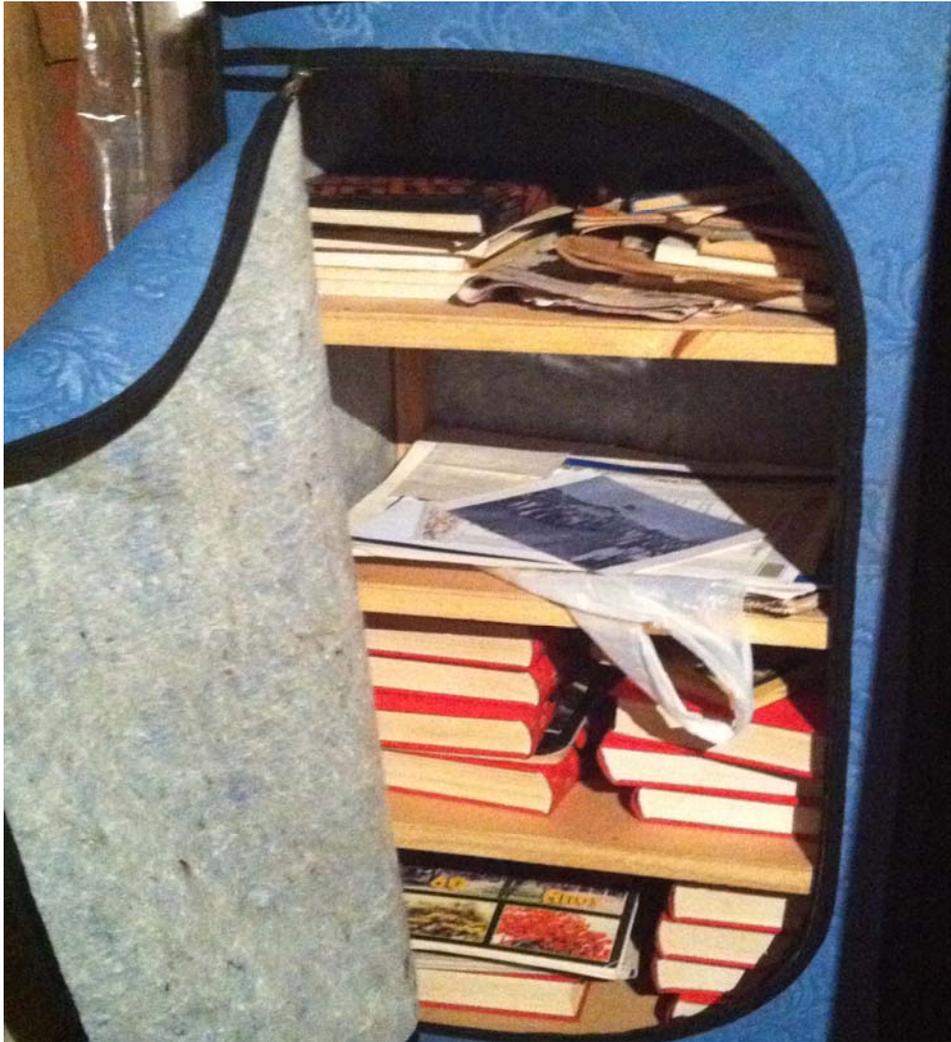


Interior da casa de Sr. Valdeur, com lembranças da mulher e tudo arrumado como ela deixou

(Foto 12 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

A outra opção que havia e que Sr. Valdeur gostava demais era corrida de cavalo. *“Tinha uma cancha ali, outra lá em cima”*, aponta e apura a vista. *“A carreirada ficava aqui três dias. Vinha gente de longe a cavalo, de Dourados, Vista Alegre...Eu achava muito bonito.”*

Nada disso existe mais. Não há mais corrida a cavalo em Itahum. Dificilmente há bailes. A não ser quando as Igrejas Batista e Católica promovem alguma festa, ou oferecem aulas de dança de salão, que animam o lugar. Os jogos não podem acontecer, porque não há mais espaço além das duas quadras das escolas. Se elas não promovem, não acontecem, porque não há espaço público para o lazer e o esporte. Nem uma praça sequer. Ou seja, todas as festas culturais e esportivas de Itahum se concentram nas festas das escolas, que se tornaram centrais na vida do lugar.



Livros são uma das principais distrações de Sr. Valdeur (Foto 13 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

Sr. Valdeur lembra com saudade e uma ponta de tristeza: *“Esse Itahum já foi muito bom. Nós tinha correio, nós tinha cartório, mas Itahum deu uma caída e acabou tudo”*.

O pai de Sr. Valdeur tinha fazenda do outro lado da ponte. Vendeu e arrendou a Fazenda Amparo. Depois que venceu o arrendamento mudou-se com a família toda para a chácara onde até hoje mora Sr. Valdeur. Desde 19 de dezembro de 1946. Antes, com pais e irmãos. Depois, com a mulher e os filhos. Hoje, só com as plantas, os animais, as lembranças e os livros, seus fiéis companheiros.

Itahum não é só a vila. Para conhecer o lugar é preciso ir além das casinhas de madeira que cercam a escola e onde mora a maioria dos professores. É preciso sair das ruas onde o asfalto toca, avançar nas ruelas de pedrinhas, terra, poeira, barro e ver as casas rareando na paisagem e o verde tomar conta da vista.

É aí que a gente mergulha no universo dos alunos que moram nas fazendas. Isolados da civilização da vila e da escola, vivem em casas cercadas de plantação e seu vizinho mais próximo é o que a tela da televisão lhe apresenta e lhe torna mais íntimo. De Itahum mesmo não sabem muito. Conhecem o caminho feito pelo transporte escolar, num sacolejo de terra vermelha, entre plantações, no meio do mormaço.



Transporte escolar (Foto 14 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

Dependendo da fazenda em que moram, os meninos podem levar mais de uma hora para chegar com o transporte. Seus pais normalmente estão esperando por eles em algum portão, numa bicicleta ou moto. Eles descem do ônibus, sobem na moto ou bicicleta e percorrem mais alguns quilômetros fazenda adentro. Outras vezes a bicicleta foi largada no meio do nada de manhã cedo, quando o aluno foi pegar o transporte. Ali a deixou. Ali estava quando voltou.



Após as aulas, transporte escolar leva alguns alunos à entrada das fazendas. Lá, eles ainda usam bicicletas ou motos até chegar em casa (Foto 15 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

Quando chove forte, há alunos que perdem aula, porque o ônibus não consegue buscá-los. A condição das estradas não permite. Tudo vira uma grande lama vermelha intransponível, isolando ainda mais aquele lugar e aquelas pessoas.

Os alunos dos assentamentos também têm problemas. Especialmente os que moram do outro lado da ponte, que é de madeira e não está aguentando o peso das carretas de caminhão que vão e voltam por ali. Se ela ceder, dezenas também não poderão ir à escola, fora centenas de moradores que estarão isolados. Problema que já foi denunciado pelos alunos da escola em seu jornal e pela Associação dos Moradores, maior parceira da escola e do jornal.

Eles também passam aperto quando chove, mas suas vidas são diferentes, porque pelo menos as casas são mais próximas da vila que as das fazendas. Há Igreja, Salão de Festa, mais convivência, vizinhos, gente para acudir por perto. E a terra, que é deles. Ruim, mas é deles. Sem muita assistência do poder público, que simplesmente os colocou ali, não conseguem muito mais do que para a sua subsistência. Por isso, muitos pais, apesar de terem terra, acabam indo trabalhar nas fazendas de outros, deixando suas terras para trás.



Alunos correm perigo todos os dias ao passar por esta ponte (Foto 16 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

História

Itahum tem uma área equivalente a cerca de 33% de Dourados, que foi desmembrado de Ponta-Porã e tornou-se município em 1935. É o menor distrito de Dourados e tem por volta de 1.360,72 quilômetros quadrados segundo o projeto que prevê sua emancipação e a prefeitura de Dourados. A agricultura e pecuária continuam sendo sua maior fonte de renda. E a maioria para subsistência.

A história desse lugar que fica no sul do antigo Mato Grosso, região quase fronteira com o Paraguai, começa a partir de “forasteiros” vindos de Minas Gerais, São Paulo e do Sul do país, além dos paraguaios e dos próprios índios que por lá viviam. Essa migração aconteceu principalmente após o fim da Guerra do Paraguai.

Nos livros de história local Sr. Valdeur mostra que o paulista Francisco Xavier Pedroso, reconhecido como um dos fundadores de Itahum, chegou em 1885 e se instalou na

Lagoa Grande, posteriormente Eldorado e Itahum. Na época criou a Fazenda Amparo, cujo nome era de sua cidade natal.

Junto com Francisco Xavier Pedroso chegaram Manoel Lopes Cansado, Antônio Vicente Azambuja - que chegou em 1888 - e a família Almeida. Sr. Valdeur recorda-se que da Fazenda Carolina até a divisa do município só havia os quatro donos. Quase 100 mil hectares só deles. Foram os quatro pioneiros, segundo Sr. Valdeur e os livros de história. Depois outros foram chegando, comprando terras e se instalando. Convidando trabalhadores a se juntarem para trabalhar e fazer aquele lugar prosperar.

Nessa época a região era dominada pela Companhia Mate Laranjeira, que detinha a exploração de ervas nativas e empregava mão-de-obra na sua extração. Até hoje, inclusive, um dos hábitos dos moradores é ficar nas varandas das casas conversando e tomando o Tereré, uma espécie de Chimarrão local, mas frio.



Cercado pelo verde de sua chácara, Sr. Valdeur relembra histórias de Itahum (Foto 17 – Cristiane Parente/ Novembro 2011)

Sr. Valdeur relembra que foi em 1944 que foram cortados lotes para a formação de Eldorado. E que foi Antônio Vicente Azambuja, patrono da escola que hoje leva seu nome, que cortou 400 hectares, mediu lote por lote, quadra por quadra, pôs marco na terra, tudo

de aroeira e doou parte para a prefeitura e para a escola. Hoje não se acha mais nada dessas marcações.

Na década de 30 o governo Vargas queria unir o Brasil para tornar-se um único Estado nacional forte e integrado. Era um tempo de dois brasis. O do litoral, desenvolvido e o do interior, pobre e analfabeto. Segundo Queiróz e Santos (2006) na década de 40 o governo criou as Colônias Agrícolas Nacionais de Dourados - CAND no âmbito da chamada Marcha para o Oeste, que tinha intenção de nacionalizar as fronteiras do sul do Mato Grosso. Vários lotes de terras foram distribuídos na região de Dourados e, além disso, iniciou-se a construção de um ramal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligaria Campo Grande a Ponta-Porã, incluindo a estação de Itahum, inaugurada em 1949. Isso fez com que muita gente fosse para a região.

O governo também foi diminuindo a quantidade de terras da Mate Laranjeira, não renovando seu contrato de arrendamento, para poder deixar as terras para atrair colonos para a região.

Municipalização – Uma possibilidade de desenvolvimento

Quando a estação de trem que havia na cidade parou de funcionar em 1996, e o abandono generalizou-se, a comunidade mobilizou-se e criou a Comissão dos Moradores Pró-Emancipação, presidida pelo funcionário público estadual e ex-vereador José Luiz de Oliveira, conhecido como Zé do Itahum. A municipalização é vista por todos os moradores como a única maneira do lugar prosperar, dos filhos da terra voltarem de Dourados após acabarem seus estudos e encontrarem emprego. Fora isso, o destino é a cidade envelhecer, morrer, segundo seus próprios moradores.

Dourados deve muito a Itahum. Não apenas pelo fato dos pioneiros de Dourados terem chegado pela Noroeste, mas pela contribuição no imposto com cerca de 30% da economia do município, principalmente nas culturas de soja, milho, feijão e gado.

O sonho da população é ver Itahum se transformar no 79º município do Mato Grosso do Sul. Para isso acontecer, porém, é preciso primeiro que haja um plebiscito, já autorizado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Em pesquisa realizada no jornal O Progresso, verificamos em matéria do dia 14/11/2011 que para que ele seja realizado é

preciso aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 13, que está arquivada no Senado Federal.

Existe pressão da população de Itahum, a partir de alguns de seus representantes, como a Associação de Moradores, na figura de Sr. Altino (que morreu sem ver seu sonho realizado) e a Comissão dos Moradores Pró-Emancipação, na figura de Sr. Zé do Itahum. Esse assunto, segundo a matéria do jornal, já está em pauta há alguns anos. E desde 2007 o projeto que emancipa o distrito foi aprovado pela Comissão Especial de Divisão Territorial da Assembleia Legislativa. O que não parece existir é vontade política para que haja a emancipação.

E só após o plebiscito é que o projeto para a criação de um novo município pode ser votado na Assembleia Legislativa. Hoje para a criação de um município é necessário o mínimo de três mil habitantes e arrecadação de pelo menos 0,003% do total de tributos levantados pelo Estado anualmente, o que Itahum já possui, especialmente depois da chegada da Usina Dourados, que levou trabalhadores e assentamentos para a região.

A esperança é que a municipalização faça com que a infraestrutura precária do lugar possa melhorar e a população possa finalmente ter um hospital, correios, agências bancárias, além de saneamento básico e asfalto, já que outro grande problema do lugar é no período de chuvas, quando a terra molhada impede até que os ônibus escolares consigam passar pelas fazendas para levar alunos para a escola.

Outro problema que deve ser sanado com a municipalização é a falta de dados e estatísticas sobre o local, que pode denotar uma falta de interesse político. Buscando por dados econômicos e outros indicadores sociais não conseguimos encontrar nada na prefeitura de Dourados, por exemplo, que só tem informações sobre Dourados e apenas o tamanho e a distância de cada um de seus municípios. Sobre a população, o único dado que encontramos foi no IBGE, no censo de 2010, que revelou que Itahum tem 2083 moradores, sendo 1085 do sexo masculino e 998 do sexo feminino. Isso entre moradores fixos, porque se somarmos os trabalhadores que vão e voltam em momentos de safra chega-se a 4,5 mil habitantes, segundo estimativas dos próprios moradores.

Apesar da internet já ter chegado a Itahum, há apenas três lan houses e a da escola ainda é discada, com muitas falhas de conexão. Outro problema era a falta de comunicação

por celular. Em 2001 foi colocada uma antena da operadora Vivo, mas até meados de 2011 ainda não estava operando. Uma pressão conjunta da Associação de Moradores e da Escola, com o reforço de matérias no jornal O Progresso, feita pelos estudantes e ação de alguns políticos locais, resolveu finalmente o problema no final de 2011.



Lan house que fica ao lado da escola (Fotos 18 e 19 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

A Estação

“(...) Todos os dias é um vai-e-vem
 A vida se repete na estação
 Tem gente que chega pra ficar
 Tem gente que vai pra nunca mais
 Tem gente que vem e quer voltar
 Tem gente que vai e quer ficar
 Tem gente que veio só olhar
 Tem gente a sorrir e a chorar
 E assim, chegar e partir

São só dois lados
 Da mesma viagem
 O trem que chega
 É o mesmo trem da partida
 A hora do encontro
 É também de despedida
 A plataforma dessa estação
 É a vida desse meu lugar
 É a vida desse meu lugar
 É a vida.”

(M. Nascimento e F. Brant)

Foi em 1949 que a linha férrea da Noroeste chegou à antiga Eldorado - conhecida por Lagoa Grande no início de seu povoamento - inaugurando os trabalhos da Estação Itahum e contribuindo com o desenvolvimento local. De tão importante que passou a ser, acabou nomeando o lugar, que ficou conhecido pelo nome da antiga estação de madeira e, mais tarde de alvenaria, mas cujo registro oficial é Estação Ferroviária Ministro Pestana.

Analisando as receitas das diversas estações do Ramal entre 1949 e 1956, disponibilizadas por diretores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) e no artigo de Santos & Queiroz (2006), percebe-se como a estação de Itahum (última linha da tabela) foi

importante, chegando a ocupar já em 1949 (mesmo ano de sua fundação) o segundo lugar em arrecadação, perdendo apenas para a estação de Maracaju. E, a partir de 1950, superou todos os anos a de Maracaju. Em 1952, sua arrecadação chegou a atingir 9,6% de toda a receita da NOB em Mato Grosso, segundo Queiroz (2004). Só em 1956 passa a perder para Ponta Porã.

Tabela 1. Receita das estações do ramal de Ponta Porã – 1949-1951 (em CrS)

| Estações | 1949 | | 1950 | | 1951 | |
|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|
| | Passageiros | Mercadorias | Passageiros | Mercadorias | Passageiros | Mercadorias |
| Indubrasil | 45.582,60 | 216.291,50 | 45.851,50 | 249.459,90 | 45.142,70 | 423.575,20 |
| Guavira | 9.146,40 | 172.034,40 | 5.812,20 | 20.896,00 | 9.615,10 | 3.602,50 |
| Bolicho | 34.428,60 | 65.689,30 | 80.698,90 | 44.185,60 | 45.329,10 | 45.235,60 |
| Anhanduí | 97.355,00 | 101.576,10 | 82.207,60 | 155.026,50 | 99.657,20 | 172.434,50 |
| Piúva | 16.492,40 | 2.872,80 | 14.836,40 | 13.650,40 | 17.204,50 | 16.461,50 |
| Piqui | 58.282,50 | 171.554,70 | 67.965,40 | 163.146,70 | 82.848,50 | 306.749,10 |
| Brilhante | 10.306,20 | 4.262,30 | 13.985,60 | 4.276,00 | 15.661,70 | 4.805,10 |
| Maracaju | 439.249,00 | 1.147.466,20 | 232.884,50 | 605.504,90 | 279.225,20 | 684.752,10 |
| Sete Voltas | 3.433,50 | 1.073,70 | 8.893,70 | 8.902,60 | 23.370,70 | 225.390,50 |
| Min. Pestana | 3.896,00 | 278,80 | 10.272,40 | 30.244,60 | 12.796,80 | 86.935,70 |
| Itaum | 126.370,30 | 497.284,90 | 369.932,50 | 1.342.241,80 | 683.050,50 | 2.635.341,40 |

Fonte: Relatórios dos diretores da NOB.

Tabela 2. Receita das estações do ramal de Ponta Porã – 1952-1954¹ (em CrS)

| Estações | 1952 | | 1953 | | 1954 | |
|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|--------------|--------------|
| | Passageiros | Mercadorias | Passageiros | Mercadorias | Passageiros | Mercadorias |
| Indubrasil | 40.239,90 | 812.437,50 | 44.967,20 | 1.013.218,00 | 47.572,40 | 662.600,40 |
| Guavira | 9.191,10 | 12.494,80 | 17.213,60 | 7.406,80 | 6.587,30 | 2.877,40 |
| Bolicho | 34.518,30 | 48.190,90 | 26.231,70 | 40.607,90 | 26.657,60 | 31.706,80 |
| Anhanduí | 112.810,80 | 356.156,30 | 85.719,80 | 169.284,70 | 103.090,60 | 84.452,70 |
| Piúva | 13.712,50 | 18.646,90 | 11.550,40 | 8.815,00 | 15.710,60 | 4.232,20 |
| Piqui | 79.324,20 | 246.773,80 | 61.810,90 | 101.702,10 | 63.831,20 | 62.372,60 |
| Brilhante | 15.885,00 | 859,30 | 68.878,00 | 12.792,70 | 15.449,10 | 1.397,70 |
| Maracaju | 395.724,10 | 643.033,30 | 579.194,10 | 627.143,10 | 369.678,50 | 638.586,60 |
| Sete Voltas | 26.753,20 | 224.513,40 | 36.122,90 | 231.058,30 | 55.787,90 | 315.266,80 |
| Min. Pestana | 18.458,40 | 89.613,10 | 12.860,40 | 134.198,00 | 17.827,50 | 8.637,90 |
| Itaum | 912.476,10 | 5.288.191,10 | 559.867,50 | 4.311.639,10 | 1.144.670,30 | 3.616.117,50 |
| Ponta Porã | --- | --- | 506.320,40 | 1.614.693,50 | 1.297.604,90 | 2.314.285,30 |

Fonte: Relatórios dos diretores da NOB.

Tabela 3. Receita das estações do ramal de Ponta Porã – 1955-1956 (em CrS)

| Estações | 1955 | | 1956 | |
|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------|
| | Passageiros | Mercadorias | Passageiros | Mercadorias |
| Indubrasil | 57.893,10 | 1.080.560,50 | 73.561,20 | 1.071.831,60 |
| Guavira | 10.675,90 | 2.297,80 | 20.098,50 | 10.351,60 |
| Bolicho | 27.037,10 | 77.336,90 | 34.188,10 | 84.101,60 |
| Sidrolândia | 137.334,20 | 110.890,70 | 231.206,10 | 208.756,20 |
| Piúva | 13.948,80 | 8.577,50 | 17.109,80 | 23.865,60 |
| Piqui | 72.380,80 | 31.435,20 | 114.787,70 | 61.903,20 |
| Brilhante | 16.259,90 | 1.706,00 | 24.379,60 | 4.181,40 |
| Maracaju | 427.473,80 | 859.006,70 | 550.017,20 | 1.143.035,30 |
| Sete Voltas | 70.840,50 | 592.286,60 | 107.825,80 | 1.034.763,20 |
| Min. Pestana | 18.680,60 | 25.576,20 | 34.883,80 | 11.860,20 |
| Itaum | 1.007.354,70 | 3.712.051,90 | 1.248.597,90 | 6.984.343,70 |
| Ponta Porã | 2.034.406,40 | 6.527.013,20 | 2.674.462,80 | 11.137.893,60 |

Fonte: Relatórios dos diretores da NOB.

Sr. Valdeur viu a construção da ferrovia desde o começo, desde o aterro e o corte:

“Tudo feito na mão de homem. Tudo carregando as terras na carrocinha de burro, pra fazer esses aterros de 11, 12 metros de altura. Essa pedra preta daqui do lugar foi feita na mão do homem, lá na ponte do rio Dourados. Aquilo lá foi feito na mão do homem. O homem furando a pedra com marreta”, lembra.

Ele continua:

“Foi um sacrifício muito grande, mas era a única solução pra desenvolver a nossa região aqui. Foi criada a Colônia Federal pra escoar a produção, porque isso aqui produzia demais, e as riquezas naturais, que eram madeira, lenha... tinha era muita. Também tinha o boi, mas boi sempre foi pra Goiás, Minas Gerais, São Paulo, pra engordar pra lá...e ia a pé. Depois começou a sair de trem, como vinha também de trem, do Pantanal pra cá. Então isso aí foi uma coisa com muito sacrifício, né?”



Estação Itahum (Foto 22 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

A linha férrea ligava Campo Grande à fronteira paraguaia, chegando até a Ponta Porã e perfazendo um total de 225.626 km. Foram nove anos para finalizar todo o ramal, de Campo Grande a Maracaju (1944), Eldorado/Itahum (1949) e Ponta Porã (1953), já estação terminal. Segundo registros no site “Estações Ferroviárias do Brasil”, o movimento nunca foi muito intenso e os trens de passageiros foram os últimos a serem extintos, quando a linha passou para a concessão da Novoeste.

Em Itahum, dos 12 prédios da estação, construídos na década de 50 pela RFFSA para abrigar os ferroviários, hoje restam cinco. E só estão de pé porque foram tombados pelo Patrimônio público, histórico e cultural pela Lei nº 2.089, de 11 de setembro de 1996, porque, de fato, encontram-se em total abandono, entre entulho, lixo e ruínas e servindo de moradia para índios desaldeados do Mato Grosso do Sul e moradores de rua.



Atual situação de abandono da Estação de Itahum (Foto 23 – Cristiane Parente/ Out 2011)

Da antiga e bela estação, cujo último trem de passageiros passou em Itahum em 01/06/1996, não se vê mais quase nada além dos trilhos, do nome Itahum gravado na parede gasta do lado de fora, do buraco que servia de antiga bilheteria, de um monte de entulho, ossos provenientes de um abate clandestino, moscas, lixo e uma melancolia que enche o lugar e quem por lá passa.



Da estação ainda restam os trilhos e a nostalgia (Foto 24 – Cristiane Parente/ Out 2011)

A canalização da água e os fios de rede elétrica foram todos furtados, assim como as janelas, portas, estruturas de madeira, ferro e todos os detalhes de valor que podiam ser retirados. Só ficaram as paredes e os trilhos que levam a um vagão que virou moradia de sem tetos.

Um dos motivos apontados pelo abandono da estação que começou a entrar em decadência ao longo da década de 60, foi o alto custo do frete entre Itahum e Dourados, já que a estação não passava pela cidade. Além disso, a riqueza natural de Itahum já se havia esgotado. Não havia mais o que explorar nessa pequena localidade. E o sistema rodoviário havia se expandido o suficiente para a estação ficar obsoleta.



Antiga bilheteria (Foto 25 – Cristiane Parente/ Out 2011)

Segundo Santos & Queiroz afirmam:

“Os relatórios dos diretores da ferrovia fazem referência aos problemas encontrados na construção e nos transportes realizados pela estrada. No trecho de Mato Grosso, a economia se concentrava na exploração do gado e da erva-mate, que tornavam o tráfego deficitário, por apenas lotarem o veículo em volume, mas não em peso, e oferecendo fretes pouco compensadores, contribuindo por isso para o prejuízo verificado em vários exercícios. O mesmo ocorreu no ramal de Campo Grande a Ponta Porã, que como dizia o próprio diretor da NOB, estava sendo construído por determinação do governo federal, no entanto, por ser deficitário, não atendia à conveniência da estrada (relatório de 1947, p.9 e 149). A ferrovia sofria ainda, no transporte de passageiros, a concorrência realizada pelos ônibus, utilizando-se das rodovias”. (2006)

Outro ponto destacado em matérias de jornais e documentos da época foi o início de privatizações das empresas que tinham concessão para operar na estação, o que encareceu as operações. O mais lógico na época foi, então, deixar tudo para trás. Mesmo a nova concessionária do trecho, a América Latina Logística, não via e até hoje não vê viabilidade econômica no mesmo. Aliado a isso, não há interesse político por um lugar tão pequeno. Abandonou-se então Itahum: estação e distrito!

Sr. Valdeur afirma que o abandono da estação piorou o desenvolvimento de Itahum. A partir daí, aos poucos, é como se tudo que o lugar conseguisse ter construído fosse se apagando com o tempo: madeireira, posto bancário, a serraria, a estação, até mesmo uma pensão que o distrito teve para receber os forasteiros que pernoitavam por lá... tudo sumindo como a fumaça do trem quando vai embora. Apagando-se da lembrança dos moradores. Como se tudo não passasse de um sonho.



Vagão abandonado vira moradia para mendigos (Foto 26– Cristiane Parente/ Outubro 2011)

A estação ficava nos fundos da escola. Bastava ir até lá e observar, apurar a vista, liberar a alma para alegrar-se com pouco. E era para lá que acorriam os moradores de Eldorado para ver quem chegava e saía do trem; ver, ouvir e sentir barulhos, cheiros, movimentos que a aurora do dia trazia naquela festa improvisada. Ver o movimento da compra dos bilhetes, da venda de guloseimas do lado de fora, e ouvir o *conversê* e as prosas de quem tinha o privilégio de ir lá e cá. Era o programa do final de semana e fim de tarde. Ponto de encontro dos adolescentes e jovens. Muita gente comprava um bilhete para cidade mais próxima só para experimentar a sensação de viajar de trem. Não era obrigação, era só curiosidade mesmo. Só o ir e vir. E contar depois. Fazia parte do lazer local.

Uma das alunas da Escola Antônio Vicente Azambuja era pequena quando o trem passava, mas o barulho que fazia era como o cantar do galo ritmado com o tempo do lugar: *“Parece que ainda escuto o apito do trem. Sinto falta, mas é como se aos pouco ele fosse se calando na cabeça. Sei que um dia não vou mais conseguir escutar, mas por enquanto é bom lembrar.”*

Itahum. Estação que nasceu e morreu. Deixou para trás histórias de viagens, lucros, sonhos, amores, desilusões, despedidas, idas e vindas, deixando um vazio, restos de fumaça, de construção e os trilhos que ainda hoje marcam o lugar.

Onde ali era vida, reinam lembranças. Mas a memória já não é mais tão boa para muitos. E começa a embaralhar datas...e gentes! *“Eu sabia a data certa de quando tinha passado o último trem de passageiro aqui, mas tá tudo embaralhado agora. Não lembro mais. Cê sabe, né? Quem teve enfarte esquece as coisas anssim de repente. Tenho que procurar onde anotei”*, reclama Sr. Valdeur.

Há quem duvide da efetividade da ferrovia. Quem diga que ela não serviu para muita coisa, especialmente para o município de Dourados, ao qual Itahum é ligado como distrito desde 1953. Especialmente porque a linha percorria um caminho que ia em direção a leste, quando a colônia agrícola de Dourados se instalou a oeste. Para o povo de Itahum, porém, a ferrovia fez parte de uma época de desenvolvimento do lugar e que ficou para trás. Parou a ferrovia. Parou o tempo. Nada mais prosperou na cidade segundo os vários relatos orais que colhemos com moradores.

O pesquisador Paulo R. C. Queiroz fala sobre isso em seu livro 'Uma Ferrovia entre Dois Mundos':

"(...) Em Dourados (...) foi estabelecida uma grande colônia agrícola federal (criada em 1943 e efetivamente implantada a partir de 1948), sendo igualmente sabido que, desde 1949, o referido município era servido pela estação de Itaum, do ramal de Ponta Porã. Entretanto, o que não é perfeitamente conhecido é a medida em que essa estação serviu ao município de Dourados, vale dizer, a proporção em que se podem atribuir à Noroeste os impulsos ao desenvolvimento populacional e agrícola da região (...) De antemão, o que me sinto autorizado a afirmar é que a efetiva decolagem da economia agrícola de Dourados prescindiu, em larga medida, do ramal de Ponta Porã. A esse respeito, cabe desde logo assinalar a situação relativamente desfavorável desse ramal, um tanto excêntrico em relação ao núcleo agrícola constituído pela CAND: essa colônia, de fato, estendeu-se a leste da cidade de Dourados, enquanto a estação de Itaum foi estabelecida cerca de 60 km a oeste da cidade (...) De fato, pelo que se sabe, chegou a ser encaminhada para Itaum grande parte da produção agrícola do município de Dourados; em 1951, por exemplo, um jornal douradense se referia aos milhares de caminhões que trafegavam para Itaum, calculando que seriam necessárias "5000 viagens só para o escoamento da safra de algodão" (O Progresso, 21 de abril de 1951). Nessas circunstâncias, não é de admirar que já em 1954 fosse instalada em Dourados uma agência do Rodoferroviário da Noroeste e que, em termos de rendas arrecadadas, essa agência assumisse enorme destaque entre suas congêneres no Estado do Mato Grosso. Todavia, parece muito significativa a trajetória claramente descendente da importância de Itaum no âmbito das linhas sul-mato-grossenses da NOB, depois do pico atingido em 1952." (2004, p.453 e 454)

A Educação em Itahum

Foi na primeira fazenda de seu pai que Sr. Valdeur teve a primeira educação formal na vida. E assim como ele, muitas outras crianças do lugar. O pai contratou uma professora para ensinar os irmãos mais velhos. Depois que ela foi embora chegou um professor chamado Manoel Antônio de Assis.

“Esse homem ensinou nós muito. Foi um bom professor. Aí nós fomos estudar a Fazenda Boa Sorte, de um tio meu. Nós parava lá pra estudar com esse mesmo professor. Aí viemos pra cá (chácara). A primeira escola de Itahum era um galpão que o papai fez e o professor era pago pelos pais. Nem pública era. Manoel Gomes de Menês (Menezes) era o nome desse homem, professor”.

Na época já havia moradores na vila e o pessoal mandava as crianças para “escola” do pai de Sr. Valdeur, que lembra os nomes de todos os professores até hoje. Recorda da D. Jorgina Ramires da Silva, que tinha o apelido de Filhinha e de como era uma mulher inteligente; do Sr. Manoel Antônio de Assis e do Sr. Manoel Gomes de *Menês* (Menezes).

Depois que o professor foi embora foi construída uma escola mais ou menos em 1948, 49, onde hoje é a Igreja Batista. Mas segundo Sr. Valdeur *“não resta mais nem esteio da casa antiga”*. Em seguida, Fernando Correia da Costa construiu outra escola. Chamava-se Escola Mista Rural de Capão Alto, onde Sr. Valdeur estudou com o professor Manoel Ponche e, anos depois, colocou seus filhos. *“Ela foi demolida, fizeram outra de tábuas e hoje é onde tá o coleginho (Escola Municipal). Foi aí que eu coloquei meus filhos pra estudar”*.

A Escola Municipal de Itahum surge no final da década de 50, segundo D. Cleide Rondina, primeira diretora da Escola Antônio Vicente Azambuja e companheira de Sr. Valdeur nas lutas pela educação. Ela nasceu em Santa Clara do Oeste/SP, tem 56 anos e há 36 anos está em Itahum. Quando chegou ao distrito não havia energia e teve que dar aula com lampião a gás.



D. Cleide Rondina, 1ª diretora da Escola Antônio Vicente Azambuja (Foto 27 – Cristiane Parente/Out 2011)

D. Cleide, que hoje se dedica a pintar quadros, lembra que a Escola Municipal alcançava da 5ª a 8ª séries com professores cedidos pelo Estado. Depois essas turmas foram para a Escola Antônio Vicente Azambuja. A Escola Perequeté é mais recente, tem uns sete anos. Antes ela funcionava como um polo de extensão da Escola Geraldino Neves Correa, do distrito de Picadinha, que fica ao lado de Itahum. Só em 2002 é que ganha o nome Escola José Eduardo Canístola Perequeté, um representante da comunidade que trabalha por Itahum. Perequeté era o apelido dele.

Sr. Valdeur lembra que fez do 1º ao 4º ano umas três vezes, porque não tinha para onde ir: *“Meu pai num tinha condições de sair, porque tinha 12 filhos, como é que ia mudar? Ele chegou a mudar pra Maracaju uma vez, mas num guentô as despesas e a gente veio embora outra vez”*.

Na escola as crianças estudavam Português, Matemática, Geografia, História...mas o que mais chega com emoção à memória de Sr. Valdeur era o modo como o professor Manoel Ponche contava histórias e romance:

“À noite, lua clara - porque naquele tempo o querosene era muito difícil e a luz nossa era a querosene - nós sentava no terreiro, com lua clara e ele ia contar história, romance. Aquele véio às vezes começava um romance hoje e ia três noites pra ele terminar. E ó (põe a mão na testa) tudo na cabeça, não era lendo. Romeu e

Julieta, não sei que lá mais...ele contava tudo rapaz. Que homem numa memória era aquele véio Mané Ponche”.

Perguntei se as crianças gostavam e ele responde: *“Maaaaas como gostavam”*. Depois para um pouco e diz: *“Bom, alguns não. É que nem...eu gosto de História e Geografia, você gosta de Matemática”*.

Durante muito tempo Itahum só contou com os estudos até a quarta série. Depois não passou da sétima. Foi preciso a luta de pais e professores, encabeçada por Sr. Valdeur, Presidente da Associação de Pais e Mestres, para conseguir trazer a oitava série, o Ensino Médio e a construção de um novo espaço, uma nova escola para dar vazão a essa demanda. E é ele mesmo quem conta:

“Eu sempre dediquei muito ao ensino, né? E veio um professor pra cá chamado Osvaldo da Silva. Ele era diretor. Foi ele que me incentivou a trazer a oitava série. Eu era o Presidente da Associação de Pais e Mestres, que fui várias vezes. Ele me procurou e eu falei, vamos! Nós saímos, fomos e ganhamos. O Luís Antônio Álvares Gonçalves era o secretário de Educação do Estado. Ele que autorizou. Pra ganhar o segundo grau também nós lutamos. Fomos em oito, se não me engano. Era o Sr. Osvaldo, eu, a Cleide, professora Elvira, Valdemar, Sr. Érico, o Tom...nós ficamos das 2 horas da tarde até umas 10 da noite pra falar com o governador do estado, que ainda era de Mato Grosso. E aí ganhamos dele. Ele construiu aquilo ali. Começou...e aí entrou outros governos, porque o estado foi dividido e tá o nome do Marcelo Miranda, mas quem começou foi o José Garcia Neto”.

O jornal ‘O Douradense’, impresso em Campo Grande e meio de comunicação mais importante entre o final de 1940 e início dos anos 1950 na região, também teve importante destaque nas reivindicações para a melhoria da educação, instalações de escolas e necessidade de alfabetizar as crianças da região a partir de várias matérias mostrando a importância da leitura e escrita para o desenvolvimento de um cidadão e de uma comunidade.

Em 10 de julho de 1948, por exemplo, o jornal publicou a história de um operador de máquinas agrícolas que se sentiu humilhado quando descobriu que, entre os colegas de trabalho só ele não sabia ler e escrever. Matérias assinadas por João Capilé Júnior mostravam campanhas pela educação em todo o Brasil e a importância de políticas de

educação para crianças e adultos. A primeira escola de Dourados foi instalada a 2 de Julho de 1915, sob a direção do professor João Corrêa Ramos.

A Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja, em Itahum, luta da Associação de Pais e Mestres do local, foi criada em 1978 e começou a funcionar em 1981. Além dela, outra conquista da associação junto com a Associação de Moradores, foi o Posto de Saúde.

Esse trabalho da Associação de Pais e Mestres tem sido, de certa forma, continuado não mais pela associação atual, que perdeu um pouco sua força, mas pela própria escola, a partir do trabalho com o jornal escolar e a conscientização dos alunos sobre a realidade em que vivem. Isso nos faz recordar Anísio Teixeira, quando defendia que a superação do atraso social e da alienação - com uma tomada de consciência da população e mudanças de mentalidade - poderia ser uma das tarefas que a escola pública poderia ter. Esse discurso pode ser encontrado nas palavras da coordenadora Alely de Matos Palmeira (conhecida como Lily), que fala da importância dos alunos conhecerem sua realidade para transformarem-na:

“A ideia desse projeto na realidade visa despertar as nossas crianças (...) porque nos assentamentos e no distrito a renda que existe é mais de subsistência, então eu me preocupo com o despertar crítico dessas crianças, para elas verificarem o que vai ser de Itahum no futuro (...) Eu tenho por mim que uma das saídas pra nossa comunidade como um todo seria a municipalização de Itahum. Dessa forma, teria uma estrutura administrativa, uma prefeitura, uma câmara de vereadores...e isso geraria emprego. Porque hoje (...) quando eles se formam, estão optando por ir pra Dourados. Então, aqui vai ficar o que? Uma cidade de velhos? Esse distrito vai se acabar? Eu me preocupo com isso. Então, com esse projeto a gente visa despertar a criticidade do aluno, pra ele despertar pra essas questões do amanhã. Como vai ser o amanhã? Como nós vamos tornar isso aqui habitável? De que forma nós vamos crescer, produzir, construir uma cidade de fato? É preciso ter uma estrutura. Aqui é preciso um hospital, temos que ter médicos, um banco. Temos que ter correio. Aqui não temos um banco. O médico nós temos que ir a Dourados ou o único posto de saúde tem um horário limitado. O médico vem aqui no horário da manhã e vai embora. Então tudo aqui é muito limitado. Nós dependemos aqui de ambulância. Uma pessoa que precise de um atendimento de emergência, se o médico não estiver aqui ela morre. São essas situações que a gente tenta com esse projeto fazer com que as nossas crianças raciocinem, que eles tenham essa criticidade, enxerguem. Não politicamente, porque é um projeto apolítico (em termos partidários), mas existe sim, uma política de desenvolvimento de estrutura dessa comunidade. Eu acho que isso é uma responsabilidade nossa como professora, como ser humano, como pessoas que moram aqui e gostam desse local. Se não, Itahum vai se acabar. Ou nós conseguimos trazer pra cá formas de geração de emprego ou nossos jovens vão todos embora”.

Aqui, inclusive, lembramos Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1987), reforçando o aspecto político do projeto ‘Repórter por Um Dia’ a partir das escolhas que direção, coordenação e professores fazem, porque, como diz Freire, a educação sempre é um ato político!

Da mesma forma, reiteramos o que vínhamos falando anteriormente sobre Anísio Teixeira, e destacamos um trecho dele citado no artigo “Anísio Teixeira e o plano Educacional de Brasília”, de Eva Wairos Pereira e Lúcia Maria da Franca Rocha, no livro *Nas Asas de Brasília*:

“(…) o problema da educação não é de hoje, pois, somente uma questão de progresso ou desenvolvimento, mas o da própria sobrevivência individual numa sociedade nova, superorganizada e impessoal, em que se faz extremamente difícil o senso de participação consciente. Ora, sem este senso de participação torna-se difícil se não impossível, a sobrevivência da própria sociedade” (1976, TEIXEIRA, p. 322-324, apud 2011, p. 30, WAIROS et. al).

E ainda que “educação e sociedade para Anísio não se desvinculam” (2011, p.35, WAIROS et. al).

Conforme já dito no início desse tópico, em Eldorado as primeiras lições que as crianças recebiam vinham de seus pais e da natureza, na lida com a terra, com os animais, como galinha, porco, carneiro e boi. O primeiro professor eles não conheciam numa escola tradicional como a que conhecemos hoje, municipal, estadual ou privada.

Na verdade um grupo de pais, compadres e vizinhos juntavam aquela “*ruma*” de meninos, contratava um professor e numa das chácaras eles tinham suas primeiras aulas. Era o dia inteiro. E uma matéria só por dia. Um dia inteirinho de Matemática. Outro dia para Leitura, Português, outro para Geografia, outro para História. “*Quando o pai precisava dos gurus ou a mãe precisava das meninas, o professor dava licença pro pai ou a mãe ocupar*”, lembra Sr. Valdeur.

Quando eu pergunto a idade das crianças que estudavam ali, ele pensa um pouco e até ri: “*Ali tinha de tudo que era de idade (risos). Dentro de uma sala de aula tinha do primeiro ano, do segundo, do terceiro e do quarto. Ia só até o quarto. E ali era tudo junto. Não era muito aluno, né? Mas era o dia todo e uma matéria só por dia.*”

Sr. Valdeur também lembra uma escola em que os professores não estavam preparados para a função e que parecia que tinham sido nomeados mais por amizade ou necessidade, que por competência:

“Tivemo uma escola também em que o professor buuurro o coitado (risos). Eu sabia mais que ele. Era professor, já era uma escola municipal....tinha também umas mulheres...(e começou a numerar algumas pessoas da comunidade). Mas não sabiam nada...(risos). Tudo num tinha nem o primário completo”.

Essa afirmação de Sr. Valdeur condiz com a de Cleide Rondina, quando afirma que os primeiros professores muitas vezes tinham que dar conta de ensinar matérias para os quais não haviam sido formados. Era um tal de professor de ciências dar aula de geografia; professor de português dar aula de ciências e por aí as coisas aconteciam. Por causa da necessidade ou do apadrinhamento político, quem sabe! Tudo por debaixo dos panos numa época em que mandavam os coronéis. Ocupava os lugares quem chegasse primeiro.

“Era uma realidade na qual era comum, por volta de 1949, professores lecionarem nas escolas da colônia de Dourados e região com revólveres na cintura. As brigas familiares que normalmente acabavam em mortes também eram comuns nas histórias da cidade”. (Naglis,2007, apud Ernandes, 2009, p 47)

Sobre a educação de hoje, Sr. Valdeur afirma que não acredita que os alunos possam aprender direito:

“Nós estudava desde o primeiro até o quarto ano tabuada todo dia. Hoje eu acho que o aluno quase não aprende, porque é 40 minuto uma matéria, depois outra, depois outra. E nós não. Era o dia inteiro uma matéria. Então, ó, História, Tabuada, Geografia, fica na cabeça (aponta o dedo pra cabeça em movimentos repetidos). É igual cantar. Se você não cantar até memorizar, você num aprende”.

E mais:

“O sistema hoje de 40 minutos pra mim, não me serve. Pode ser que pro ensino de hoje serve, mas o povo não tá sabendo quase nada. Pra meu ponto de vista eu acho que teria que ser o dia todo na escola. Eu acho que tinha que ser o dia todo de matemática. Se não embarulha tudo e a criança acaba não aprendendo nada. É igual cê gostar de cantar. Se não cantar em voz alta não aprende, não memoriza de jeito nenhum”.

A Escola Antônio Vicente Azambuja



Escola tem 450 alunos e é referência no distrito (Foto 28 - Cristiane Parente/ Outubro 2011)

A história da Escola Antônio Vicente Azambuja está ligada visceralmente a Itahum. Primeiro porque seu terreno foi doação de um dos pioneiros de Itahum, que lhe dá nome. Depois porque sua criação deveu-se à luta da Associação de Pais e Mestres, que foi até o governo pedir pela oitava série, pelo segundo grau, por uma nova escola para os adolescentes de Itahum.

A atual diretora (em 2012), Maria José Lins, está há 25 anos em Itahum. Veio do Paraná, da região Norte, Cornélio Procópio e diz que estar em Itahum e fazer por Itahum é uma forma de dizer muito obrigada por tudo que a comunidade já fez por ela. Ela está no sexto mandato, que começou no dia 1º de dezembro de 2011. E sobre trabalhar na escola há tanto tempo comenta:

“Sabe que é uma delícia? É assim um encantamento, um desafio diário a possibilidade de crescimento, de melhoria a cada momento. Cada dia é como se fosse o primeiro. A gente desenvolve as tarefas como se sempre tivesse algo a fazer, porque tudo é contínuo”.



**Maria Jose, diretora da escola (à direita), com a secretária Vera Pusch
(Foto 29 –Cristiane Parente/ Outubro 2011)**

O segredo para Maria José é trabalho, dedicação, presença na escola. *“O gestor que não tem o perfil de acompanhar de perto o trabalho que é realizado por todos, não deve ser gestor”, diz, e completa: “Se o diretor não está presente, se não acompanha, se não monitora, as coisas vão ficar desconectadas. Perde-se aquele elo da garantia do sucesso, da eficácia, da qualidade do ensino”.*

A escola tem uma referência muito grande em Itahum e, para Maria José, isso acontece desde sua criação e tem sido mantido.

“Eu penso que a escola, se ela não existir para servir a comunidade, não serve para existir. Porque o nosso trabalho é fundamentado em conhecimento mas, principalmente em relação social. Se eu não conseguir, meus professores, minha equipe técnica, desenvolver sentimentos, valores, cidadania e fizer esse exercício contínuo com nossos alunos, a gente vai perder um pouco a essência. A função primordial da escola é ensinar, mas ela tem que ensinar a ser bom enquanto conhecimento, mas a ser melhor ainda enquanto cidadão. É essa questão de trabalhar o humano, trabalhar a essência da pessoa, a mente, o coração, pra gente ter um fazer diferente, porque as pessoas andam muito egoístas, muito individualistas. A gente percebe todo mundo correndo pra si mesmo, quando o anseio da sociedade é de repente alguém estender o seu olhar, olhar uma causa social. E a gente procura envolver o aluno nisso”.

Apesar de a comunidade dar apoio à escola e estar presente em seus eventos, causas sociais e projetos, enchendo a escola em festas e comemorações, um dos problemas enfrentados pela A.V.A é a ausência dos pais para monitorar e acompanhar a aprendizagem efetiva dos seus filhos, para sentar e falar do fazer pedagógico, dos processos escolares. *“Isso nós ainda estamos caminhando a passos lentos”*, lamenta Maria José.

Outro problema que Maria José reconhece como sendo uma meta a ser alcançada é a adequação do currículo da escola:

“Nossa escola é considerada como zona rural, pela caracterização dela enquanto visão do Ministério da Educação e da Secretaria de Estado da Educação. Mas nosso currículo e toda a nossa estrutura, tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio é de uma escola de zona urbana”.

Diante de uma pesquisa que foi feita com os professores, chegaram a uma conclusão que enquanto não mudarem a estrutura de atendimento da escola e ela deixar de estar trabalhando aqueles conteúdos básicos que são trabalhados na zona urbana, os índices não vão melhorar como desejam. A ideia é que em 2012 comecem as mudanças.

Apesar do IDEB da escola ainda estar baixo, Maria José comemora o fato de já estarem conseguindo aumentar a nota. Em 2009 o IDEB do 5º ano era de 3,8 e, em 2011, subiu para 4,8. Já o IDEB do 9º em 2009, que era de 3,5, subiu para 4,8 em 2011. Para Maria José, uma das explicações é o envolvimento de toda a escola com a leitura de jornal.



Pátio da escola (Foto 30 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

Atualmente a escola possui 24 professores atuando em sala de aula e três atendendo como coordenadores. Ao todo possui cerca de 450 alunos. São 11 salas de aula, oito oficiais e três adaptadas, ou seja, estão no ambiente escolar, mas eram outros espaços. E por necessidade, pelo volume de alunos, foram adaptados para sala de aula. A escola possui ainda pátio, biblioteca, parquinho para as crianças menores, quadra coberta, sala de tecnologia educacional e cantina.



Sala de Informática (Foto 31 - Cristiane Parente/ Outubro 2011)



Sala de aula (Foto 32 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)



Parquinho (Foto 33 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

Desenvolve vários projetos como os Jogos Escolares. Em 2012 acontecerá a 15ª edição, sempre com um tema diferente a cada ano. Em 2011 com o tema Educação de Valores a escola ganhou o Selo Escola Solidária 2011, premiação que é uma realização do Instituto Faça Parte em parceria com MEC (Ministério da Educação), Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação), Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação), Unesco, OEI e Unicef. A premiação acontece a cada dois anos e reconhece as escolas de educação básica comprometidas com uma educação solidária e criam situações de aprendizagem com a comunidade, com a participação social. Ou seja, no caso da Escola Antônio Vicente Azambuja o jornal foi um dos grandes incentivadores do prêmio, de acordo com a coordenadora Alely Matos Palmeira.

Segundo Maria José, quando o projeto com jornal foi iniciado, os professores não sabiam que o leque ia abrir na proporção que tomou. O projeto começou de forma tímida, pequena. *“A gente tinha muita coisa divulgada só no mural da escola e aquilo foi ficando pequeno, foi ganhando proporção, ganhando rua, ganhando nome, elogios. Cresceu”, diz .*



Informe A.V.A nas paredes da escola (Foto 34 – Cristiane Parente/Octubro 2011)

Para Maria José o aluno ampliou seu envolvimento com a comunidade, a preocupação de fazer alguma coisa diferente, deixar uma marca. Para ela, a escola hoje é vista com mais respeito pelos pais, porque a maioria da população percebeu que os alunos estão agindo diferente, fazendo diferente. *“Eles participam de tudo politicamente, coisa que é difícil você ver um jovem se envolvendo”*, destaca.

UM JORNAL NA ESCOLA, UMA ESCOLA NO JORNAL

O ano era 2008 quando o programa “O Progresso Ensinando a Ler o Mundo”, desenvolvido pelo jornal O Progresso, de Dourados, mais antigo jornal do Mato Grosso do Sul, fundado em 1951, chegava à Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja, em Itahum. A ideia era trabalhar com os exemplares de jornal que passariam a ser distribuídos na escola para alunos e professores a partir das várias possibilidades que ele poderia oferecer, especialmente no estímulo à leitura.



Segundo a coordenadora Alely ou Lily (na foto ao lado) os professores poderiam trabalhar desde a leitura de imagens às propagandas, leitura e identificação de manchetes, reinterpretação de textos etc. O trabalho com jornal passou a estar no Projeto Político Pedagógico da escola, como algo estratégico para melhorar a leitura e escrita dos alunos. Essa, pelo menos era a ideia inicial. Mas havia mais!

Lily (Foto 35 – Cristiane Parente/Out 2011)

Lily já apontava uma dimensão política importante do trabalho com o jornal: *“Em todo o distrito o jornal O Progresso só chegava para quatro ou cinco famílias, que o assinavam. Era preciso levar o jornal para a escola, para as crianças. Elas têm o direito de saber, de ter informação, para se posicionarem”*.

Ela reconhece porém que, enquanto alguns professores usam o veículo apenas como instrumento para ajudar na leitura, outros vão além, ousam e não ficam presos apenas ao conteúdo de suas matérias, conseguindo extrair do aluno mais reflexões e autoria, assim como o professor de português, Domingo Rosa Vega, autor do projeto “Repórter por Um Dia”, que veremos adiante.

“Em princípio, quando começamos a trabalhar com o texto jornalístico, tivemos um pouco de dificuldade, porque a gente não sabia como fazer. Aí vieram as capacitações ainda em 2008 (oferecidas pelo jornal) que nos deram um Norte pra gente ter noção de como trabalhar os textos jornalísticos”, relembra Domingo. Foram cerca de 40 horas de formação em Dourados.

A ideia inicial do projeto era que cada professor elaborasse um projeto de trabalho com o jornal O Progresso para ser desenvolvido ao longo do ano letivo com seus alunos.



Fátima - O Progresso (Foto 36 – Out 2011)

A pedagoga do jornal, responsável pelas formações, Fátima Frota (foto/ “O Progresso”), tinha como função ajuda-los a construir esse planejamento. E, segundo ela, a orientação era que o estudante também se tornasse protagonista nesse processo.

Domingo destaca que no princípio, no início do projeto os professores procuraram aprofundar mais a questão da leitura e da produção textual. Mas o lado social e a questão da cidadania e da crítica social vieram como consequência. *“Quando isso surgiu, a gente não pôde deixar escapar, porque era importante leva-los a fazer essa leitura do entorno.*

E isso foi muito bom, fluiu a partir desse trabalho”, destaca o professor. E acabou tornando-se o principal vetor do trabalho que ele desenvolve.



Profº Domingo Rosa, coord. do Repórter Por Um Dia (Foto 37- Cristiane Parente/ Out 2011)

Destacamos abaixo, alguns trechos do projeto “O Progresso Ensinando a Ler o Mundo” para que fique claro qual a perspectiva que jornal e escola tinham desse trabalho conjunto:

Justificativa

“No mundo contemporâneo em que se vive, a globalização tem atraído cada vez mais crianças, jovens e até mesmo adultos para o mundo digital. Desde então o educador acaba adquirindo mais uma concorrência com os meios de comunicação. Dessa maneira o educador precisa inventar novas práticas para chamar atenção dos alunos em relação à importância da leitura.

(...) Uma das formas de isso acontecer é o trabalho com diversos gêneros de textos (...) que podem ser encontrados no jornal (...) Através desta iniciativa de inserção da leitura do jornal no cotidiano do educando, espera-se que este adquira a prática e conseqüente prazer pela leitura.

(...) O jornal nas mãos de um estudante orientado para seu uso crítico, interdisciplinar e transversal em sala de aula, pode assegurar não apenas a leitura plena entre estudantes, mas também permite a contextualização dos fatos que permeiam o cotidiano da cidade, do país e do mundo, com as disciplinas ensinadas, tomando tais conteúdos atuais, relevantes e significativos.

Além disso, o uso do jornal em sala de aula ajuda a educar os futuros leitores, para que eles não apenas saibam como ler jornais, mas como fazê-lo analítica e criticamente, extraindo deste meio de comunicação toda a informação importante sobre a qual poderá basear suas decisões.”

Objetivo Geral

“O Projeto Jornal O Progresso Aprendendo e Ensinando a Ler o Mundo tem por objetivo desenvolver o apreço pela leitura, desenvolvendo habilidades de compreensão dos textos verbais e não verbais. Assim como incentivá-los na prática da leitura, com a finalidade de torná-los leitores proficientes.

(...) Através da leitura, o educando consegue se tornar um cidadão, que será um agente transformador da sociedade e que está inserido.”

Objetivos específicos

“A leitura de diversos gêneros textuais

Prática da leitura na sala de aula, com suporte de jornal

Desenvolver discussões sobre as matérias contidas no jornal e nos textos

Provocar reflexões sobre a importância dos gêneros textuais na vida das pessoas

Desenvolver uma leitura crítica com os alunos

Compreender o conceito de leitura para a vida

Praticar a produção de texto tendo como base os diversos gêneros textuais

Produção de texto, tendo em vista o interesse dos discentes. Que serão organizados em forma de jornal bimestral da escola.”

Domingo ressalta que na língua portuguesa os professores pensaram logo em algo ligado a leitura e produção escrita, áreas que os alunos estavam tendo muita dificuldade. Mas nesse meio tempo Lily - que estava coordenando os trabalhos com jornal na escola - sugeriu: *“por que vocês além de lerem o jornal em sala de aula e discutirem a temática trazida pelo noticiário, não procuram escrever um jornal com matérias e informações que envolvem a comunidade local?”*

Como na época passava o quadro “Repórter por Um Dia”, do Fantástico (Globo), O professor Domingo resolveu batizar o projeto com esse nome. Os alunos (do 9º ano e do 2º ano do Ensino Médio) seriam os repórteres. Iriam entrevistar, investigar a comunidade e, a partir daí, escreveriam os textos jornalísticos e os publicariam num jornal mural a cada dois meses.

Mais tarde, em 2009, acabaram publicando também um impresso colorido em papel A4, o “Informe A.V.A”, com os melhores textos do jornal mural, escolhidos pelos próprios alunos. Mas infelizmente sem periodicidade certa, porque dependiam da verba do PDE para imprimir seus 450 exemplares. Um verdadeiro feito, se pensarmos que nenhum jornal da grande mídia consegue atingir 10% da população como o Informe A.V.A (já que a população de Itahum é de cerca de 4.500 habitantes). Algumas matérias acabaram sendo publicadas também no jornal O Progresso, nas páginas de Opinião ou de Educação e, por fim, numa última etapa, já no final de 2011, os textos acabaram tornando-se fonte para a coluna “Itahum - Fotos e Fatos”, lançada pelo jornal, numa compreensão da importância do trabalho feito no distrito pela escola.



Matéria no O Progresso (Foto 38 – Cristiane Parente/ Out 2011)



Matéria no O Progresso (Foto 39 – Cristiane Parente/ Out 2011)

A empolgação com o “Informe A.V.A” e com o projeto foi tanta que na tradicional festa julina, e em comum acordo com a Associação de Pais e Mestres da escola, o dinheiro arrecadado com as barraquinhas serviu para comprar gravador e câmera para o trabalho dos alunos. O primeiro número do informe foi distribuído no dia da festa da Associação de Moradores, na semana do aniversário do distrito.



Distribuição do jornal na saída da escola

(Foto 40 – Cristiane Parente/ Outubro 2011)

Num primeiro momento os alunos ficaram apreensivos, preocupados, sem saber o que fazer com o jornal. Depois das primeiras orientações e dos roteiros, porém, veio o entusiasmo e eles começaram a observar tudo que viam em Itahum: *“Ah isso é bom porque em tal lugar tem um problema assim e assado”, “as ruas do distrito estão ruins, vamos escrever sobre isso?”*, *“o lixão está lá e todo mundo jogando, a coisa tá feia. Vamos lá ver e escrever?”*, *“vamos ver como está o posto de saúde e o atendimento?”* – comentaram os próprios alunos em relação a suas reações sobre o jornal. De uma hora para outra começaram a surgir várias pautas que eles mesmos viam ou discutiam em casa com os pais ou na sala de aula.

Mas segundo Domingo a ideia do projeto não é escrever apenas sobre os problemas da comunidade, mas também sobre o que está dando certo, ou ainda sobre algum evento da

própria escola. “A gente procura enfocar as necessidades, mas também aquilo de bom que a comunidade tem e que tá sendo trazido pra cá”. Ele acredita, porém, assim como a diretora Maria José, que o projeto poderia ser melhor desenvolvido no contra turno, quando teria mais tempo para ser melhor trabalhado, já que o currículo deixa as aulas muito corridas.

As pautas, assim como os entrevistados, são sugestões do professor, mas também dos alunos, que podem levar temas e ideias que acharem interessantes. A partir daí os grupos são divididos para que eles partam para o campo para colher as informações.

Lily ressalta que o trabalho com o jornal inicia-se com alunos pequenos, quando os professores começam lendo o jornal para eles, para que tenham ideia do que é o veículo:

“Eles começam a tomar contato com a realidade local, a ver o que está acontecendo em Dourados, em Itahum, no Brasil e no mundo através do jornal. Ali eles começam não só a ler, mas também a fazer uma associação de como pegar uma manchete e escrever sobre aquele assunto de forma diferente; fazem leitura e releitura etc.”

Para a maioria dos alunos, muitos com 13, 14 anos, foi a primeira vez que viram, tocaram em jornais impressos.

Até eles chegarem a escrever, passam por várias etapas e trabalhos que começam com a leitura de imagens, quando ainda são pequenos. “Isso eu acho que é o jornal cumprindo uma função social, que é democratizar o acesso ao saber. É uma oportunidade que a gente tem que é o projeto de educação a partir do jornal, de usá-lo dentro da escola como ferramenta pedagógica muito rica, muito ampla, porque ali no jornal a gente acha tudo”, ressalta.

Em junho de 2011, 16 professores trabalhavam com jornal, desde os do 1º ano do Ensino Fundamental. Apenas os de matemática ficaram de fora, por considerarem seu currículo muito extenso. Cada um usou o jornal de acordo com suas necessidades e à sua maneira e com uma carga horária que variou entre 20 e 60 horas basicamente no segundo semestre letivo. Cada professor tinha um dia da semana específico para trabalhar com “O Progresso” e outras atividades com jornal. A partir de um horário semanal a que todos os professores tinham acesso, era possível saber se um colega estaria trabalhando com jornal naquele dia e pensar em alguma atividade interdisciplinar.

Os professores que mais trabalharam com jornal em 2011 foram os da sala de recursos, além dos de geografia e história, com 60 horas cada; o professor Domingo Rosa Vega, coordenador do Projeto “Repórter por Um Dia”, de português, com 80 horas, e também o professor Rudinei Adalberto Silva Kraemer, que deu aulas de filosofia, sociologia e atuou na sala de recursos, chegando a alcançar também 80 horas de trabalho com jornal e desenvolveu o projeto “Política é coisa séria”. É possível ver com detalhes essa divisão de carga horária no Anexo 1 deste trabalho.

De forma geral, porém, os professores trabalharam com colagens, manchetes, interpretação de textos, confecção de cartazes, debates a partir da leitura de notícias, diferença entre gêneros jornalísticos, identificação de fatos científicos no jornal, desenvolvimento do gosto da leitura e formação da cidadania, entre outros aspectos citados no projeto da escola (Anexo 1).

Além do trabalho social de democratizar informações e ajudar o aluno a vivenciar a realidade, o jornal, segundo Lily, enriquece o vocabulário, mas principalmente há uma transformação da realidade dos alunos. *“Usar o aprender, o saber e o fazer pedagógico pra modificar, pra transformar o meio em que vive é outra das possibilidades com as quais trabalhamos o jornal”*, ressalta, destacando ainda que é preciso estimular uma reflexão nos alunos sobre o futuro de Itahum:

“A ideia desse projeto na realidade, também visa despertar as nossas crianças porque (...) aqui nós temos assentamentos, fazendas e nós sabemos que no Distrito a renda que existe é mais de subsistência, então eu me preocupo com o despertar crítico dessas crianças, para elas verificarem o que vai ser de Itahum no futuro, porque aqui o que se produz é para comer (...) Os assentamentos não geram uma riqueza. Pouco se produz para a venda (...) Uma das saídas pra nossa comunidade seria a municipalização do distrito de Itahum. Dessa forma teria uma estrutura administrativa, uma prefeitura, uma câmara de vereadores... isso geraria emprego. Porque hoje nossos adolescentes se tiverem que estudar no turno integral na faculdade, têm que morar em Dourados e quando se formam, estão optando por ir pra Dourados. Então, aqui vai ficar o que? Uma cidade de velhos? Esse distrito vai se acabar? Então, com esse projeto a gente visa despertar a criticidade do aluno, pra ele despertar pra essas questões do amanhã”.

Lily afirma que essa é uma questão de responsabilidade e compromisso que os professores devem ter com os alunos e a comunidade, se quiserem que ela continue a existir. E na sua frase abaixo, algo que nos chamou atenção foi perceber que são os

professores os únicos profissionais que retornam a Itahum depois de sair do distrito para fazer faculdade. São eles que retornam mais uma vez para tentar fazer a diferença:

“Ou nós conseguimos trazer pra cá formas de geração de emprego ou nossos jovens vão todos embora. Nós temos que ter aqui fábricas. Nós temos que ter aqui usinas, indústrias, comércio, pra que o nosso jovem possa trabalhar, porque não tem nenhuma estrutura. Então, eles terminam o colegial, vão embora e não retornam mais. Poucos retornam e os que retornam são os que voltam formados professores. Os médicos não voltaram, engenheiros também não, dentistas também não. Por enquanto estão voltando os professores. Essa é a classe, é a categoria que ainda está tentando fazer o Itahum se transformar em uma cidade! É isso que nós queremos”.

Sobre essa formação política dos jovens e, especialmente, sobre o projeto “Repórter por Um Dia”, a pedagoga Fátima Frota, do jornal O Progresso, explica:

“Nós trabalhamos para que eles mesmos pudessem produzir textos sobre aquela realidade e buscassem soluções, levassem solução para o distrito. Então, ser repórter por um dia é a oportunidade que esses estudantes têm de se colocar frente à realidade e chegar frente ao administrador, ao gestor e poder falar assim: ‘prefeito, deputado estadual, federal, senador, nosso problema é esse, estamos denunciando, queremos solução’. Essa é a parte mais magnífica do resultado do trabalho da leitura. É o que faz realmente com que a gente veja aquele resultado presente. E mais ainda, você reunir o grupo de professores, estudantes e falar assim: ‘fale, escreva o que você pensa, vá atrás. Se você não fizer isso pela sua localidade, ninguém vai fazer isso por você. Então a gente percebeu a criticidade no posicionamento que eles estavam tendo”.

Outro ponto importante que Lily destaca é que o projeto tem possibilitado o exercício da argumentação:

“Ninguém conhecia jornal e a sua socialização foi um aspecto muito interessante. Nossas crianças hoje tem acesso ao mundo através do jornal. Eles conheceram um jornal a partir do O Progresso. Eles não sabiam o que era um jornal. E nós socializamos um. Eles viviam em um mundo no qual eles não se atentavam para o que acontecia em volta deles e agora é diferente. Eles despertaram. Eles sabem que o lixo que está ali está errado, que faz mal, que contamina o lençol freático. Aprenderam que a rua em que eles moram está ruim, precisa ser asfaltada”.

Para as professoras e coordenadoras Marla Szymczak Ariose e Adriana Liné, o trabalho com jornal proporcionou a melhoria na produção textual dos alunos e o gosto pela leitura, que sempre foi um desafio na escola para todos os professores. Mas ainda assim é

difícil desenvolver o projeto, porque dá muito trabalho. Ambas destacam a grande carga horária e currículo que os professores precisam desenvolver e o fato de muitos darem aula em mais de uma escola.

Apesar de reconhecerem que o trabalho com jornal tem ajudado na leitura e escrita dos alunos e até afirmarem que muitos alunos que trabalharam com jornal passaram no vestibular da federal, dizem que não há como fazer uma relação tão direta entre esses fatos, porque a escola não tem medido essa relação. Marla acredita, porém, que o projeto tem melhorado a prática pedagógica dos professores de forma geral, envolvendo mais os alunos: *“sempre que tem um projeto que não seja só conteudista, os alunos se envolvem mais e o projeto com jornal é um exemplo”*.

Segundo Adriana, *“os alunos estão mais críticos, porque passaram a ter um tipo de leitura de algo ligado à vida deles”*. Já para Marla, *os alunos passaram a interferir mais no meio em que vivem a partir do projeto: “Eles viraram cidadãos ativos”*, destaca. Outro ponto que destacam como importante no trabalho com jornal é o fato da comunidade poder se ver como notícia. *“Quando eles se viram na notícia, viram a importância do jornal da escola. Eles vão à parede, no jornal mural e se procuram”*, diz Adriana.

Marla também destaca que a visão do lugar em que eles moram mudou a partir do trabalho com o jornal: *“O lugar que eles moram pode ser notícia. O lixão, a dengue, as lâmpadas queimadas foram denúncias deles e foram publicadas no jornal O Progresso também”*. De certa forma eles viram que podiam fazer alguma coisa, que tinham importância e podiam mudar alguma coisa com o projeto. Isso fez toda a diferença, acreditam.

Ambas destacam o fato de que a escola tornou-se uma fonte a mais de informação a partir do momento em que o jornal chegou lá, já que a maioria dos alunos nunca tinha tido contato com o veículo. E lembram que em 2010 os alunos da EJA chegavam a buscar o jornal no intervalo das aulas para terem informações.

Segundo a diretora Maria José Lins, o resultado com leitura, produção, envolvimento tanto do professor como do aluno e da comunidade é uma marca conquistada com o trabalho com jornal e que também acabou dando uma incrementada no processo educativo:

“Os alunos se sentiram mais estimulados a estudar. A presença deles na escola não é só aquela rotina de chegar às 7h, sentar, assistir cinco aulas e sair. Eles têm aula de pesquisa, entrevista, vão para a rua, voltam para a escola. Eles nunca sabem o que vai acontecer de diferente”.

Ela também destaca que o trabalho com jornal foi um avanço na questão do interesse social, coletivo, no relacionamento com a comunidade. *“Hoje eu sinto que há um sentimento de pertencimento maior dos alunos em relação à Itahum. Apesar de todos os problemas que nós temos, eles valorizam o lugar de onde são”.* Acrescentado a isso, podemos dizer que o trabalho com o jornal deu uma visibilidade a Itahum que não havia antes, o que pode ter reforçado esse sentimento de pertencimento construído de forma coletiva pelos próprios alunos e a escola.

Nesse ponto vale a pena destacarmos que se Dourados sempre esteve presente em Itahum pela influência e força política, o trabalho da escola e do jornal “O Progresso” fez com que Itahum passasse a ocupar um espaço de visibilidade em Dourados, reclamando melhorias e direitos.

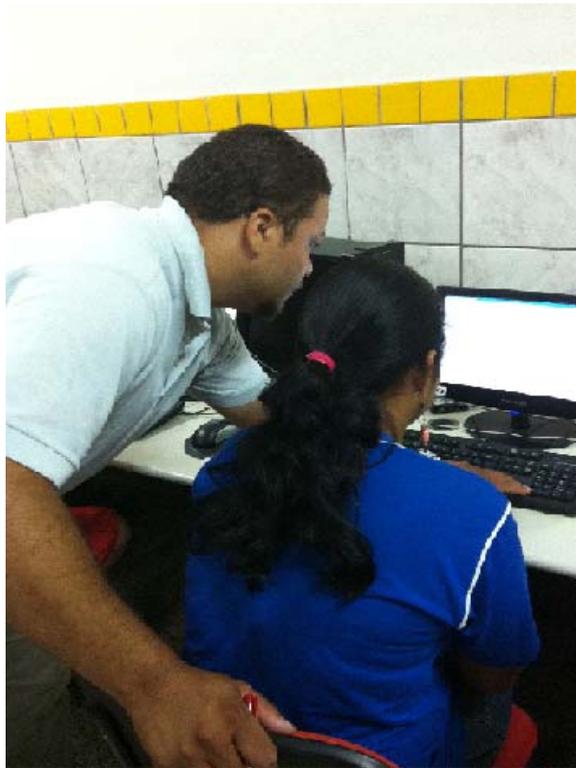
Interessante perceber que esse mesmo jornal, “O Progresso”, a partir da década de 20, e depois com mais força na década de 50 (quando deixa de ser publicado em Ponta Porã e passa a ser editado e impresso em Dourados), junto com o jornal “O Douradense” (impresso em Campo Grande, entre 1948-1951), teve importante participação na reivindicação de melhorias para a região e também na criação do mito fundador de pertencimento coletivo da população de Dourados, numa época em que havia um sentimento de divisão entre os mato-grossenses do sul e do norte, conforme relatado por Ernandes:

“Uma vez identificado, este sentimento se fortaleceu e na ressignificação feita pelas elites sulistas de alguns elementos da identidade mato-grossense, a imprensa douradense, os memorialistas e o governo municipal procuraram diferenciá-la do norte e o extremo sul (região de fronteira) do antigo Mato Grosso, solicitando para si o exemplo de brasilidade. Um discurso assumido e amplamente divulgado pela imprensa por meio dos jornais O Douradense e O Progresso.

Nas reportagens publicadas por eles encontram-se mitos fundadores, discursos identitários, campanhas pró progresso e civilização, ampla política de valorização da cidade, do solo, do clima, das possibilidades para o futuro e de suas gentes. Foi por meio das páginas dos jornais que circularam e circulam até hoje em Dourados, como é o caso do O Progresso, que cidadãos letrados, jornalistas e advogados valorizaram a agricultura, criticaram a Mate Laranjeira, defenderam a industrialização dos ervais, incentivaram a pecuária refinada, selecionaram os

amigos da cidade, reivindicaram melhorias para o município e elegeram políticos nos níveis, estadual e federal. (2009, p. 20)

Hoje “O Progresso” é o principal meio de comunicação de Dourados e região, com forte influência na opinião pública. Segundo Ernandes (2009), foi por meio dele que um discurso unificador contribuiu para a formação de elementos e símbolos identitários do douradense. Isso estaria acontecendo também com o povo de Itahum?



Profº Domingo revisando o Informe A.V.A

(Foto 41 - Cristiane Parente/ Out 2011)

O professor Domingo ressalta ainda o fato de que desde que o projeto começou a proximidade com a comunidade tem se ampliado e algumas pessoas buscam a escola para sugerir pautas para o jornal. Ele interpreta isso como a escola sendo um ponto de apoio da comunidade, um caminho, um meio para chegar até o poder público através da imprensa também. Isso para ele demonstra também que a escola está ganhando mais relevância na comunidade, mais apoio e também parceria como, por exemplo, com a Associação dos Moradores, da qual ele passou a ser tesoureiro desde 2011.

Além de alguns efeitos em relação à melhoria da leitura e escrita, mais participação na aula e em trabalhos em grupo, Domingo cita que o trabalho com jornal começa a dar resultados práticos para a comunidade: *“o lixão ainda exige luta, mas já melhorou; o barro acumulado nas ruas diminuiu e, por fim, conseguimos a chegada de uma antena de operadora de celular, que vai, finalmente, permitir sinal para todos”*.



Lixão denunciado pelos alunos da escola (Foto 42 – Cristiane Parente/ Out 2011)

Fátima Frota concorda que as conquistas têm a ver com o trabalho dos alunos em parceria com o jornal O Progresso:

“A partir daquelas reportagens, hoje, 2011, tem vereador, deputado estadual, federal e, inclusive, senador, junto com prefeito, que incluíram emendas pra atender aquelas necessidades do distrito. E tudo começou pelo Repórter por Um Dia. O senador Delcídio está vendo a questão da linha e da torre de celular. O prefeito está verificando a questão do transporte e do posto de saúde e tudo foi reivindicação dos estudantes (junto com a Associação dos Moradores), porque a gente sempre trabalha: ‘a escola é o núcleo da transformação e vocês são o núcleo dessa transformação. São vocês que tem que colocar a cara pra fora’. Então está tendo esse resultado”.

Os resultados que começam a aparecer a partir do trabalho feito pelos alunos, o professor Domingo também credita à parceria entre escola e jornal:

“Por ter partido da escola teve um peso maior, porque ela tem uma grande representação dentro da comunidade (...), mas também acho que a partir do momento que você publica (na grande mídia), as pessoas têm medo. O poder

público, de certa forma, quando a coisa leva para o lado da imprensa, vira matéria, vai para jornal, rádio, TV, dá seus pulos”.

Segundo Domingo o projeto também procura fazer reflexões sobre os textos que são publicados no jornal O Progresso e na grande mídia e, por causa disso, surgem questionamentos dos próprios alunos quando percebem que uma matéria mostra apenas um lado do fato. *“Os alunos percebem e refletem, perguntam por que está escrito de um jeito e não de outro; dizem que não devia estar escrito daquele jeito, porque não foi assim que o fato aconteceu; perguntam por que o jornal trouxe uma informação e não outra etc. Eles têm um senso crítico”,* defende o professor.



Alunos leem jornal após distribuição na escola (Foto 43 – Cristiane Parente/ Out 2011)

Domingo ressalta a importância do trabalho com jornal/ jornal escolar:

“Do meu ponto de vista é importante porque você começa a formar cidadãos críticos. Essa crítica social é importante e o jornal por trazer temas atuais, te deixa em dia com a realidade, não só do município, mas do mundo (...) isso é importante para o crescimento social do educando”.

Sobre como era a relação das crianças e adolescentes com as notícias e se os alunos eram estimulados na escola a se preocupar com a comunidade e os problemas do lugar em que viviam, Sr. Valdeur comenta:

“Vamo falar francamente, naquele tempo os meninos nem pensavam no mundo. Porque nós “num tinha” notícia de ninguém. Quando chegava um na fazenda do papai era de mês em mês. Mas era um vizinho de três léguas, quatro léguas. (...) vinha pousar em casa e contava as novidades de Dourados. Mas criança não assistia a conversa dos mais véio. Num cruzava como dali aqui no mei (meio) de

nós (fazendo gesto indicando de uma ponta a outra da roda em que estávamos conversando). Mas de jeito nenhum. Bastava a olhada de um pai ou da mãe já tirava tudo da sala”.

Ele lembra uma passagem curiosa de quando ficou sabendo de uma história famosa chamada “O Crime da Mala”. *“Nós era criança e ficuemo horrorizado. Era o Crime da Mala. Isso foi em 1926, mas a notícia chegou pra nós aqui em 1944, 45”*. Na época Sr. Valdeur tinha 12, 13 anos:

“Nós num tinha notícia de nada, né? De vez em quando chegava um vendedor de touro zebu de Campo Grande, do Rio Brilhante e contava as notícias da guerra, da Alemanha. Então eles contavam algumas historinhas pra nós...mas o interesse era o que? Trabalhar, estudar, ajudar os pais e brincar.”

E o que ele acha do projeto do jornal desenvolvido na escola? _ Pergunto a Sr. Valdeur: *“Eu vi o jornal que trouxeram. Já li ele. (...) Mas as crianças só apelaram mais para o centro aqui do Distrito. Tinham que apelar mais para as estradas, pegar toda a zona rural”*.

E ele até arrisca algumas pautas:

“Entra a colheita e não tem jeito da pessoa entrar (na fazenda). Tem fazenda que faz uns 20 anos que não vê uma patrôla. É difícil as coisas. Tem que aprimorizar mais o jornal. Por exemplo, o que adianta dar lote para o povo e não dar assistência?”

Mas reconhece que as sugestões podem incomodar gente grande do distrito ou de Dourados e que o contexto merece atenção e pode ser perigoso mexer com alguns assuntos.

“Tem muitas coisas que eu falo aqui que posso pisar num prefeito, num vereador, num deputado e eles podem num gostar. Tem tudo isso. E a gente tem que analisar as coisas, porque hoje tá perigoso. Hoje tá perigoso. Se você vai mexer numa caixa de marimbondo você pode ser ferrado, né? E se for abelha africana, vai até a morte (risos). Então tem certas coisas que a gente faz a crítica, mas tem que saber.... porque muitas vezes pode ser barrado, né?”

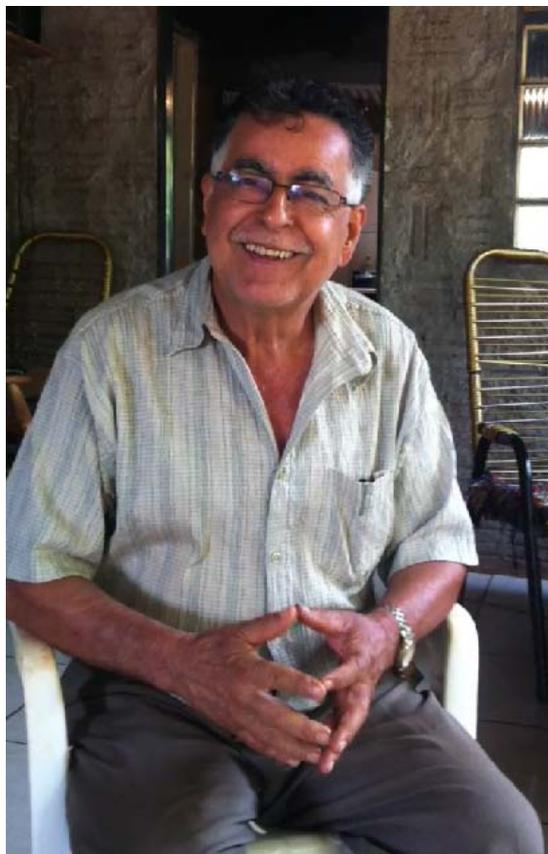
Ouvindo-o falar dessa maneira, fica impossível não comparar com a conversa com D. Cleide e lembrar os velhos tempos de coronelismo. As “abelhas africanas”, então, continuam a sobrevoar Itahum? Insisto em perguntar se ele acha que a escola deve fazer com que os alunos reflitam sobre os problemas locais e ele responde que sim.

Quem também pensa da mesma maneira é o Sr. Altino Antunes do Nascimento (foto abaixo), presidente da Associação dos Moradores:

“Eu acho que essas entrevistas, esse trabalho que os alunos faz pra comunidade é importante, porque na hora que o prefeito viu (através do jornal) que toda a comunidade tá empenhada naquelas coisas que tá faltando pra Itahum, ele vai prestar mais atenção, vai ver que todo mundo tá empenhado. Eu sou presidente da associação, mas indo só eu lá pra reclamar muitas vezes se eu sou companheiro do prefeito ele acha que não precisa fazer nada. E se eu sou adversário, ele recebe como crítica. Então, o trabalho dos alunos e professores que tão empenhado nesse trabalho é de suma importância”.

Sr. Altino também ressalta a importância do trabalho da escola pela possibilidade de formação de futuros líderes do distrito e cita o professor Domingo, que foi aluno da escola e está coordenado o trabalho, além de fazer parte da associação.

“Eles tão aprendendo. No amanhã, eles vão ajudar a administrar, seja direta ou indiretamente, nossa região. Não só Itahum como Dourados. Acho muito importante o que eles estão fazendo (...) A escola tá fazendo um trabalho muito importante, porque antigamente não fazia esse trabalho. O professor (Domingo) é conhecedor porque ele estudou desde o primeiro ano dele aqui e se formou, tá aqui até agora e vai ser nosso braço forte na educação”.



Sr. Altino ajudava os alunos com o jornal (Foto 44 – Cristiane Parente/ Out de 2011)

Ele também ressalta que a comunidade tem começado a valorizar o trabalho da escola e que isso tem mudado até a relação dos alunos com a família:

“A comunidade tá começando a ficar ciente da importância desse trabalho comunitário e desse trabalho dos alunos. Hoje tem muitas mães e muitos pais que tão ponhando na cabeça que é importante. Muitas vezes eles não dão valor para seu filho e lá no colégio seu filho tem muito valor. Muitas vezes é uma criança inteligente, mas em casa não é explorada a inteligência da criança pelos pais. Lá que a gente tá vendo a inteligência de cada criança, a iniciativa deles cobrar”.

Maria José complementa que o trabalho dos alunos também tem chamado atenção das outras escolas estaduais, de Dourados:

“É um trabalho pequeno, que vai surtindo efeito lentamente. Mas a gente já tá chamando atenção. Eu posso até dizer o seguinte: que os meus colegas diretores das outras 23 unidades da rede estadual de ensino de Dourados me perguntam o que é que a gente faz que toda semana a Escola Azambuja está no jornal. É difícil não sair uma matéria da gente semanal. Mas quem tá fazendo esse trabalho? Os alunos. O projeto. A mudança de postura, de envolvimento com o lugar, com a localidade. E acho até que a mudança de critério pra ver as coisas, porque os alunos passaram a se envolver mais (...) A secretaria de educação hoje se você perguntar quem é a Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja ela vai responder que é uma escola que trabalha, que produz, que faz a diferença. Então você tem esse reconhecimento da nossa liderança. E o nosso objetivo não é mais só fomentar a leitura, não. Se enquanto cidadão eu não puder fazer nada pelo lugar em que estou, pra melhorar ou pra pelo menos ampliar as possibilidades de alguém voltar os olhares pra ele, pra essa causa, pro objetivo que a comunidade anseia, de que vale a gente fazer educação?”

Tudo isso, segundo Sr. Altino, também tem a ver com ouvir as crianças, prestar atenção no que dizem e dar voz a elas:

“Tem que sempre ficar atento, ouvir a criança que viu alguma falha do motorista, um ônibus que anda em muita velocidade. Tudo isso aí tem que ficar atento. Tanto os professores, como o presidente da associação dos moradores e os alunos. Por isso que o trabalho deles é importante”.

Em 1977 Sr. Altino saiu do Rio Grande do Sul e foi para Itahum trabalhar como funcionário rural. Na época não existia ainda a escola estadual, assim como não havia água da rua. Era preciso cavar poço e fazer caixa d'água. Também não havia energia. Mas um amigo da família, do Rio Grande do Sul, onde nasceu, chamou o rapaz para trabalhar na lavoura dele por um ano. Esse ano se transformou em toda uma vida dedicada ao distrito e em vários mandatos como presidente da associação.

Quando perguntei como passou a ser líder e se engajar com os problemas da comunidade, Sr. Altino disse que virar presidente da associação e começar esse trabalho veio do coração, de ver as pessoas sofridas, e contou a história do menino Altino, de uma família muito pobre no Rio Grande do Sul. Um menino muito acanhado que morava num lugar muito sofrido no “interiorzão do Rio Grande” e que tinha vergonha de ir à escola em dia de chuva, porque não tinha botinhas, como os amigos, apenas uma sandália, quando conseguia. E chegava cheio de lama e barro na sala. Um menino que cresceu sem conseguir ler e escrever e trabalhando na lavoura desenhava rabiscos no chão na esperança de alguém compreender o que ele estava escrevendo: *“Eu escrevia na areia trabalhando, porque eu lidava com a enxada, e escrevia na areia achando que tinha formado uma palavra, daí chamava alguém pra ver se formei uma palavra e não, não dizia nada a letra que eu tinha feito”*.

Sr. Altino só aprendeu a ler aos 18 com o Mobral e diz que foi a maior felicidade que teve na vida. Talvez por isso valorize tanto o trabalho da escola e do jornal e tenha sido seu maior parceiro até fevereiro de 2012, quando morreu. Segundo Domingo, foi através do Sr. Altino que os alunos conseguiram agendar algumas entrevistas com políticos, além de obterem entrevistas e dados para as matérias que buscavam soluções para os problemas de Itahum, lugar que Sr. Altino aprendeu a amar.



“E gosto daqui, adoro aqui. Aqui vai ser meu final. Eu quero me que enterre aqui, mas com a cabeça pro lado do Rio Grande”, me disse Sr. Altino sorrindo no final da conversa que tivemos, sem saber que quatro meses depois morreria num acidente de carro. As fotos e filmagens que fiz dele no alpendre de sua casa foram as suas últimas imagens. Foto: Domingo Vega

Última entrevista que fiz com Sr. Altino (Foto 45 – Domingo Rosa Vega/ Outubro 2011)

Os pais, os filhos, a comunidade, o olhar sobre o projeto

Para termos uma visão de como os alunos estão se sentindo com o trabalho com o jornal, o que estão aprendendo, como ele é desenvolvido, entrevistamos 13 jovens e adolescentes, sendo que duas jovens foram ex-alunas da escola e já estão na universidade, morando em Dourados. Elas participaram da primeira edição do “Informe A.V.A”, em 2009; um aluno participou da segunda edição do “Informe A.V.A”, em 2010, e os outros 10 eram da turma do professor Domingo Vega de 2011, que desenvolvia o projeto. Dessa turma que ainda está na escola, seis são meninas e cinco meninos.

Nossa intenção era ver de que maneira o projeto poderia ser visto por diferentes alunos e ex-alunos ao longo do tempo e se havia mudanças entre um ano e outro; percepções diferentes que pudessem nos dar algumas pistas do amadurecimento do mesmo. Para não expor os alunos, optamos por dar nomes fictícios a eles, preservando sua imagem e dando liberdade para que expusessem sua opinião.

Logo no início, percebemos uma pequena diferença no discurso das ex-alunas para os alunos atuais, no qual nos pareceu que o projeto tornou-se um pouco mais aberto às sugestões dos alunos. Talvez por elas terem participado da primeira edição, o professor já tenha chegado para os alunos com os temas mais definidos, como ambas afirmaram. Isso não significava que não estivesse aberto a sugestões, mas a postura de chegar com temas prontos muitas vezes podia intimidar ou acomodar os alunos.

Já os atuais alunos, apesar de dizerem que o professor sugeria alguns temas, ouvia mais a turma. Para nós, um avanço, mas que ainda pode ser ampliado conforme veremos mais adiante. Só para deixar clara nossa afirmação, listamos abaixo trechos da conversa com as duas ex-alunas (nas fotos abaixo) quando indagadas sobre como decidiam que tipos de temas e problemas iriam colocar no jornal mural.

“A maioria que eu lembro eram os professores que davam, mas havia alguns que a gente escolhia o tema. Tem muita coisa que é de poesia, crônica e a gente que tinha que fazer, mas as reportagens, geralmente eles que davam os temas” (Ex-aluna Paula)

“Os professores davam os temas pra gente e a gente se reunia com os outros integrantes da equipe pra discutir quais perguntas iríamos fazer, como ia ser...era assim.” (Ex-Aluna Camilla)

Perguntei se não seria mais interessante se os temas pudessem ser mais debatidos entre os alunos, mas a Ex-Aluna 1 respondeu: *“Eu tenho mais dificuldade de ir atrás de um tema. Acho mais fácil darem um tema pra mim e eu ir atrás das coisas”*.

Também conversamos com o pai e a mãe de duas alunas e a mãe de uma ex-aluna. Queríamos ver se acompanhavam o projeto e o que achavam dele. A centralidade da escola no distrito e o respeito que os três possuem por ela ficou muito claro em todos os três depoimentos, como veremos a seguir:

“Acompanho muito a escola e vejo como minha filha está empolgada com o jornal. Acho que esse jornal pode ajudar a comunidade a desenvolver mais aqui, a cobrar pra que o distrito vire município e se desenvolva”, diz Rogério de Melo Machado.

A questão política de Itahum tornar-se município, se repete na fala desse pai, assim como já tinha sido frisada pela coordenadora Lily como uma das preocupações da população. E parece que o trabalho da escola acaba reforçando a possibilidade desse caminho e da formação política dos alunos.

Rogério complementa:

“Minha filha passou a falar de problemas da comunidade que antes ela não falava, não conhecia. Ela é muito inteligente. E as coisas que ela enxerga ela já comenta, questiona. Eu falo pra ela não bater de frente, porque a gente é pequenininho, mas ela fica: ‘Ah pai as coisas têm que mudar’. Eu acho esse projeto 10”

Vera Lúcia Krainer Pusch foi aluna da escola e hoje continua lá, agora como secretária, além de mãe de alunos e de ex-aluna que participou do projeto. Viu a filha entrevistar prefeito, moradores e envolver-se com questões locais que antes não se interessava. *“O projeto é muito bom pro desenvolvimento dos alunos, e pode vir a formar novos líderes de Itahum. Você conversou com os alunos, deve ter sentido aqueles que têm o espírito já de liderança, né?”*

Mais uma vez nesse depoimento fica claro para nós o quanto existe uma aposta na formação política dos jovens, na possibilidade de um olhar diferenciado para Itahum e, quem sabe, no primeiro vereador do distrito, representando de verdade os interesses do lugar na Câmara em Dourados, já que isso nunca aconteceu.

E se existe alguma dúvida em relação ao fato dos alunos serem muito novos para já estarem lidando com problemas da comunidade, Márcia Beatriz Klein Verger, mãe de aluna que desenvolveu o projeto em 2011 e que mora em uma das fazendas mais distantes da escola, ela comenta:

“Eu acho que a escola está ligada em tudo, então, é o lugar de começar a mostrar pros alunos os diversos problemas que existem, pra que um dia quando os alunos forem maiores e se encaminharem pra alguma área, já tenham conhecimento sobre o assunto, não saírem cru da escola. E também é uma forma deles se colocarem na vida dessas pessoas, se sentirem úteis, ajudarem essas pessoas (da comunidade)”.

Mas e os alunos, o que pensam do projeto?

Todos os 13 alunos e ex-alunas entrevistados leram pela primeira vez um jornal na escola. Muitos deles, inclusive, pegaram num jornal impresso só na escola, com exceção de um deles, cujo avô lia em casa e de uma aluna que viu uma visita com um jornal na mão e teve curiosidade para ler. A maioria deles é morador de fazendas e reconhece que, antes de projeto com o jornal, não tinha conhecimento ou contato com os problemas de Itahum. Os que moram na vila é que viam mais de perto os problemas e acabavam conversando com os colegas. Mas ainda assim, só foram ler jornal com o projeto, como mostra o depoimento da aluna 2, de 16 anos: *“Agora que eu tô com essa idade foi que eu fui pegar um jornal e ler (...) Só na escola”*.

Perguntamos a todos eles o que estavam achando do projeto e o que estavam aprendendo com ele:

“Acho que todos os alunos tem gostado. Porque eles gostam muito de conhecer, ver o que tão precisando mais aqui. Antes do trabalho com o jornal a gente não tinha a preocupação de saber o que estava acontecendo com a comunidade. O trabalho com o jornal despertou bastante o interesse das pessoas” (Aluno Rodrigo)

“É melhor pra gente aprender (...) pra gente saber como Itahum tá, né? Itahum tá precisando de muita ajuda, de médico, de serviço pra jovem, etc. Também tá ajudando a minha leitura, a escrita e também sobre a vida. O jornal é importante

pra gente aprender, pra ter um futuro pela frente (...) Eu se tornei mais atenta pra realidade.” (Aluna Helena)

A resposta abaixo nos impressionou pela singeleza e, ao mesmo tempo, força com que a aluna usou a expressão “ter direito”. Ela demonstra a felicidade por poder ter tido o direito garantido à educação, a uma escola em que, segundo ela, poderá ser a pessoa que quer ser na vida. E isso só será possível, porque frequentou a escola.

“O jornal é muito bom pra informar as pessoas. Meu contato foi muito bom. A gente aprende mais, aprende a escrita, aprende tudo com jornal. Aprende a ter o conhecimento com o mundo. Sempre acha uma matéria, uma pessoa, sempre conhece alguma coisa daqui de Itahum que as pessoas falam e a gente vai atrás pra conhecer (...) Esse projeto ensina muito a gente. A gente está aprendendo mais sobre onde a gente mora e isso é muito bom. (...) A gente olha, faz o jornal e pensa que se não ajudar pode piorar. Então, é muito bom. Tá ajudando bastante também porque eu tinha muito erro de português e na leitura eu não era muito boa e esse projeto tá ajudando bastante. Aprendi muito aqui, que é uma escola boa, que eu tive o direito de crescer, de fazer as coisas. Então eu tive um direito muito bom de crescer na vida e ser pessoa que eu quero ser e vou ser.” (Aluna Joana)

“Nossa! Isso tá sendo muito legal, porque a gente se sente importante, né? Isso é muito importante. As pessoas (da comunidade) vão se sentir mais protegidas, vão poder ter voz, vão poder falar o que elas quiserem aqui que a gente vai poder tá transformando isso numa reportagem (...) A gente está aprendendo a dar valor às coisas, a não desperdiçar, a cuidar do meio ambiente (...) a gente aprendeu muito (...) os meninos estão se informando mais. Não estão ficando tão bestas, estão interagindo com o jornal.” (Aluna Raíssa)

“Os alunos quando entram na escola já têm um pensamento que é terminar logo a escola e ir pra Dourados ou alguma região próxima pra fazer faculdade. E com isso ninguém nunca prestou atenção em melhorar Itahum. E através do projeto começamos a ver os problemas como eles são, pra tentar melhorar pra quem vive aqui, pra nossos pais, nossos familiares que vivem aqui (...) Através do projeto a gente pôde ver o que precisa na comunidade, e dar mais atenção aos problemas da comunidade.” (Aluno João)

Esse mesmo aluno deu um depoimento sobre seu processo de amadurecimento após o trabalho com jornal que nos pareceu muito interessante compartilhar. Segundo seu relato, alguns alunos que moravam em fazendas e dependiam do transporte público para chegar à escola no período da tarde acabavam invariavelmente chegando atrasados e perdendo a primeira aula. O Aluno 6 contou que ele e seus amigos achavam que era sorte dos colegas não ter que aturar todas as aulas. Com o projeto, porém, perceberam o problema do transporte escolar; que seus colegas, na verdade, esperavam às vezes mais de uma hora no

sol quente para conseguir pegar o ônibus e ficavam por mais uma hora dentro dele e já chegavam à escola na hora do almoço.

“Isso me fez pensar até nos problemas de outras regiões, como a Norte, por exemplo. Alunos que se quiserem ter estudo precisam ficar até 12 horas dentro de um barco pra poder ter a chance de estudar (...) Aí, juntamente com o professor Domingo a gente fez uma entrevista com os motoristas pra ver o que poderia ser feito pra melhorar a chegada dos alunos. E juntamente com o professor, descobrimos que um ônibus seria muito pouco pra fazer a entrega dos alunos e busca-los. Se fossem dois já não teria mais esse atraso. Fizemos matéria e agora mandaram um micro-ônibus pra atender essa necessidade e os alunos não estão mais chegando atrasados”. (Aluno João)

“O trabalho com o mural e o Informe tem sido bom, pois ele tem tido resultado como, por exemplo, a antena de celular, que veio agora (...) Eu aprendi e vi mais os problemas de Itahum, porque a gente não tava vendo os problemas daqui” (Aluna Maria)

“É uma coisa boa, porque a gente fica sabendo melhor as coisas, o que acontece na nossa região (...) e a gente aprende a lidar melhor com as pessoas, aprende novas palavras (...) aprende mais”. (Aluna Márcia)

“É bom porque a gente junta as pessoas, dá pra refletir sobre os problemas da comunidade (...) a gente aprende a valorizar, ajudar as outras pessoas e a comunidade”. (Aluno Fernando)

Uma resposta muito interessante que tivemos foi de uma das ex-alunas sobre a questão do trabalho em grupo, de ouvir o outro, respeitar posições diferentes da sua. Uma aprendizagem que ela levou para vida e que é típica do trabalho coletivo com o jornal, como veremos abaixo:

“Querendo ou não a gente aprende a escrever melhor, mais correto. Aprendi muito a ouvir a opinião dos outros, que até então era tudo eu (...) Tinha matérias que era um monte de pessoas e a gente tinha que ver horários em que cada um podia ir pra ir juntos, fazer, etc.” (Ex-Aluna Paula)

“A gente via as partes dos problemas de Itahum, mas a gente também aprendia a desenvolver uma entrevista, uma redação, aprendemos até a escrever melhor e ter conhecimento do que acontecia porque você, adolescente, não pensa nos problemas de onde mora.” (Ex-Aluna Camila)

Especialmente os alunos que moram nas fazendas destacaram que ficam distantes da realidade local e não ficam sabendo nada sobre o que acontece na vila e com a comunidade. O aluno 1, por exemplo, destacou o seguinte: *“Na fazenda nós não sabia de nada que tava acontecendo aqui”*. E quando eu questionei se foi a partir do projeto com jornal que ele passou a ter contato com o que está acontecendo, a resposta foi a seguinte: *“Foi. Aí eu*

chego em casa e falo pros meus pais; falo o que está acontecendo em Itahum e tudo que tá no jornal eu falo pra eles. Eles tem adorado o jornal daqui,” diz orgulhoso.

Esse mesmo sentimento que revela um certo orgulho pelo trabalho pode ser notado em alguns alunos, que passaram a sentir-se importantes, por terem informações antes reservadas a poucas pessoas. Por passarem a ser na família alguém com um status diferenciado. Alguém que tem informação a dar. E cujos textos passaram a ser publicados não apenas no mural da escola e no “Informe A.V.A” - que se tornou quase que um jornal local - mas também no jornal “O Progresso”, “da cidade grande”.

O trabalho com o jornal escolar para os alunos foi uma experiência tão significativa que ao serem questionados sobre isso, todos os 13, sem exceção, acham que vale a pena a criação de jornais escolares e sugerem que toda escola tenha um trabalho com jornal. Reproduzimos abaixo algumas respostas:

“Acho que vale, porque a população fica sabendo mais das coisas. Sabe qual escola que fez (o jornal) e dá os parabéns para os alunos.” (Aluno Rodrigo)

“Vale a pena pra eles aprenderem a ter contato com jornal”. (Aluna Helena)

“Vale, porque cada pessoa tem que ter uma oportunidade, né? Então, eu acho que valeria a pena. Eu acho que todas as escolas deveriam ter um jornal. Que nem que aqui, que é uma vila pequena, tem que informar todas as pessoas. Em outros lugares também eles deveriam fazer isso.” (Aluna Joana)

“Acho que deveriam dar essa ideia pros outros, porque muitos não tem iniciativa. E devia ser apoiada, porque é legal, fazer, ir atrás, ver os problemas, saber como monta um jornal uma reportagem, etc.” (Ex-Aluna Paula)

Essa ideia é boa. Igual a ter o jornal O progresso na escola, porque o aluno se ocupa com uma coisa importante. Na escola você está numa fase de desenvolvimento, conhecimento, então é importante levar o projeto pra frente”. (Ex-Aluna Camila)

“Acho que vale a pena. No começo o povo pode achar uma bobagem, pode achar que já tem tanto jornal e o povo nem presta atenção, mas não é pros leitores em geral, é pros alunos, pra eles verem os problemas...” (Aluno João)

“Vale a pena fazer um jornal escolar. Algumas coisas até já foram melhoradas depois que a gente fez o jornal”. (Aluno Rômulo)

“Eu diria vá em frente, respira fundo e faz, porque não é só a sua escola que vai se beneficiar. Tipo Dourados...que você pode sair e entregar para a comunidade, por exemplo. Por mais que Dourados seja grande, enorme, com muitos problemas, se cada escola tivesse um jornal, mostrando os problemas, já ia ajudar muito (...) Quando chega uma matéria e a gente vê que conseguiu alguma coisa, a gente se sente muito bem”. (Aluna Ana)

Foto 46 – Mãe de alunos da Escola Antônio Vicente Azambuja Cristiane Parente (Out/2011)



“Se o projeto está dando resultados? Minha filha, pra mim, que sou mãe de tantos filhos, só de ver esses alunos com lápis e papel na mão, andando por esse Itahum, entrevistando gente, procurando saber sobre os problemas daqui...isso pra mim já deu certo. Isso pra mim é o resultado.” (Moradora entrevistada sobre problemas com o posto de saúde)

Um olhar sobre o Informe A.V.A

Ao longo de três anos a escola só conseguiu publicar seis Informes A.V.A. A justificativa é que a verba dependia do PDE e nem sempre sobrava dinheiro para a impressão dos 450 exemplares do jornal escolar.

O “Informe A.V.A” era composto pelos melhores textos do Jornal Mural bimensal produzido pelos alunos do professor Domingo Vega, a partir da eleição dos próprios alunos e do professor, portanto, fomos analisar que tipos de textos faziam parte dele, que pautas eram as mais comuns e de que maneira os alunos participavam da escolha das mesmas.

Ao analisarmos os informes produzidos, optamos por não diferenciar textos informativos e opinativos como geralmente acontece em análises da grande mídia. Isso se deveu principalmente ao fato dos textos dos alunos ainda estarem em processo de amadurecimento e, em muitos casos, haver misturas de gêneros jornalísticos. Da mesma

forma, não fizemos diferenciação em relação a tamanho de textos para fins de análise temática e de enquadramento.

Importante esclarecer que definimos enquadramento segundo o “Dicionário de Análise do Discurso” (2006) como a “maior ou menor valorização ou dissimulação de certo dados pelos locutores”. Acrescentamos ainda que “todos os estudos comparados de imprensa abordam essa questão que, evidentemente, vai ao encontro das pretensões de objetividade de algumas mídias (Bonnaufous, 1991, Koren, 1996 etc apud Charaudeau & Maingueneau, p. 191)

Tivemos o cuidado, porém, de listar os textos que eram de professores e de internet, para diferenciá-los da produção dos alunos.

Nos seis exemplares do “Informe A.V.A” foram identificados 55 textos, todos com fotos correspondentes a seus conteúdos, além de anúncios classificados em alguns jornais, publicidade de eventos, joguinhos, passatempos e piadas, esses últimos em espaços menores.

Do total de 55 textos, 46, ou 83,63% são produzidos por alunos; quatro, ou 7,27% são de professores; dois, ou 3,63% têm origem na internet, em sites como wikipedia e, por fim, três textos, ou 5,45% não possuem origem definida ou não estão assinados.

Em termos de enquadramento, separamos as notícias em positivas, negativas ou neutras, sendo que essa última caracterizava-se por mostrar o fato sem valorá-lo, enquanto que as outras claramente deixavam visível seu viés mais crítico ou elogiável ao fato ou personagem citado. Aqui percebemos, inclusive, uma certa ingenuidade dos alunos em relação a algumas matérias, nas quais ouvindo políticos eles tornaram-se “gravadores de luxo”, como diz o jargão jornalístico, reproduzindo o que a autoridade dizia, mas sem contestá-la. Algo que uma educação para a mídia desenvolvida ao longo de mais tempo pode ajudá-los a amadurecer.

Quanto aos temas, eles dividem-se basicamente entre escola e comunidade de Itahum. Claro que entendemos que a escola faz parte da comunidade, mas para fins metodológicos queríamos saber que tipo de pauta mais mobilizava os alunos ou estava sendo mais publicada no jornal. E para nossa surpresa, ao contrário do que imaginávamos

depois de conversar com alunos e falarmos tanto sobre as questões de Itahum, o “Informe A.V.A” acabou tendo mais pautas ligadas à escola do que à comunidade.

Verificamos que dos 55 textos, 31 referiam-se a eventos e temas ligados à escola, o que corresponde a 56,36% do total, sendo que um dos jornais não tinha nenhum assunto dedicado à comunidade. Todos os cinco textos desse Informe eram voltados para a escola. O restante das produções, 24 ou 43,63% era voltado a questões da comunidade como assentamentos, promessas de políticos, problemas com iluminação pública, lixo etc.

Essa diferença positiva em relação à quantidade de matérias sobre a escola não se refletiu na conversa com os alunos, que sempre falavam mais sobre as questões de Itahum. Talvez porque o que mais chamou a atenção dos mesmos foi justamente o trabalho de sair às ruas, entrevistar moradores, descobrir os problemas locais, denunciar e buscar uma solução, além de ver as notícias publicadas no jornal “O Progresso” e a mobilização de alguns políticos em torno do assunto.

O interessante também foi perceber que praticamente a totalidade dos textos cujos temas foram a escola teve um enquadramento positivo, com exceção daqueles que falaram do atraso na reforma da escola e do atraso no transporte escolar. De 31 textos voltados para a escola, 26, ou 83,87% do total eram positivos e apenas dois, ou 6,45% tinham um viés negativo, enquanto três eram neutros, representando 9,67% do total de textos sobre a escola, demonstrando um olhar positivo dos alunos em relação ao seu local de estudos, aos profissionais, às festas e à própria centralidade da escola no distrito.

Ao contrário, dos 24 textos voltados a falar sobre a comunidade, 10 ou 41,6% possuíam um viés negativo, demonstrando que as políticas públicas não estão alcançando as necessidades da população. Outros 10 textos foram considerados neutros por nós, por serem textos retirados da internet sobre Dourados ou ainda construções textuais que mesclavam aspectos positivos e negativos do local. Apenas quatro textos foram positivos, representando 16,66% do total.

Aqui se destaca, sobretudo, as denúncias dos alunos em relações a problemas com iluminação pública, falta de médicos no posto de saúde, problemas com o lixo a céu aberto, falta de cascalhamento e asfalto nas estradas etc. Algumas dessas questões com as quais os

alunos tomaram conhecimento a partir de conversas com os moradores ou porque estavam vivenciando-as, conseguiram ter retorno com seu trabalho junto com a Associação dos Moradores, pressionando o poder público a partir das pautas do “Informe A.V.A” e apoio do jornal “O Progresso”, de Dourados, que passou a publicar as matérias em suas páginas e, no final de 2011, a partir da coluna “Itahum – Fotos e Fatos”.

A escola tornou-se um centro tão importante para o local que, em alguns momentos, o professor responsável pelo projeto passou a receber denúncias de moradores para que fossem publicadas no jornal da escola.

Como parte da pesquisa fizemos uma entrevista com os alunos para verificar que pautas eles gostariam de ver no jornal também, afinal, alunos de 13, 14 anos falando apenas de problemas da comunidade e eventos da escola não nos pareceu muito natural. Que outros assuntos típicos de sua idade estariam fora desse jornal? E por quê? Estariam eles tendo liberdade para participar com sugestões de pauta ou o jornal já vinha com as pautas prontas para eles executarem? Era algo que precisávamos saber.

Para isso, fizemos um grupo focal e, depois, entrevistas separadas. Surpreendeu-nos que, apesar de algumas sugestões de outros temas mais ligados à juventude, nenhum deles quis tirar os problemas de Itahum do foco do jornal. Inclusive, na hora de dar algumas sugestões de pauta, alguns acabavam caindo novamente em temas da comunidade.

A experiência, sem dúvida, parece ter influenciado muito cada um dos alunos, especialmente quando perceberam a reação da comunidade quando começaram o trabalho de entrevistar os moradores e levar o jornal para eles, como mostra o aluno João:

“Todo mundo ficava feliz e dava sua opinião, pois nunca ninguém veio perguntar pra um morador o que ele queria, o que era bom pra ele, e aí todo mundo se sentiu, vamos dizer, gente, né? Porque teve atenção. Mesmo que seja dos alunos teve alguma atenção.”

Perguntei aos alunos se o jornal tivesse temas escolhidos apenas por eles, se seria diferente; que outros temas ele teria, além dos problemas da comunidade; se esses temas sobre Itahum realmente interessam aos jovens; que temas eles gostariam de ler no jornal, etc. Algumas das respostas estão abaixo:

“Sim...teria mais temas. A gente falaria mais do posto de saúde, de ter mais mercados, pro povo não ter que ir tão longe comprar. Os temas da comunidade continuariam, porque ninguém vê os problemas dos outros”. (Aluno Rodrigo)

“Acho que teria outros temas, né? Teria noticiário sobre festa, lei seca pra não ficar na rua até tarde, etc. Mas é interessante discutir sobre Itahum, porque ajuda a gente e também a comunidade. Eu acho melhor pra gente aprender”. (Aluna Helena)

“Devia ter temas mais pra adolescentes tipo de esportes, novelas, porque a maioria pega pra ver isso, pra coisa de adolescente. Isso poderia melhorar. Mas devia complementar, tirar os temas de Itahum não, porque ele é muito bom assim. E complementando ele vai ficar melhor ainda.” (Aluna Joana)

“Acho que sim né? Porque adolescente ia querer fazer uma coisa mais divertida, meio humorizada, né? Não seria tão sério. Eu acho que o jornal ficaria mais legal, mais interessante (com mais temas). Não só os adultos, mas os jovens poderiam ler. Não ficaria uma coisa tão séria.” (Aluna Raíssa)

“Podia ter mais assunto da escola e de educação no jornal.” (Aluno Mário)

“Pouca coisa mudaria. Ai assim de lembrar...muitas coisas a gente não falou...muitos adolescentes engravidavam e isso nunca foi falado. De drogas a gente nunca falou nada. Ia palestra na escola e falava, mas a gente nunca falou nada no jornal. Porque a gente só queria falar dos problemas pra ver se alguém mais na frente pudesse ver e ajudar a gente.” (Ex-Aluna Paula)

“Pensaria outras pautas, né? Porque ficar sempre naquilo? Tem que ter alguma nova pra atrair as pessoas que leem. Só fala de problemas, mas deveria falar também da parte boa, porque Itahum, 40% da produção dele vem pra Dourados; a escola lá também é muito boa perante essas aqui de Dourados. O ensino lá é muito bom. Deveria colocar isso também (...) E a gente não falava de drogas, etc. Na época não surgiu nenhuma sugestão pra falar disso também. Era mais os temas que os professores sugeriam pra gente”. (Ex-Aluna Camila)

“Acho que não (mudaria), porque todo mundo pensa a mesma coisa pra melhoria do Itahum. Acho que não tem mais do que isso. Ter tem, mas não são (temas) muitos preocupantes e a gente tenta colocar os mais precisos.” (Aluna Maria)

“Se fosse (pra fazer o jornal) sem o professor seria difícil. Acho que se a gente ficasse só reproduzindo o outro jornal (que já existe), acho que a gente ia deixar essa parte inteira do jeito que a gente está fazendo e aumentar um pouco mais, colocando mais alguma coisa sobre o jovem, o que ele está tendo em Itahum, o que eles estão representando na nossa comunidade, então, isso eu acho que é bacana. Mas eu não tiro do professor Domingo, porque isso já é pro jovem que está nascendo, crescendo, indo pra faculdade (se conscientizar). Isso eu não ia mudar. Eu podia acrescentar alguma coisa, mas...não mudava essa primeira parte. Podia acrescentar mais alguma coisa de lazer, dos movimentos de Itahum, como lanchonete, lugar pro jovem ir; a gente ia tentar buscar alguma solução pra ver onde o jovem pode ir. Eu colocaria de uma forma mais aberta pro jovem, adolescente, pré-adolescente. Eu ia tentar pensar mais um pouco nisso.” (Aluna Ana)

Também nos chamou a atenção ver que fontes os alunos buscaram para escrever seus textos e aqui foi onde encontramos a pior situação. Poucos textos tinham mais de uma

fonte. Não possibilitando uma diversidade de opinião. Das 55 produções, 33 não ouvem nenhuma fonte, apresentando apenas o fato em questão. Importante dizer que dessas, três são poemas e oito são notinhas de apenas poucas linhas, o que implicaria estarem fora dessa análise; 18 textos entrevistam e/ou escutam uma fonte; um texto ouve duas fontes e apenas três textos citam três fontes, ainda assim, não apresentando diversidade de opiniões.

Mesmo nos textos que mostram mais de uma fonte, elas não possuem opiniões discordantes, e sim, complementares, o que não permite ao leitor uma diversidade de visões sobre o fato retratado.

Para nós essa questão é algo que os alunos ainda precisam aprender ao longo de sua experiência com o trabalho com jornal e mídia em geral, e que faz parte da dimensão cidadã e crítica desse trabalho, visto que democracia e liberdade de imprensa e opinião caminham lado a lado. Quanto mais diversidade de vozes a população tiver acesso, melhor será para sua reflexão e formação de opinião.

ÚLTIMA ESTAÇÃO

Como podem ser regradados o estudioso e o tecelão da narrativa presentificada, se lidam com os gestos tão desmesurados quanto incomensuráveis do humano ser? Esse narrador que pratica a arte de tecer o presente, se não entregar afetosamente à compreensão das visões de mundo, cedo frustrará o projeto de autoria. Se não se acrescentar à excelência sociológica a arte de tecer os desejos coletivos e as sabedorias intuitivas, a rede de sentidos não atingirá o tom maior da generosidade. Partilhar a visão de mundo do outro, dela extrair a utopia humana e ampliar a competência técnica e científica na narrativa solitária não é uma miragem, é uma possibilidade. (MEDINA, 2003, p.80)

Não queremos com este capítulo dar um ponto final em nossas investigações. Sabemos que como o projeto “Repórter por Um Dia”, nosso estudo de caso, está em pleno processo e amadurecimento, o melhor que podemos fazer é contribuir com reflexões e ações como oficinas (que nos dispomos a fazer) para os educadores e educandos, para que ele venha a melhorar e a ajudar na formação dos alunos e no desenvolvimento de Itahum. Se conseguirmos dar esse retorno, como pesquisadora, à comunidade que tão bem nos acolheu, já nos sentiremos honradas e com parte de nossa missão cumprida, já que pesquisar e aprender é um caminho que apenas começamos a percorrer e esperamos dar continuidade, com mais segurança e maturidade.

Retomando os autores que nos serviram de base, inspiração e companheiros de reflexão, consideramos que o projeto “Repórter por Um Dia”, de certa forma, retoma as Aulas Passeio de Freinet, reconhecendo que o interesse do aluno pode estar fora da sala de aula, na própria comunidade. E tem transformado as aulas em momentos mais interessantes para o aluno, despertando para os lugares, questões e personagens de Itahum, ao estimular que os alunos percorram caminhos diferentes dos que comumente percorrem, descobrindo histórias que farão parte do Informe A.V.A produzido por eles dentro do projeto Repórter por Um Dia. Os depoimentos a seguir demonstram o que acabamos de ressaltar:

“As aulas estão bem mais diferenciadas agora. A gente não fica só dentro da sala de aula. Eu tenho melhorado a caligrafia, a produção de texto e, a partir do jornal, discutido sobre Itahum”. (Aluno Rômulo)

“A gente não escreve mais só pra tira nota, mas pra melhorar o Itahum, né?” (Aluno Mário)

“Os alunos se sentiram mais estimulados a estudar. A presença deles na escola não é só aquela rotina de chegar às 7h, sentar, assistir cinco aulas e sair. Eles têm aula de pesquisa, entrevista, vão para a rua, voltam para a escola. Eles nunca sabem o que vai acontecer de diferente”. (Diretora Maria José)

Ainda sobre Freinet, é importante fazer referência a como o projeto permite que o aluno possa expressar-se, mas dentro de um contexto que o professor tem tornado educativo, como defende o autor.

Além disso, o jornal escolar, segundo Freinet (1974), conforme já citado, não deveria estar a serviço de uma pedagogia escolástica, mas de uma educação que prepara para a vida. E acreditamos que o exemplo da Escola Antônio Vicente Azambuja se encaixaria bem na pedagogia Freinetiana.

Ainda sobre o jornal escolar e retomando o pesquisador português Gonçalves (2008), que critica a pouca participação da comunidade e também Melo (1986), que fala da superficialidade dos jornais escolares, um ponto positivo que vimos em nosso estudo de caso foi justamente a participação da comunidade de Itahum no jornal produzido na escola. Seja como fonte, seja como destinatária principal do veículo, seja recebendo bem os alunos e estimulando-os a seguir em frente ou ainda como sujeito de ação, que faz da escola um local político de reivindicação, a comunidade participou de sua produção, ainda que possa ser reivindicado uma maior contribuição de sua parte.

Neste ponto, porém, acreditamos que é preciso aprimorar mais o uso do jornal escolar como instrumento de resolução de questões da própria escola e que poderiam, a nosso ver, ser superados com uma campanha feita a partir do jornal para discutir temas, como por exemplo, as reuniões de pais, que ainda possuem pouca participação. Outra questão com a qual nos deparamos e pensamos na possibilidade de uso do jornal para aproximar a comunidade é a mudança de currículo que a escola pretende fazer, trazendo para sua realidade o contexto rural. São questões que têm uma centralidade na comunidade, afetam diretamente a educação do distrito e acreditamos que pais, assentados, trabalhadores agrícolas e acampados podem e devem colaborar com a construção desse currículo e o jornal poderia ser uma maneira de reunir a comunidade em torno desse tema.

Não adianta apenas falar de problemas mais gerais de Itahum ou de festas e eventos da escola, se questões ligadas à educação do distrito e formação dos alunos também não forem discutidas. E o jornal pode ser um veículo de debate. Por que não usar o jornal mural e o “Informe A.V.A” para sensibilizar a comunidade para essas questões também? É uma sugestão que deixamos para reflexão da escola e dos educadores.

Outro ponto que para nós merece atenção é em relação aos temas do jornal. Por mais que os alunos tenham enfatizado que não mudariam as temáticas ligadas à comunidade, questões como sexo, drogas, gravidez na adolescência, bullying, esportes e lazer apareceram como assuntos que gostariam de ter no jornal e que não estavam conseguindo ser estimulados a propor. Por mais que haja uma abertura do professor, talvez esse espaço de diálogo precise ser repensado, para que temas como esses possam vir à tona de forma mais natural.

Como vimos no capítulo anterior, os temas do jornal dividiram-se entre questões da comunidade e da escola, mas sem um espaço para assuntos que fazem parte do discurso natural e construção da identidade dos jovens nessa faixa etária. Mesmo assumindo que o projeto desenvolvido na escola passou a ter uma dimensão de formação política dos alunos, e de futuros líderes de Itahum, acreditamos que assuntos típicos da juventude não deveriam ficar de fora de um jornal feito (também) para jovens. Isso fica claro nos discursos abaixo, que reproduzimos do capítulo anterior:

“Acho que teria outros temas, né? Teria noticiário sobre festa (...)” (Aluna Helena)

“Devia ter temas mais pra adolescentes, tipo de esportes, novelas, porque a maioria pega pra ver isso, pra coisa de adolescente. Isso poderia melhorar (...)” (Aluna Joana)

“(...) adolescente ia querer fazer uma coisa mais divertida, meio humorizada, né? Não seria tão sério. Eu acho que o jornal ficaria mais legal, mais interessante (com mais temas). Não só os adultos, mas os jovens poderiam ler. Não ficaria uma coisa tão séria.” (Aluna Raíssa)

Para além da questão dos temas, porém, algo que também é extremamente importante em projetos como o de produção de jornais e outros meios de comunicação alternativos é a compreensão da própria mídia. Como ela funciona? Como produz suas mensagens? De que maneira contribui para nossa visão sobre o mundo? Ou seja, junto com

a apropriação dos meios, a leitura crítica dos mesmos seria uma complementação de um trabalho de formação dos jovens, de uma educação para, pela e com a mídia.

Segundo Gonnet a adolescência é uma idade propícia para:

“a tomada de consciência das estratégias das mídias, para melhor avaliar sua situação de consumidor, mas também de ator potencial, desde o instante em que sejam implementados projetos de diálogo com um jornal, uma estação de rádio ou de televisão”. (2004, p.54)

Para o autor, diante da produção de mídia alternativa, feita por jovens, eles poderiam eventualmente também negociar seus próprios conflitos, já que é neste momento em que surgem mais fortemente debates sobre a vida pública, a democracia, a representação que a mídia faz desses temas, o papel de cada um na sociedade, etc.

Nesse ponto, precisamos questionar o quanto o projeto tem sido eficiente em termos de uma formação para a mídia. Talvez seja um próximo passo a ser dado para fechar um círculo em que se trabalhe o conteúdo da escola; a autoria e o protagonismo dos alunos, narradores de sua história a partir da apropriação dos meios; a leitura crítica da realidade e também a leitura crítica dos meios, que é o que mais sentimos falta no projeto analisado e que julgamos importante para o aprimoramento da formação de educandos por meio da mídia, sobretudo o jornal.

Não deixamos de reconhecer, porém, e reiteramos o que dissemos no primeiro capítulo, que quando um educador respeita a singularidade de seu aluno e estimula que seja autor, narrador, provoca uma mudança na relação que esse sujeito tem com sua história.

Isso diz respeito também ao estímulo à participação, ao sentimento de pertencimento e coletividade que os alunos passam a ter, e que verificamos *in lócus* em nossa pesquisa.

Como os meios produzem um modo e um sentido das pessoas verem o mundo a sua volta, no momento em que a escola estimula a produção de veículos alternativos, como um jornal mural e um informativo, contribui para o fortalecimento de identidades individuais e coletivas, para esse sentimento de pertencimento a um lugar, o conhecimento de uma realidade e o exercício da cidadania.

Nesse ponto podemos dizer que a escola teve um papel de desenvolvedora de “mentalidades participativas”, segundo Bordenave, que destaca:

“A participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder. Quando se promove a participação deve-se aceitar o fato de que ela transformará as pessoas, antes passivas e conformistas em pessoas ativas e críticas.” (1994, p. 77)

O que ainda parece faltar ao grupo de alunos é uma maturidade que o tempo e a participação contínua darão, no sentido de que detectem tentativas de manipulação, como ressalta Bordenave, mas que ainda não acreditamos que seja o caso deste grupo, já que percebemos, apesar de toda a criticidade que passaram a ter em relação ao contexto em que vivem, uma ingenuidade em relação às vozes oficiais nas entrevistas que fizeram e também em relação ao próprio jornal da grande mídia e veículos como a TV, vendo-os como retrato da realidade na sua maioria.

Essa leitura crítica, especialmente das mídias, é sugerida por Paulo Freire (1987), segundo o qual a divisão da sociedade em classes faz com que uns poucos tenham privilégios e possam usufruir deles em detrimento de uma grande maioria que fica alijada dessa situação de fruição. Para o autor existe a pedagogia dos dominantes e a dos oprimidos, sendo que a primeira, refere-se àqueles que dominam as informações que chegam dos meios, determinando regras e comportamentos. Essa educação seria de manutenção do *status quo*, de dominação pelas mídias.

A Pedagogia do Oprimido, por sua vez, é aquela que deve ser superada. Não basta ter uma consciência acerca da opressão, mas posicionar-se de forma a transformar essa realidade. Essa postura de conscientização pode ser feita na escola a partir da leitura crítica das mídias e do uso do jornal em sala de aula. Também pela relação dialógica entre professor e aluno, trabalhando o uso da palavra de forma libertadora e assumindo-se enquanto sujeito de sua história. “Assumir-se como ser social, histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar” (FREIRE, 1996, p. 46).

Para que isso aconteça é preciso encarar a educação como ato político, de comunicação e prática de liberdade. Freire (2003) nos lembra que a educação é um ato de coragem e que, por isso mesmo, não teme o debate. Pelo contrário. Estimula a discussão criadora sobre a realidade para poder transformá-la. O autor afirma que “o homem é um ser de relações”, que não apenas está no mundo, mas com o mundo.

Nesse ponto retomamos as palavras da coordenadora Lily no segundo capítulo, para mostrar o quanto a escola tem contribuído para a formação crítica dos alunos a partir do projeto ‘Repórter por Um Dia’:

“(...) com esse projeto a gente visa despertar a criticidade do aluno, pra ele despertar pra essas questões do ‘amanhã. Como vai ser o amanhã? Como nós vamos tornar isso aqui habitável? De que forma nós vamos crescer, produzir, construir uma cidade de fato? (...)”

Segundo Freire:

“Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa [...]” (2003, p.48)

Os jornais na perspectiva freiriana, teriam importância fundamental por divulgarem os temas e acontecimentos da sociedade, sendo assim um recurso para educadores e educandos (re) elaborarem sua visão crítica de mundo. Para Freire “(...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. (FREIRE, 1987, p.32)

No nosso estudo de caso, podemos perceber três tipos de trabalhos desenvolvidos com jornal. O jornal “O Progresso”, da grande mídia, foi recurso para um grupo de professores que tinha como ideia inicial, em sua maioria, melhorar a leitura e a escrita de seus alunos e, eventualmente (como o professor de filosofia), discutir a realidade local de

forma crítica; outro trabalho foi feito a partir do projeto “Repórter Por Um Dia”, com a autoria e protagonismo dos alunos no jornal mural e “Informe A.V.A”.

Um terceiro aspecto do trabalho desenvolvido foi que as pautas e matérias escritas pelos alunos não só passaram a ser publicadas no jornal O Progresso, como conquistaram um espaço fixo, no final de 2011, com a coluna “Itahum – Fotos e Fatos”, que é o que de mais inédito podemos apontar nesse nosso estudo de caso. Especialmente se lembrarmos que Itahum tem cerca de 4,5 mil habitantes (incluindo a população flutuante, porque oficialmente, pelo censo de 2010 possui 2083), cinco assinantes do jornal (na data do estudo), 10 exemplares que chegavam à escola A.V.A e 10 que chegavam à escola municipal (mas que não entrou no estudo por estar começando o projeto), e Dourados tem uma população de 198 mil habitantes e o jornal tem uma circulação de 11 mil exemplares.

Se acrescentarmos a isso o fato de que há uma briga constante - nomeada por Bordieu (2000) como disputa por “poder simbólico” - e cada vez maior por espaço e visibilidade na mídia e, neste caso, no jornal, podemos conferir à escola e ao projeto “Repórter por Um Dia”, um papel protagonista na luta e conquista desse espaço. Quanto ao jornal “O Progresso”, podemos voltar no tempo e lembrar o papel que ele teve no estabelecimento de uma identidade douradense e afirmar, com certa segurança, que talvez, décadas depois daquele momento, o periódico esteja novamente tendo um papel importante no fortalecimento de uma identidade não mais douradense, mas “itahuense”, se assim pudéssemos falar e, quem sabe, na criação do 79º distrito do Mato Grosso do Sul, publicando em suas páginas as reivindicações de uma comunidade.

A escola agenda a mídia

Mas como a sociedade organizada ou não em movimentos sociais consegue acessar e, mais do que isso, publicar suas demandas nos meios de comunicação?

Se partirmos do pressuposto de que isso é possível, já deixamos de lado como premissa a ideia redutora que vê os meios de comunicação apenas como instrumentos manipuladores e os encaramos como instrumentos que também podem servir aos interesses de uma população, aos interesses sociais, legítimos de cidadãos. Também entendemos que,

para que isso aconteça, os meios acabam sendo uma espécie de campo de batalha de diversas visões, de diversos grupos que lutam para ocupar espaços - no caso analisado – nas páginas de jornal. Ou pelo menos um espaço, se não de batalha, de diálogos. Quem melhor argumentos tiver, quem melhor organizado está, consegue mais espaço.

Manuel Chaparro (2003) fala que nos últimos tempos essa corrida por espaço nos meios de comunicação tem gerado o que ele chama de “revolução das fontes”, que

“deixaram de ser pessoas que detinham ou retinham informações. Passaram a ser produtoras ostensivas do conteúdo da atualidade _ fatos, falas, saberes, produtos e serviços com atributos de notícias. Pensam, agem e dizem pelo que noticiam, exercitando aptidões que lhes garantem espaço próprio nos processos jornalísticos, nos quais agem como agentes geradores de notícias, reportagens, entrevistas e até artigos. Para isso se capacitaram profissionalmente, apropriando-se de habilidades técnicas do jornalismo.” (2003, p. 49)

Acreditamos que nossos alunos são fontes revolucionárias, de acordo com Chaparro, mas que ainda estão em processo de formação. Se por um lado começam a dominar algumas técnicas do jornalismo, por outro, ainda lhes falta muito da perspicácia e criticidade em entrevistas, acompanhamento de declarações e fatos, etc.

Fontes oficiais, já conhecidas do grande público, são mais fáceis de influenciar a agenda dos meios e, dessa forma, chamar a atenção de quem tem o poder de decisão, daí a importância da instituição escolar estar junto com os alunos, assim como a parceria da Associação de Moradores e de toda a comunidade.

Cobb, Ross e Ross (1976, p. 126), afirmam que “a agenda é construída por meio de um processo no qual as demandas de grupos variados são traduzidas em itens que competem pela atenção de agentes do poder público.”

Mas o que seria essa agenda política pela qual tantos grupos competem por atenção? Segundo Gerstlé (1992, apud Marôpo, 2008, p.73), que reconhece o papel dos meios na influência da agenda, é “o conjunto de problemas chamados ao debate público, recebendo a intervenção das autoridades políticas legítimas.”

Importante também lembrar que para que os grupos consigam acessar os meios e ter atenção da população e de políticos para suas demandas, é preciso, mais do que qualquer

coisa, de participação, entendida, assim como Bordenave (1994), como uma necessidade fundamental do ser humano, inerente à sua natureza social, vista como o contrário da marginalidade e não apenas um instrumento para solucionar problemas.

Para Bordenave:

“A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e ainda, a valorização de si mesmo pelos outros (...)

A participação tem duas bases complementares: uma base afetiva – participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros – e uma base instrumental – participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos” (1994, p.16)

De que maneira os grupos participam? Como compreendem a importância desse processo na vida pública? A escola pode ter um importante papel nessa educação para a participação e exercício da cidadania.

Cidadania entendida, segundo Resende, como:

“Um estado de espírito e uma postura permanente que levam pessoas a agirem, individualmente ou em grupo, com objetivos de defesa de direitos e de cumprimento de deveres civis, sociais e profissionais. Cidadania é praticada todos os dias, em todos os lugares, em diferentes situações, com variadas finalidades. Não se pode confundir cidadania com atos isolados e eventuais protestos e reivindicações, muitas vezes justos, porém efêmeros”. (1992, p. 67)

Importante destacar também que a escola pode reforçar a educação para a cidadania quando mostra que ela não se resume à possibilidade de transformação da realidade apenas no momento do voto, mas nas ações cotidianas. Resende (1992) destaca que a cidadania é um avanço cultural e é preciso que os brasileiros entendam sua importância para o avanço do país, para a necessidade dela estar nos currículos escolares e para a efetiva participação, mobilização da sociedade, porque só dessa maneira os problemas do país poderão ser resolvidos. Um povo que não pratica a cidadania deixa-se enganar, deixa-se ser mal governado.

Cerquier-Manzini também ressalta que só existe cidadania se existe a reivindicação da apropriação dos espaços, da garantia dos direitos em prol de uma sociedade melhor. “Mas o primeiro pressuposto dessa prática é que esteja assegurado o direito de reivindicar os direitos, e que o conhecimento deste se estenda cada vez mais a toda a população”. (2010, p.13)

Complementando essa afirmação, recorreremos novamente a Bordenave (1994) quando afirma que a participação permite um processo de desenvolvimento de consciência crítica e, por isso mesmo, de transformação de pessoas passivas em ativas e críticas, podendo chegar a conquistar o poder.

Isso tudo tem resultados mais positivos e a qualidade da participação é maior quando os cidadãos aprendem a conhecer a sua realidade, participando a partir de vivências, porque “só se aprender a participar, participando” (Bordenave, 1994, p.73) e, na medida em que grupos vão intensificando o debate acerca de problemas locais, precisarão cada vez mais do domínio dos meios e de técnicas de comunicação grupal, segundo Bordenave. O teatro e as rádios comunitárias, por exemplo, têm feito um papel de mobilização importante em muitas classes populares.

A nosso ver, inclusive, ao propor aos alunos que escrevam um jornal tendo como tema questões ligadas ao cotidiano de Itahum e fazendo com que entrem em contato com seus moradores, a escola está possibilitando que os alunos sejam educados para a cidadania. Isso porque passam a compreender melhor um cotidiano que nem sempre acompanham, já que cada estudante vive uma realidade e, portanto, possuem problemas e questões próprias, como já citamos no início do trabalho. Uns moram na vila, na área central de Itahum; mas muitos moram em fazendas afastadas da escola, já que seus pais são empregados das mesmas; outros ainda vivem em assentamentos de grupos de sem-terra ou acampamentos.

O único meio que têm acesso mais frequentemente – com algumas poucas exceções – a TV – não veicula a realidade local. Além disso, eles nunca haviam lido um jornal antes de entrarem no projeto. E um dos resultados do Repórter por Um Dia é justamente a maior consciência da realidade em que vivem, uma maior consciência cidadã dos alunos em

relação a seus problemas e possível participação na solução dos mesmos, como afirma a coordenadora da escola, Lily:

“Os alunos aprenderam a defender as ideias deles (...) Aprenderam a reivindicar. Pra mim, aprenderam a querer melhorar o local onde vivem. Então, até por aí, a gente já tem uma missão cumprida. Eles estão buscando melhorar a qualidade de vida”.

E, retomando Bordenave, sem informação e diálogo não pode haver participação. É preciso ter acesso a informações de qualidade e aos canais de reivindicação e consulta para que as pessoas possam tomar decisões e ter uma participação efetiva para a construção de uma democracia.

De que maneira, então, os cidadãos conseguem que suas demandas sejam vistas como importantes?

Cobb, Ross e Ross (1976) defendem que é imprescindível a proximidade com o sistema político-partidário e com representantes que possam falar em nome do grupo. Além disso, o acesso aos meios é considerado fundamental, pois levaria o tema a estar no debate atual, na agenda pública e, assim, quem sabe, tornar-se tema da agenda política.

A legitimidade e visibilidade do grupo de pressão também é algo muito importante para a construção de uma agenda dos meios, ou para usar a nomenclatura da Teoria da Comunicação, a Teoria do ‘Agenda Setting’, que afirma que os meios são capazes de influenciar o que se fala e se pensa a médio e longo prazo. Segundo Shaw esta hipótese da agenda setting defende que:

“(...) em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas” (1979, p.96, apud Wolf, 1995, p.130).

Cobb, Ross e Ross (1976) citam três modelos de como pode se dar o processo de construção da agenda: mobilização, iniciativa interna ou interior e iniciativa externa ou exterior. Sendo que a primeira diz respeito a temas que surgem dentro do próprio governo e são lançados à agenda pública, como as campanhas sociais e de saúde; o segundo diz respeito a temas que surgem dentro da esfera governamental ou de grupos específicos com proximidade a membros da esfera política, mas não são colocados na agenda pública para não gerar debates e possíveis controversas, portanto, são levados diretamente à agenda política, e, o terceiro, refere-se a temas com origem em grupos não governamentais, levados ao conhecimento do público e, depois, para uma agenda formal. Para chegar a esse estágio, porém, é preciso pressão dos grupos, apoio da sociedade, participação.

Segundo Gerstlé (1992, apud Marôpo, 2008, p.77), “a comunicação é uma variável decisiva para a construção da agenda pública. Ela é decisiva para que um tema entre na agenda formal, ou seja, na ordem do dia reconhecida pelas autoridades públicas como merecedora de decisões”.

Para Marôpo:

“Os media colaboram no agendamento público de questões sob a influência não só dos sectores que detêm o poder económico e político, mas também de grupos organizados da sociedade que se contrapõem a estes. Os media estão numa posição de monopólio da difusão do discurso público sobre o mundo social. Os discursos que irão configurar na agenda pública, no entanto, são fruto da relação estabelecida entre os media e os diversos sectores da sociedade.” (2008, p.86)

É assim que entendemos a parceria que transformou escola, comunidade e sociedade organizada de Itahum num público forte que conquistou espaço nas páginas do jornal O Progresso, subvertendo a lógica do mainstream e pautando a grande mídia. Sem deixar de valorizar a abertura do jornal para o projeto e seus resultados.

Aprendizagens

De acordo com nossas entrevistas com alunos e professores o que mais eles destacam em sua aprendizagem, no tocante ao projeto ‘Repórter por Um Dia’ é a melhoria da leitura e da escrita e seu amadurecimento em relação ao conhecimento sobre sua realidade. Em relação à leitura e à escrita podemos ver, inclusive, um crescimento do IDEB

da escola de 2009 para 2011, como destacamos no capítulo dois deste trabalho. Parte desse aumento tem a ver com o fato de no ano de 2009 toda a escola ter se envolvido com os trabalhos e leitura de jornal, incluindo o projeto 'Repórter por Um Dia', como destaca a diretora Maria José. Para nós, porém, fica claro que o maior ganho do projeto foram as aprendizagens fundamentais baseadas nos Quatro Pilares da Educação do Relatório Jacques Delors (2006): **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.**

São aprendizagens que ultrapassam a visão de uma educação instrumental, mas encontram eco numa educação considerada em toda sua plenitude, numa aprendizagem vista como “apropriação de conhecimento, habilidades, signos, valores, que engloba o intercâmbio ativo do sujeito com o mundo cultural onde se está inserido” (Nunes e Silveira, 2009, p.103), segundo o conceito em Vigotski, já destacado no primeiro capítulo.

O projeto permitiu aos alunos **aprenderem a aprender**, ao dar a eles autonomia para saírem às ruas, buscarem histórias, possíveis soluções, encontrarem caminhos e personagens diferentes, descobrindo em cada reportagem um pouco mais de seu lugar, sua história, sua identidade, decodificando o contexto em que viviam com um novo olhar.

E esse trabalho não ficou invisível para a comunidade, que percebeu a importância do envolvimento de adolescentes com questões sociais, econômicas e políticas locais:

“Se o projeto está dando resultados? Minha filha, pra mim, que sou mãe de tantos filhos, só de ver esses alunos com lápis e papel na mão, andando por esse Itahum, entrevistando gente, procurando saber sobre os problemas daqui...isso pra mim já deu certo. Isso pra mim é o resultado.” (Moradora entrevistada pelos alunos sobre problemas com o posto de saúde)

Aprenderam a fazer a partir dos erros e acertos do jornal, mural, do Informe A.V.A, das entrevistas que precisavam preparar e a partir do momento em que tornaram-se autores, narradores de uma história, protagonistas, ao invés de apenas receptores. Dessa forma, estavam deixando sua marca na história, na memória da escola, de Itahum e do jornal “O Progresso”.

Ouvir o outro, estar aberto ao novo, ao diferente, compartilhar opiniões, ter que **aprender a conviver** com as críticas, ser lido, trabalhar em grupo, combinar papéis, ações, refletir juntos, procurar solucionar conflitos. O trabalho com o jornal possibilitou aos alunos aprender a conviver juntos, dialogar, questionar e construir identidades individuais e coletivas em um momento de transformação em suas vidas que é a adolescência:

“Antes eu pensava e não aceitava a ideia dos outros; (com o projeto) aprendi a trabalhar em grupo, porque nem tudo dependia só de mim”. (Ex-Aluna Paula)

Possibilitou aos alunos amadurecer em conjunto, como ainda está possibilitando um olhar para dentro de si e para o outro. Um conhecer-se para conhecer e quem sabe, transformar, juntos, porque :

“A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta (...)” (DELORS, 2006, p.97)

Por fim, o projeto tem possibilitado **aprender a ser**, um resultado quase natural das três aprendizagens acima, mas que não é algo estanque, não aconteceu e acabou. Está acontecendo e vai continuar, a partir de todas as reflexões que proporcionou sobre si, sobre o outro, sobre seu contexto e possibilidades de participação efetiva, de exercício de cidadania, de continuar a aprender e agir na sociedade:

“Em termos de aprendizagem esse projeto me trouxe aprendizagem de vida...eu acho que eu fiquei me interessando mais por essas coisas de política. E a gente pensa: Por que não estão fazendo pra gente tudo que estão fazendo pra Dourados? A gente é Itahum, mas a gente merece isso. Merece mais desenvolvimento...Em termos de disciplina tá ajudando em tudo que tem texto, leitura, tudo!” (Aluna Ana)

“Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.” (DELORS, 2006, p.100)

Para isso, lembramos Arroyo quando diz que é preciso reconhecer que:

“todo conhecimento é uma produção social, produzido em experiências sociais e que toda experiência social produz conhecimento e pode nos levar a estratégias de reconhecimento. Superar visões distanciadas segregadoras de experiências, de conhecimentos e de coletivos humanos e profissionais. Reconhecer que há pluralidade e diversidade e não uma hierarquia de experiências humanas e de coletivos, que essa diversidade de experiências é uma riqueza porque produzem uma rica diversidade de conhecimentos e de formas de pensar o real e de pensar-nos como humanos.” (2011, p.117)

Em seu livro “A Gramática do Tempo – Para uma Nova Cultura Política”, Boaventura Sousa Santos (apud Arroyo, 2011) também afirma que a injustiça social está assentada na injustiça cognitiva e que, além de lutarmos por uma distribuição mais equitativa do saber científico, devemos reconhecer que toda experiência produz conhecimento e por trás dele, existem sujeitos.

O que nos faz lembrar o sujeito da aprendizagem de González Rey (2008) e que é assim que gostamos de pensar cada aluno do projeto Repórter por Um Dia. Sujeitos que assumem e geram novos espaços sociais, que tornaram-se comprometidos com uma nova prática social e encontraram caminhos de sentido para a formação de suas identidades. Sujeitos que criaram um novo roteiro para suas aprendizagens, tornaram-se mais críticos diante delas e viraram narradores de sua história e seu lugar.

Um discurso, um lugar

Por fim, mas não como ponto final nas conclusões, gostaríamos de ressaltar que, a partir do momento em que esses alunos produzem um discurso e apropriam-se de um veículo de comunicação para enunciá-lo, estão produzindo um lugar, um Itahum a partir de seu olhar, suas histórias, suas perspectivas, como faz o jornalista com seu recorte, destaque, edição, escolhas, omissões.

Como afirma Serpa (2011) o espaço urbano também é produzido a partir do discurso que o constrói, de como esse discurso é veiculado em diferentes mídias, para diferentes públicos e um discurso que acaba produzindo diferenças e semelhanças entre lugares e também os relacionando com o mundo.

“O discurso fabrica o lugar”, segundo Serpa, e temos nos alunos e na escola narradores que começam a dar visibilidade, a construir um lugar para a própria comunidade e também para fora dela a partir de uma mídia própria e da apropriação que foi feita dela, numa subversão do que geralmente ocorre, quando os movimentos sociais e alternativos apropriam-se do discurso da grande mídia e subvertem suas estratégias hegemônicas.

No caso de Itahum, foi o jornal “O Progresso” que apropriou-se do discurso do “Informe A.V.A”, do discurso dos alunos, da escola, do conteúdo gerado no ambiente escolar e pela comunidade e o colocou dentro do padrões da grande mídia. Se por um lado houve essa apropriação, por outro lado podemos dizer que a escola conquistou um espaço de poder pautando o jornal, que por sua vez é pauta natural para outros veículos da mídia, podendo ampliar ainda mais essa visibilidade para o distrito e suas vozes. Isso é uma enorme conquista, levando-se em conta que os movimentos sociais com poucos recursos têm menos chances de conseguir ver seus acontecimentos transformados em notícia. (Traquina, 2005)

Gaye Tuchman (apud Traquina 2005) chega a dizer, inclusive, que o conceito de noticiabilidade serve para legitimar o *status quo*. Se concordarmos com essa afirmação, temos mais motivo ainda para comemorar a conquista desse espaço pela escola e seu projeto.

É preciso lembrar que em Itahum a maioria dos alunos tem acesso à televisão em seus lares, a três *lan houses* apenas na vila e um laboratório de informática na escola (que nem sempre funcionam a contento), não têm acesso a jornal (além da escola) e quase nenhum citou o rádio como veículo de uso frequente. Na televisão os telejornais que se referem a Mato Grosso do Sul enfocam, em sua maioria, a capital ou Dourados. Uma ou outra matéria aborda o interior do estado, desde que algo destoe do normal, chame atenção ou acenda a luz vermelha dos manuais de noticiabilidade jornalística, que tenha um alto valor-notícia.

Para nós, essa afirmação de Traquina fica clara quando vemos que foi a partir do jornal que Itahum passou a ser notícia, considerada como construção, narrativa. E segundo Traquina (1993, p. 168) “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento.”

Foi a partir do jornal que Itahum passou a ter uma representação, a ter sua história contada. E, pelo menos dessa vez, uma história contada pelo povo que vive o lugar Itahum. Lugar aqui entendido como “fenômeno da experiência humana”, segundo Serpa (2011).

Portanto, concordando com Serpa (2011), finalizamos deixando nosso pensamento de que o direito à cidade, a um lugar, a seu lugar, é também o direito a dizê-lo, a comunicá-lo, é um direito à comunicação e a espaços de comunicação/representação, que deve ser garantido às populações, como forma de expressão, de criatividade, de reflexão, criticidade, rompimento com a hegemonia dos meios e discursos e possibilidade de uma formação para a cidadania.

“Os lugares clamam nossas afeições e obrigações, conhecemos o mundo a partir dos lugares nos quais vivemos. Lugares são existenciais e uma fonte de autoconhecimento e responsabilidade social.” (RELPH, 1979, apud SERPA, 2011, p.23)

O direito a um lugar é também o direito de ser seu contador de histórias, narrador e cronista de um tempo, de heróis e anti-heróis, personagens anônimos que constroem juntos a alma e as experiências desse lugar, como faz o narrador e o cronista de Benjamin (1987) que, para finalizar, aqui retomamos:

“o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (p.223)

“Não me pergunte o que sou e não me peça para permanecer o mesmo”

Michel Foucault

“Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo (...)”

Fernando Pessoa

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. **Fotógrafo e Turista Aprendiz**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1993

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BACHER, Silvia. **Tatuados por los Medios – Dilemas de la Educación en la Era Digital**. Buenos Aires: Paidós, 2009

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Editora Loyola, 1999

BARBALHO, Alexandre & SOUSA, Francisco das Chagas Alexandre Nunes de. **Jornalismo Estudantil e Políticas Culturais da Juventude. A Experiência do Clube do Jornal**. Artigo apresentado no XVIII Encontro da Compós, GT Cultura das Mídias. PUC-MG, Belo Horizonte, Junho de 2009

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BELLONI, M.L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

BONINI, Adair. **Jornal escolar: Gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, p.149 – 175, 2011

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Participação**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2000

BORTOLIERO, S. **Mario Kaplún, a recepção como cidadania na América Latina**. IN *Comunicação & Sociedade*, n.25, p. 183-208. 1996.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Várias Formas de Dizer a Mesma Coisa**, Entrevista concedida à Revista Letra A. Belo Horizonte: Março/Abril 2009, Ano 5, Nº 17, P. 12 a 14.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória: uma perspectiva históricocultural**. Ijuí: Unijuí, 2000. p. 78

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin Conceitos-Chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010 a

_____. **Bakhtin Outros Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2010 b

_____. **Bakhtin Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009

BUCHT, Catharina & VON FEILITZEN, Cecília. **Perspectivas sobre a Criança e a Mídia**. Brasília: Unesco, SEDH/Ministério da Justiça, 2002.

CALDAS, Graça. **Mídia, Escola e Leitura Crítica do Mundo**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol 27, nº 94, p.117-130, Jan/Abril 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf> ou www.cedes.unicamp.br

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLSSON, Ulla & VON FEILITZEN, Cecilia (Orgs.) **A Criança e a Mídia – Imagem, Educação, Participação**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

CARNEIRO, V. L. Q. **A TV de crianças e adolescentes com câmara à mão**. Comunicar (Huelva) ^{JCR}, Espanha, v. 1, n. 25, 2005.

CARNEIRO ROSA, Aliete Gomes. **As leituras dos jornais: Uma reflexão sobre as vozes nas notícias**. Campinas/SP: Anais 4º Seminário Nacional O Professor e a Leitura de Jornal, 2008. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/>

CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é Cidadania**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010

CHAPARRO, Manuel Carlos. **‘Cem Anos de Assessoria de Imprensa’**, in DUARTE, Jorge (Org.). Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. São Paulo: Atlas, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2ª ed. São Paulo : Contexto, 2006

CHEVENEZ, Odile; FAMERY, Pascal & CLEMI. **Faire son journal au lycée et au collège. Education Medias.** Paris: Victoires Editions, 2005

COBB, ROGER; ROSS, HOWARD-JENNIE & ROSS, MARC HOWARD. **Agenda Building as a Comparative Political Process**, in The American Political Science Review. Vol. LXX, 1976.

COUTINHO, Laura Maria. **O estúdio de televisão e a educação da memória.** Brasília : Editora Plano, 2003.

COUTO, Mia. **Histórias Abensonhadas.** Portugal: Caminho, 2011.

DECLARAÇÃO DE GRUNWALD. http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: Um tesouro a descobrir.** 10ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A Construção da Identidade Douradense (1920 – 1990)** Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados/MS: 2009.

FALA ESCOLA. Disponível em <http://jornalescolar.org.br/anos-finais-fala-escola/fala-escola/> e <http://jornalescolar.org.br/wp-content/uploads/2010/05/conceitual-fala-escola.pdf>
Acesso em: 10 de Maio de 2011

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação – Conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006

FANTIN, Mônica. **A mídia na formação escolar de crianças e jovens.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal/RN. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/UFRN/Uern/UnP/Fatern, 2 a 6 de setembro de 2008/Organizado por Maria do Carmo Silva Barbosa e Moacir Barbosa de Sousa. São Paulo: Intercom, 2008

FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA. Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. **Reflexões sobre o ensino e a pesquisa da história da educação brasileira**. IN: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.) **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: SP: Autores; Uberlândia:MG: EDUFU, 2005.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica/FHC-FUMEC, 2004

FREINET, Celéstin. **O jornal Escolar**. Lisboa: Editorial Estampa. 1974

FREIRE, Paulo. 17ª edição. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Paulo. 27ª Edição. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003

_____. 2002. Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro, Paz e Terra

GHILARDI-LUCENA, M.I. **Mídia, poder, educação e leitura**. IN: Mídia, educação e leitura.

BAZOTTO, V. H & GHILARDI-LUCENA, M.I (Orgs.) São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999

GONÇALVES, João Carlos Brandão. **Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo**. In: MARTINS, Moisés de Lemos & PINTO, Manuel (Orgs.). Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2008, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Universidade do Minho

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004

GONZÁLEZ REY. F.L. **Sujeito e Subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003

_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade – Os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2005.

_____. **O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica.** In Aprendizagem e Trabalho Pedagógico. 2ª Ed. TACCA, Maria Carmen V. R. (Org.) Campinas, SP: Alínea, 2008

_____. Fernando Luis. **Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre a aprendizagem.** IN TACCA, Maria Carmen V.R. & MARTÍNEZ, A. M (Org.) A complexidade da aprendizagem – Destaque ao Ensino Superior. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

IJUIM, Jorge Kanehide . **Jornal Escolar – Do instrumento didático ao instrumento complexo.** Eccos Revista Científica, 2(2). São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho, dez. 2000, pp. 115-121. Disponível em:
<http://www.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/229/226>>.

Acesso em: 12 março de 2011.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal Escolar e suas contribuições para o desenvolvimento de atitudes.** In: Congresso Brasileiro de Comunicação (Intercom), XXIV, Campo Grande. **Anais do XXIV Intercom.** São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001, pp. 01-13. Disponível em:
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4958/1/NP13IJUIM.pdf>

Acesso em: 12 de março de 2011.

ISAÍAS, Marcela. **Por qué y para qué leer el diario en la escuela?** Rosario: Homo Sapiens, 2009

KORCZAK, Janus. **Como amar uma criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A Construção do Saber. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas.** Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MANGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas/SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MARÔPO, Lúcia. **A Construção da Agenda Mediática da Infância – Um estudo de caso sobre a relação entre movimentos sociais e os media noticiosos**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008

MASTERMAN, Len. **La enseñanza de los medios de comunicación**. Madrid: Ediciones La Torre, 1993

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus. 2003.

MELO, Patrícia Mansão. **Uma nova proposta de jornal escolar**. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986

MENDEL, Toby. **Liberdade de Informação: um estudo de direito comparado**. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2009

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. M. & NEIVA AMARAL, Ana Luiza. **Aprendizagem criativa no Ensino Superior: a significação da dimensão subjetiva**. IN TACCA, Maria Carmen V.R. & MARTÍNEZ, A. M (Org.) **A complexidade da aprendizagem – Destaque ao Ensino Superior**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **La escuela y los medios – Un binomio necesario**. Aique, 1997

_____, Roxana. **El diário en la escuela**. Barcelona: Octaedro, 2001.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima & SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem – Processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livros, 2009.

PAES LOPES, Felipe Tavares; PERES NETO, Luiz; BARROS FILHO, Clovis de; PRADO, Magaly (Org.) **Teorias da Comunicação em Jornalismo – Reflexões sobre a Mídia**. São Paulo: Saraiva, 2010

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Língua Portuguesa, Vol II, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Ensino Fundamental/Fundescola, 1998

PEREIRA, E. W. (Org.) **Nas Asas de Brasília – Memórias de uma Utopia Educativa** (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos**, Bauru: EDUSC, 2004.

RAMOS, Ana Maria Cocentino. **Virando a Página – O Jornal na Sala de Aula**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006

RAVILOLO, Daniel. Folha Educativa: **Jornal Escolar – Uma Ferramenta para Aprender e Participar**. Fortaleza, CE: Série Selo Unicef Município Aprovado, 2008

RESENDE, Ênio. **Cidadania – O remédio para as doenças culturais brasileiras**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet – Evolução Histórica e Atualidades**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2007

SANTOS, Juliana Pereira dos ; QUEIROZ, Paulo R. Cimó . **O município de Dourados e o ramal de Ponta Porã, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1940-1970)**. In: Encontro de História de Mato Grosso do Sul, 8, 2006, Dourados. VIII Encontro de História de Mato Grosso do Sul. Dourados, MS : Associação Nacional de História - Seção de Mato Grosso do Sul, 2006. v. 1. p. 1-20.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Aprendizagem e Ensino de Professores: sentidos subjetivos**. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A. & TACCA, Maria Carmen V. R. (Orgs) **A Complexidade da Aprendizagem – Destaque ao Ensino Superior**. Campinas, SP: Alínea, 2009

SERPA, Angelo. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto: 2011

SOARES. Ismar de Oliveira. **Educomunicação – O conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOBREIRO, Marco Aurélio. **Célestin Freinet e Janus Korczak – Precursores do jornal escolar**, 2006. Disponível em:

http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/FreinetEKorkzak_Precursores_do_jornal_escolar_MarcoAurelioSobreiro.pdf

TACCA, Maria Carmen V.R. (Org.) **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 2003

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume I – Por que as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005

VIVARTA, Veet. **Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WILSON, Carolyn & GRIZZLE, Alton. **Media and Information Literacy Curriculum for Teachers**. Paris: UNESCO, 2011

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995

Internet:

Site do Jornal O Progresso: <http://www.douradosagora.com.br/noticias/dourados/projeto-de-emancipacao-de-itahum-esta-parado> (Acesso em Dezembro de 2011)

Site Estações Ferroviárias do Brasil

<http://www.estacoesferroviarias.com.br> (Acesso em Outubro de 2011)

Site do IBGE

<http://www.ibge.gov.br> (Acesso em Março de 2012)

APÊNDICES

APÊNDICE 1**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS ALUNOS**

1. Você conhece algum jornal? Lê algum jornal? Se sim, com que frequência e onde?
2. Quando teve contato com jornal pela primeira vez?
3. Há quanto tempo trabalha com jornal na escola?
4. Como se dá a escolha dos temas que vão para o jornal? Todos participam ou é o professor que diz o que será escrito?
5. Que outros temas você acha que o jornal poderia abordar e não está abordando, mas que interessaria a pessoas da sua idade?
6. Como se dá a seleção dos textos para o Jornal Mural, Informe A.V.A e O Progresso?
7. Você percebeu alguma mudança de comportamento em você antes, durante e/ou depois que começou a fazer o jornal? Se sim, quais?
8. E nos seus amigos? Você percebeu mudanças neles a partir do trabalho com jornal? Quais?
9. O trabalho com o jornal tem ajudado, atrapalhado ou sido indiferente em relação à maneira como você se comporta na sala de aula, em relação à sua aprendizagem?
10. E em relação às notas, houve alguma mudança antes e depois do trabalho com o jornal? Por que você acha que isso aconteceu?
11. O que você considera motivador para o seu desenvolvimento e aprendizagem na escola?
12. Quais as principais dificuldades/obstáculos que você encontra para aprender, ler e escrever?
13. Em que outros espaços da escola você tem a chance de criar, escrever seus próprios textos e ou propor ações, assuntos para serem debatidos e lidos pela comunidade?
14. Como foi a reação dos alunos antes do projeto? E a dos professores?
15. Quais os benefícios que o trabalho com jornal tem trazido a você, seus amigos, à escola e à comunidade escolar?
16. Você acha que a comunidade escolar vê vocês de outra maneira a partir do momento que vocês começaram a escrever sobre as questões de Itahum?
17. Você acha que seu trabalho tem ajudado a comunidade?
18. Como você se sente escrevendo para o jornal?
19. Você aconselharia outra escola a ter um jornal escolar também?

APÊNDICE 2**COMPLEMENTAMENTO DE FRASES COM ALUNOS**

- | | |
|--|--|
| 1 – Sou | 16 – Um bom aluno |
| 2 – Jornal 3 – Minha escola | 17 – Meus professores |
| 4 – Gosto | 18 – Tenho dificuldade |
| 5 – Em casa | 19 – Ser importante |
| 6 – Fracasso | 20 – Tenho medo |
| 7 – Meus colegas | 21 – Sinto que mudo/mudei |
| 8 – Escrevo para | 22 – Ter informação |
| 9 – Uma boa que me aconteceu na escola | 23 – Meu desempenho na escola |
| 10 – Aprendo quando | 24 – Itahum |
| 11 – Fico triste | 25 – Uma boa coisa que aconteceu na minha vida |
| 12 – Meu sonho | 26 – Sou melhor quando |
| 13 – Me acham | 27 – Fazer parte do Informe A.V.A |
| 14 – Não gosto | 28 – Escrevo porque |
| 15 – Posso | |

APÊNDICE 3**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS PROFESSORES**

20. Há quanto tempo trabalha com jornal na escola?
21. Teve alguma formação para trabalhar com jornal ou outra mídia na sala de aula? Se sim, como se deu essa formação?
22. Por que resolveu começar a trabalhar com jornal com seus alunos?
23. O que significa para você trabalhar com jornal na escola?
24. Quem são os alunos que normalmente fazem parte do grupo do jornal? Há um perfil mais ou menos definido?
25. De que maneira eles passam a fazer parte do grupo do jornal? Há uma seleção?
26. Você percebeu alguma mudança de comportamento nos alunos antes, durante e /ou depois que começaram a produzir o jornal?
27. Se, sim, que mudanças foram essas? Em que sentido? Pedagógico, social, individual?
28. O jornal tem ajudado, atrapalhado ou sido indiferente em relação à postura dos alunos na sala de aula?
29. E em relação a notas, houve mudanças antes e depois do trabalho com o jornal? Por que você acha que isso aconteceu (ter ou não mudado as notas dos alunos)?
30. Na sua prática cotidiana com as crianças, o que considera motivador para o seu desenvolvimento e aprendizagem?
31. Quais as principais dificuldades/obstáculos que encontra na sua prática pedagógica e no seu cotidiano com as crianças?
32. A escola oferece outras possibilidades de autoria para os alunos ou o jornal é o único espaço?
33. Como foi a reação dos alunos quando do início do projeto? E a dos professores?
34. Você considera importante o uso de tecnologias na sala de aula? E o uso do jornal? Quais são seus benefícios?
35. No seu ponto de vista, quais as contribuições que o uso do jornal estudantil proporciona?

APÊNDICE 4***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE***

Venho por este meio informar que sou mestranda da Faculdade de Educação da UnB, e que para concretizar meu mestrado precisarei realizar uma pesquisa na Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja. O tema da pesquisa em questão é: *A autoria de um jornal estudantil e suas implicações na aprendizagem – Estudo de Caso.*

Venho solicitar o seu consentimento para a participação de seu (sua) filho (a) na referida pesquisa, bem como para a utilização de fotografias e gravações em áudio, as quais serão mantidas em rigoroso sigilo, ficando os dados, materiais e imagens da pesquisa à minha guarda e total responsabilidade, assegurando que o seu nome ou imagens não aparecerão de forma a serem identificados.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as implicações que a autoria de um jornal estudantil tem na aprendizagem dos alunos autores.

Os instrumentos e procedimentos de pesquisa serão a análise documental do projeto político pedagógico da escola, entrevistas com alunos, professores e alguns pais e moradores, completamento de frases, a observação participante da pesquisadora sobre as práticas pedagógicas e sobre o cotidiano escolar e análise dos jornais escritos pelos alunos. A participação de seu (a) filho (a) será apenas por meio da sua presença natural inserida nesse grupo.

Estimamos que o desenvolvimento da pesquisa aconteça entre os meses de agosto e outubro de 2011, quando estaremos na escola e acompanharemos algumas atividades de seus filhos. Este prazo pode ser reduzido ou prorrogado, conforme o andamento da mesma.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em âmbito acadêmico, podendo ser publicados posteriormente em forma de artigos, matérias e /ou publicações diversas. Os nomes dos alunos envolvidos na pesquisa, porém, não serão divulgados.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser tirada através do celular da pesquisadora Cristiane Parente (61) 9155.0066. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o professor responsável pelo projeto na escola.

Nome e Assinatura do Pai ou Responsável pelo(a) aluno(a):

Pesquisadora Responsável

Itahum, ____ de _____ de _____

ANEXOS

Informativo A.V.A 31 anos

Objetivo: Elevar o conhecimento dos alunos através do desenvolvimento de projetos.

Abril/2009

ANO 01 - Nº 01

Líder: Eliane Jácomo do Reis

Responsável pela Meta: Maria Alely de Matos Palmeira

Responsável Pela Ação: Maria José Lins

Projeto elaborado com Recurso do PDE escola

AMPRI EMPOSSA NOVO PRESIDENTE



De Teixeira, Altino Antunes e Moacir Cavalheiro(Tuti) Atual presidente discursando durante a posse

No último dia 25/04 por volta das 20:30 horas na sede da Associação de Moradores e Produtores Rurais de Itahum (AMPRI), aconteceu a cerimônia de mudança da presidência da instituição.

Sr. Altino Antunes do Nascimento passou o cargo para o novo presidente Moacir Cavalheiro do Nascimento (Tuti).

Na Ocasão houve a presença de vários moradores do distrito membros da diretoria anterior e da atual eleita, além das autoridades:

Deputado Zé Teixeira e assessores, assessoria do vereador Gino Ferreira e o Sr. João Waimer ex-presidente da Associação de Moradores.

Dentre as melhorias solicitadas pela AMPRI, o Sr. Altino destacou a ampliação da rede de água, o asfalto (que já está sendo feito), as trinta casas que serão construídas, e a viatura nova para a PM que acaba de chegar

O Deputado Zé Teixeira afirmou que a AMPRI, por meio do Sr. Altino sempre buscou melhorias para o distrito e que seu escritório continua de portas abertas para a nova diretoria.

“Vim trabalhar e uma das primeiras ações será a construção do campo de futebol e da cancha de bocha rolada na sede da AMPRI”, enfatizou o novo presidente.

O ex-presidente Altino agradeceu a todos que colaboraram com sua gestão. E ao final da cerimônia foi servido churrasco para os presentes.

Aluna: Taís Boveda

2º Ano A

Prof. Domingo Rosa Vega

PROJETO REPÓRTER POR UM DIA FAZ SUCESSO NA ESCOLA



O Projeto repórter por um dia sob o comando do professor Domingo caiu no gosto de toda a comunidade estudantil. Muitas e boas reportagens estão sendo produzidas pelos alunos, que não se cansam de ir atrás das notícias da nossa comunidade, transformando-as em pequenas manchetes de muito bom gosto e bastante informativas também. Parabéns ao professor pela iniciativa e aos alunos pela dedicação e o empenho mostrados em belíssimas reportagens. À escola agradecemos pela colaboração.

Professora Maria Alely de Matos Palmeira
(Coordenadora do projeto Jornal)

EMENDA TRAZ ASFALTO PARA O DISTRITO DE ITAHUM

Atendendo uma antiga reivindicação da Associação de Moradores, o deputado federal Geraldo Resende viabilizou asfalto para o distrito de Itahum por meio de uma emenda. As obras já estão em ritmo acelerado.

O morador Luis Lopes em entrevista disse que “o asfalto vai ampliar e ajudar na circulação do trânsito dentro do distrito principalmente em dias de chuva quando era de difícil acesso a certas ruas onde não havia asfalto”.

A pavimentação está acontecendo nas seguintes ruas: Amapá entre a Noroeste e a Coronel Tibúrcio, rua Coronel Tibúrcio entre a Miranda e a Nioaque, rua Nioaque entre Coronel Tibúrcio e Jardim e rua Jardim esquina com a Nioaque até a associação de moradores, totalizando seis quarteirões.

Outra emenda do ex Deputado Federal João Grandão, também contemplou o distrito com asfalto e as ruas asfaltadas serão Amapá, Iguassú e parte da rua Jardim, totalizando mais 9 quadras. Ao todo serão 15 quadras. Dizem que tem mais asfalto saindo por outras emendas ... Estamos de olho!



Aluno: Romário Rocha da Silva, Caroline de Lima, Maiara Pusch e Heverlyn Kalyme Koch
2º Ano A/ 3º Ano A
Prof Domingo

DESTACAMENTO DA PM RECEBE VIATURA NOVA

O veículo Blazer 0 km foi entregue no dia 25/04/09, no Sábado. Era uma antiga reivindicação da associação dos moradores e produtores rurais de Itahum.

O veículo foi adquirido com recursos próprios do governo do Estado.

“Foram entregues 113 viaturas pelo governador André Puccinelli, e todas para destacamentos”, afirmou o PM Odacir da Rosa Luiz, destacado em Itahum.

A viatura velha foi recolhida ao município de Dourados



Alunas: Débora Bordin e Maiara Pusch
3º Ano A
Prof Domingo

Humor

Porta Errada

O bêbado entra na igreja, agarra o sacristão pelo braço e grita:

- Me vê uma pinga!
- Aqui não vendemos pinga, senhor!
- Então, me dá um conhaque!
- Também não temos conhaque!
- Como não tem? Que raio de bar é esse?
- Isso aqui não é um bar, é uma igreja!
- Ah... Então me dá um São Raphael

Tampando o Nariz

O bêbado chegava todo dia no boteco, pedia uma pinga, tapava o nariz e tomava tudo num só gole. Um dia, o balconista não se conteve:

- Escuta aqui, ô cara! Por que você tapa o nariz enquanto bebe?

E o bêbado:

- É que o cheiro da pinga me dá água na boca... e eu gosto dela é pura!

Informativo A.V.A 31 anos

Objetivo: Elevar o conhecimento dos alunos através do desenvolvimento de projetos. Julho/2009

ANO 01 - Nº 02

Líder: Eliane Jácomo do Reis

Responsável pela Meta: Maria Alely de Matos Palmeira

Responsável Pela Ação: Maria José Lins

Projeto elaborado com Recurso do PDE escola

ESCOLA PROMOVE TARDES DE LAZER

A escola tem promovido divertidas tardes de lazer para toda a comunidade de Itahum... Essa iniciativa partiu da diretora da escola, professora Maria José, em conjunto com os professores de Educação Física da escola, com a finalidade de proporcionar lazer e entretenimento para toda a comunidade. As tardes de lazer tem acontecido aos sábados, utilizando a estrutura do ginásio municipal e as ruas laterais, bem como, todos os espaços livres nessa localidade.

As atividades são bastante variadas: esportes, recreação, torneios, danças, pula - pula e muita orincadeira proporcionando com toda certeza diversão garantida. A criançada tem adorado essas tardes, que tem acontecido em um sábado por mês. toda a comunidade tem participado de momentos de puro lazer e descontração... Com certeza você num pode perder.

Reportagem: Cristiane Rodrigues de Souza; Lillian Rodrigues dos Santos e Thiago Rodrigues dos Santos (9º Ano)



JORNAL O PROGRESSO É LIDO POR TODOS OS ALUNOS



O Projeto do Jornal Ensinando a ler o mundo tem garantido leitura constante do jornal em sala de aula, e com isso proporcionando um maior contato dos alunos com a realidade. Com o Jornal nas mãos o estudante é orientado para o seu uso crítico, interdisciplinar e transversal em sala de aula, para assegurar não apenas a leitura plena entre estudantes, mas também permitir a contextualização dos fatos que permeiam o cotidiano da cidade, do país e do mundo, com as disciplinas ensinadas, tornando tais conteúdos atuais, relevantes e significativos.

Além disso, o uso do Jornal em sala de aula ajuda a educar os futuros leitores, para que eles não apenas saibam como ler jornais, mas também como analisar e extrair as informações deste meio de comunicação sobre a qual poderá basear suas decisões.

Reportagem: Adriana Nazareth; Carla Daniela Santos e Rosana Carvalho (9º ano do ensino Fundamental).

CELEBRAÇÃO DOS DIAS DAS MÃES TEM CAFÉ DA MANHÃ E APRESENTAÇÃO DE TEATRO



As professoras que coordenam o evento do dia das mães, preparam em conjunto com os alunos um delicioso café da manhã para todas as mães que compareceram na escola.

Para esse dia tão especial também teve teatro, uma deliciosa comédia apresentada pelos alunos do 1º ano do Ensino médio “socorro a mamãe pifou”, fazendo com que todos reflitam sobre tantas tarefas e atribuições as quais as mães são responsáveis em suas casas. Serviu para uma reflexão de como cada mãe trabalha em função de marido e filhos e que muitas vezes não recebem nenhum valor. Parabéns aos alunos pela qualidade da peça apresentada.

Reportagem: Wésley de Souza Finn; Eduardo de Oliveira Alcantes; Patrícia Monique A. De Almeida e Cíntia de Carvalho Santos (9º Ano)



Peça: Socorro mamãe pifou!

DOURADOS

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Dourados é um município brasileiro da região Centro-Oeste, localizado no estado de Mato Grosso do Sul. Fundada em 1935, Dourados teve desenvolvimento lento até a segunda metade do século XX, por causa das deficiências de meios de transporte e vias de comunicação, principalmente com Campo Grande. A partir dos anos 1950, com a abertura de rodovias, acelerou-se seu desenvolvimento e Dourados tornou-se importante centro agropecuário e de serviços, especialmente a partir dos anos 1970. Nos anos 1990, além do crescimento da agropecuária, o desenvolvimento comercial e de serviços na zona urbana foi decisivo para que Dourados se consolidasse como pólo regional, de serviços e agropecuário para uma região com quase 1 milhão de pessoas, incluindo parte do Paraguai, o que lhe confere o merecido título de Portal do Mercosul. Com aproximadamente 215 mil habitantes, é a segunda cidade do Estado de Mato Grosso do Sul em população, uma metrópole sendo servida por linhas regulares de transporte aéreo e rodoviário aos principais centros do país, possuindo também um notável desenvolvimento comercial e de serviços. Com o PIB de cerca de R\$ 2,4 bi, segundo o IBGE, o município ficou em segundo lugar no estado, logo atrás da capital. No Brasil ficou entre os 165 maiores PIBs nacionais.

Clima: Dourados tem clima tropical úmido no verão e seco no inverno, com algumas geadas.

Limites

O Município de Dourados divisa as suas terras: ao Norte: com Rio Brilhante, Maracaju, Douradina e Itaporã; ao Sul: Fátima do Sul, Caarapó, Laguna Carapã e Ponta Porã; ao Leste: com Deodápolis; e a Oeste, com o município de Ponta Porã.

Hidrografia

Dourados pertence à bacia hidrográfica do Rio Paraná. Seus principais rios são o Dourado, Santa Maria, Brilhante e Peroba.

Distância da Capital

Dourados situa-se aproximadamente a 220 km de Campo Grande, e 120 Km da fronteira com o Paraguai.



Informativo A.V.A 31 anos

Objetivo: Elevar o conhecimento dos alunos através do desenvolvimento dos projetos.

Setembro/2009

ANO 01 - Nº 03

Líder: Eliane Jácomo do Reis

Responsável pela Meta: Maria Alely de Matos Palmeira

Responsável Pela Ação: Maria José Lins

Projeto elaborado com Recurso do PDE escola

Escola Antonio Vicente Azambuja faz 31 anos e ganha reforma

No dia 18/05/09 a diretora da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, Maria José Lins juntamente com os professores, funcionários e os alunos Caroline, Heverlyn e Guilherme do 3º Ano A e Tais e Daniela do 2º Ano A, todos do Ensino Médio e que fazem parte do projeto Jornal O Progresso Ensinando a Ler o Mundo – Repórter por um dia, que vem sendo desenvolvido na Escola, foram ao encontro do governador André Puccinelli em Dourados, na Escola Reis Veloso para assinarem a ordem de serviço que dará origem a reforma de algumas escolas. Marcaram presença além do governador, o prefeito Ari Artuzi, o vice-governador Murilo Zawith, deputado federal Geraldo Resende, deputado estadual José Teixeira, vereadores Sidlei Alves, Gino Ferreira entre outros.



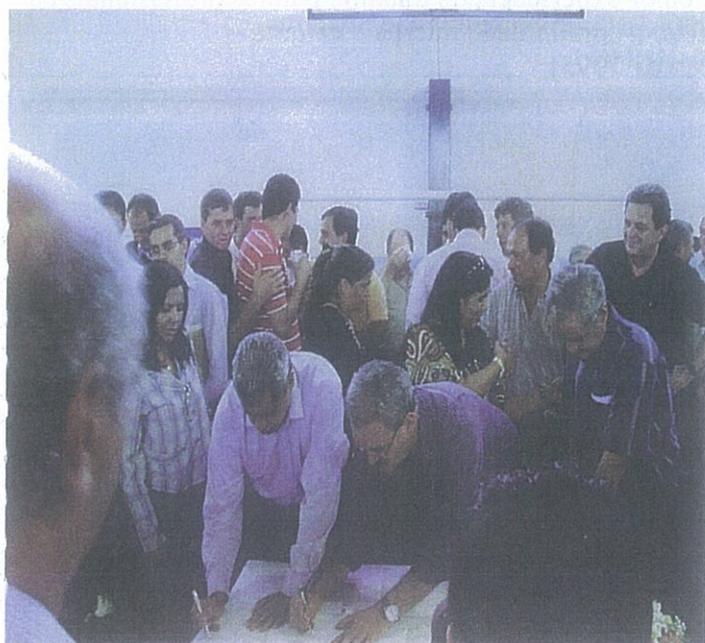
Governador André Puccinelli e Diretora Maria José

No momento da solenidade o clima de euforia aumentou, pois a alegria era grande pela conquista dessa obra. Ao terminar todos estavam com a emoção a flor da pele, deixando transparecer satisfação.

A Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja foi contemplada com a reforma geral incluindo a cobertura da quadra de esportes, tão sonhada por todos os alunos.

Conforme foi dito pelo governador a reforma começara em meados do mês de Julho e ele faz questão de estar presente no ato da inauguração, após a reforma da nossa escola, que neste ano, no dia 22 de agosto completa 31 anos. Com isso, estamos todos de parabéns.

Alunos: Caroline de Lima, Heverlyn Kalyme. Koch e Guilherme Renovato Ramos
3º Ano A do Ensino Médio



André Puccinelli e Deputado Geraldo Resende

CHARGE



Lição de Gerenciamento: Nunca comece um projeto sem ter em mãos todos os recursos.

Projeto de Horta

Vários alunos, sob a coordenação da Professora Karini Celoto Saboto Soares da disciplina de ciências e orientação do funcionário Bernardo Arguelho Benites, roçaram o mato no fundo da escola com o objetivo de ali fazerem uma horta, para ajudar a melhorar a alimentação escolar. Os alunos, roçaram o mato e começaram a montar os canteiros, onde posteriormente serão cultivadas várias hortaliças, entre elas, tomate, alface, cebolinha, cenoura, rúcula e couve. Segundo a professora Karini, cada turma ficará responsável por um canteiro, e a horta contará com o apoio financeiro do PDE- escola e assim sendo será toda irrigada por sistema de aspersão e algumas com gotejamento.. Segundo Karini “ensinar a produzir na horta escolar é ajudar aos educandos a aprenderem no mundo real. Traz benefícios para o desenvolvimento de cada aluno e é uma das melhores formas de torná-los mais sensíveis à dinâmica da vida, conscientes ambientalmente, e portanto mais preparadas pela construção de uma comunidade sustentável, pois, além de melhorar a própria alimentação escolar eles ainda podem levar as práticas do manejo para melhorar a alimentação em suas casas”.

Reportagem: Renato Keidann e José Carlos Machado Junior(9º ano do Ens. Fundamental)



Expediente:

Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja/Distrito de Itahum

Telefone(67) 3418.1131

E-mail: eeva@sed.ms.gov.br

Direção: Maria José Lins

Coordenação do Projeto: Maria Alely de Matos Palmeira

Gerente do Projeto: Luziene Ramos do Nascimento
Projeto: A.V.A. Aprendendo e Ensinando a Ler o mundo

Apoio: Jornal O Progresso Dourados/MS

Entretenimento

Três loiras e um professor...

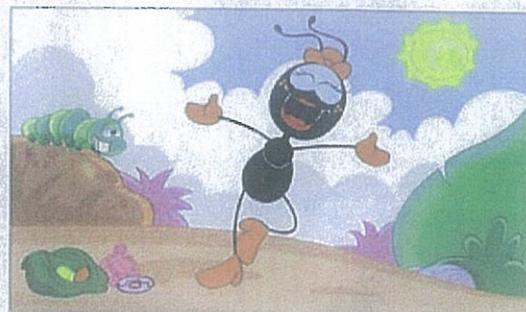
Três loiras lindas estavam fazendo teste oral: O professor pediu a primeira loira que falasse um verbo. A loira respondeu: -Bicicreta. O professor advertiu-a: - Não é bicicleta, é bicicleta e além do mais não é verbo é substantivo. O professor então faz a mesma pergunta para a segunda loira. Ela responde: -Prástico. Nova advertência: -Não é prástico, é plástico, e também não é verbo. O professor quase desistindo, repete a pergunta para a terceira loira: Ela prontamente responde: -Hospedar! Surge um brilho nos olhos do professor que prossegue entusiasmado: -Agora construa uma frase com este verbo. E a loira toda fogosa: -Hospedar da bicicleta é de prástico.

Ritual de batismo.

O pastor afunda a cabeça do fiel dentro de um tonel cheio d'água e pergunta:- Você viu Jesus?- Sim! responde o fiel. - Aleluia, irmãos! gritam todos. Chega o próximo.- Você viu Jesus? - Sim! - Aleluia, irmãos! O próximo da fila é um sujeito caindo de bêbado. O pastor afunda a cabeça dele dentro do tonel e pergunta: - Você viu Jesus? - Não, senhor! O pastor afunda novamente a cabeça dele. - Você viu Jesus? - Não, senhor! Irritado, o pastor repete o ritual. - Você viu Jesus? E o bêbado: - Tem certeza que ele caiu aí dentro?

PASSATEMPO

DESCUBRA QUAIS SÃO OS 7 ERROS!



Líder: Eliane Jacamo dos Reis Professora responsável pela meta: Luziene Ramos do Nascimento Responsável pela ação: Maria José Lins

Comunidade discute melhorias para o Distrito de Itahum



No dia 20 de novembro de 2009, foi realizado um debate com o objetivo de discutir e entrevistar autoridades para saber como está a economia do distrito de Itahum. O jornal O Progresso mediou este evento juntamente com a Escola com o "Projeto Repórter por 1 dia".

Os entrevistados foram: o Sr. Ernest Ferter (produtor de Modisil), Gino José Ferreira (vereador e representante do Deputado Estadual Zé Teixeira), Sr. Edivaldo representando o Sr. Mauricio Peralta (Secretário Municipal de Agricultura) e o Sr. Walnir (Presidente do Assentamento Lagoa Grande).

Nessa ocasião foram tratados os seguintes assuntos: transporte, agropecuária e projetos para o desenvolvimento de Itahum. Com relação aos temas tratados destaca-se a hipótese da instalação de um laticínio de beneficiamento do leite que traria lucro e desenvolvimento para região. Para isso, seria necessária realização de cursos de capacitação para que os moradores aprendessem como industrializar e usar o leite retirado de suas propriedades. Essas ações preparariam os jovens para o mercado de trabalho, uma vez que constantemente os mesmos se queixam de não ter melhores perspectivas de vida.

Os representantes ali presentes falaram a respeito da comunidade e constataram que a população não possui um representante na Câmara Municipal. O que dificulta a vinda de recursos para a região. Segundo um morador presente no evento, se Itahum tivesse esforços para eleger um candidato a vereador que pensasse no bem de seu povo, talvez as condições que são relativamente precárias, seja, questões tais como: a falta de telefonia móvel, o transporte inadequado e estradas cascalhadas pudessem ser melhoradas.

É interessante e oportuno destacar que para Itahum se desenvolver mais ainda e mostrar seus valores como uma boa localidade para se viver, por ser tranqüila e sossegada. Dispõe ainda de boas condições para se transformar em uma região próspera. Tendo em vista, suas grandes extensões de terras, de solo rico e principalmente, é claro, por ser formado por uma população de pessoas trabalhadoras. Diante disso, é indispensável à união dos moradores e também o interesse do poder público com relação à região.

Taynara 1º Ano B - Daniela 2ªA

Profª: Luziene Ramos -Suporte tecnológico: Profª Fabiane



O sucesso da Escola A.V.A

A Escola Antonio Vicente Azambuja completou seus 31 anos de existência e competência. Seu nome é em homenagem, ao fundador do distrito de Itahum, Antonio Vicente Azambuja.

Nos últimos meses ela vem sendo reformada, reforma que iniciou na metade do ano, e isto, é um desafio tanto para os alunos quanto aos professores, pois é complicado conviver com quebra-quebra das paredes e se concentrar para realizar uma prova, por exemplo.

O "colégio de cima" como é chamado pelos alunos sempre utiliza novos recursos de ensino para tornar as aulas mais interessantes e despertar o sabor de aprendizado nos pequenos cidadãos. Esse ano a escola foi premiada com o Selo Escola Solidária pelo MEC. A partir do projeto "Repórter por 1 dia" que consisti em os alunos entrevistarem membros da comunidade.

Destaca-se que na escola os estudantes são respeitados e disciplinados. Ela possui muitas qualidades dentre as quais são os trabalhos realizados em grupo, promovendo a união entre colegas, para assim se tornarem profissionais capacitados.

Por isso que os estudantes do A.V.A são considerados espertos, inteligentes e criativos. Porque a escola promove o desenvolvimento do intelecto de uma forma eficaz com respeito, serenidade, confiança e sempre acreditando que são capazes de fazer tudo e um pouco mais.

Ana Paula e Michele Caroline Série : 1ºB



Itahum tem seus alunos homenageados

Na sexta-feira, do dia 23 de outubro de 2009, na Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, ocorreu uma solenidade de homenagem e premiação do "aluno destaque 2009", presidida pela comissão da criança e adolescente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Este acontecimento tem por objetivo incentivar os estudos nas escolas, pois o aluno é avaliado não somente pelas suas notas, mas também por outros critérios, como: assiduidade, bom comportamento, entre outros.

Este ano no Ensino Básico, Fundamental, Médio e Ensino de Jovens e Adultos, foram homenageados dezenove alunos na escola

Segundo Ana Carolina Fink Garcia, uma das alunas destaques "fico feliz ao saber que sou uma das alunas reconhecidas deste ano, pois tenho meu estudo reconhecido". Este é um exemplo de que vale a pena investir na educação.

Maiara Push Série: 3ªA

Profª: Rosemary

Aluno: Bruno - 4ª Fase



O que os alunos pensam dos 31 anos da Escola?

31 ANOS DE DEDICAÇÃO: O LUGAR DO SABER

Na escola aprendemos a caminhar na vida.

Onde está o saber, o companheirismo e o respeito.

Diretora, professores, alunos...
Nosso segundo lar, nossa outra família.

Dividimos histórias,
Alegrias, tristezas e aventuras...
Que guardaremos para sempre em nossas memórias.

Aqui colocamos em prática nosso intelecto,
Olhos atentos à leitura e a perceber tudo ao nosso redor
Algazarra e alegrias, tudo à flor da pele,
Como se tudo fosse importante.

Mestres atenciosos e dedicados a ensinar
Preenchendo mentes, transformando o mundo,
De quem precisa ampliar seus conhecimentos
E aprendendo a se dedicar.

Valorizamos esses educadores,
Que mesmo com os barulhos e perturbações da reforma,
Improvizam para nos auxiliar
Tendo como visão nunca deixar de ensinar.

Assim conseguimos formar opiniões
Como cidadãos diferenciados.
Saímos com sonhos prontos para realizar.

Sonhos que foram construídos
Por meio de uma instituição
Que sempre enriqueceu almas
Dando a direção.

Alunas: Tais e Valéria 2º A
Profª. Domingos



Parabenizamos toda a comunidade escolar por esse aniversário 31 anos: trajetória de história e sucesso!

Temos muito orgulho de fazer parte da Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja. Agradecemos a confiança, o carinho, a atenção, a amizade e o reconhecimento do nosso trabalho.

31 ANOS DE PURA EMOÇÃO

Escola um lugar de prazeres e emoções

Lugar que preenche vazios nos corações

Lugar de sensações, amizades e felicidades.

A reforma vem chegando
Mas logo no fim do ano
Um lugar imenso para todos
Que alegria para nosso povo.

Um ano letivo com muita sensação
31 anos de pura emoção
Lugar que envolve muita gente
Que faz todos contentes.

Aluno: Wellington Augusto Ferreira Xavier
Profª. Luziene

MINHA ESCOLA

31 anos já passaram
Inúmeras pessoas aqui já estudaram
O tempo sempre ira passar
E a Vicente Azambuja sempre o ensinar.

O ensino que ele oferece
sempre nos enriquece.
Dele nunca vamos esquecer
Pois ele nos ajudará a vencer.

Agradecemos pela escola
Hoje sempre toda hora
Aos professores e diretores
Nossos eternos instrutores.

Joana Cátia 6º Ano A
Profª Micheli

ACONTECEU

Asfalto

O asfalto chegou para muitas ruas da vila, porém as crateras permanecem na rua principal. Não adianta só asfaltar as novas ruas tem que dar atenção para as outras também...

Reforma A.V.A

A reforma que era para o começo do ano saiu, e ano que vem teremos uma escola novinha. Atenção aos alunos, nada de mandar recadinhos e escrever nomes nas paredes. Vamos cuidar do que é nosso, e para o pessoal que ama as aulas da Profª. Simone e do Prof. Robson ano que vem nada de aulas ao sol, agora temos quadra coberta...

Casinhãs populares

As casas populares vão beneficiar boa parte da

população, tem muita gente querendo casa, porque quem casa quer casa.

Ponte da Lagoa

A ponte da Lagoa Grande ficou pronta, agora não tem mais perigo de desabar, ainda não é a tão esperada ponte de concreto, mais por enquanto está bom...

Reforma das estradas

As estradas do distrito precisam de uma atenção especial, afinal é por elas que se escoa a safra, que tanto gera lucro e impostos,

Feira Perequeté

A feira da escola Perequeté merece destaque, foram mostrados excelentes trabalhos realizados pelos alunos, além da participação do poeta

Emanuel Marinho, parabéns aos professores pelo bom trabalho executado...

Blog-funcionário

O blog criado pelo pessoal do pró-funcionário ficou ótimo, é o mais acessado de toda Itahum, também traz todas as novidades e atividades realizadas na escola A.V.A. acessem lá www.escolazambuja.blogspot.com.br

Prova Brasil e Avaliação Estadual

A prova Brasil e a avaliação estadual foram um sucesso, com certeza os índices da escola permanecerão altos, poderiam ser melhores se alguns alunos do 1º ano não tivessem feito uma brincadeira de mau gosto na avaliação.

NOVIDADES

Lazer

O Sábado de lazer vai continuar o ano que vem...

Formatura da Escola

Todos ansiosos pela formatura, afinal é mais uma etapa que se fecha, aos formados parabéns e sucesso...

Informe: A.V.A

Objetivo: Elevar o desempenho acadêmico dos alunos.

Itahum, Abril/2010

ANO 02 - Nº 05

Líder do Objetivo: Maria José Lins

Gerente do Plano Ação: Maria Alely de Matos Palmeira

Responsável Pela Meta: Luziene Ramos do Nascimento

Projeto elaborado com Recurso do PDE escola

Falta de compromisso atrasa reforma da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja

A reforma da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, é algo que trará benefícios para a mesma. Com essa reforma concretizada os alunos terão uma escola linda e atrativa, isto eleva a auto-estima dos alunos e promove um interesse maior pelos estudos, pois são de pequenos passos que se completa uma conquista.

Todavia o que tem intrigado os estudantes e a comunidade local é a paralisação dos serviços da mesma. Entrevistamos a diretora da escola Maria José Lins e esta informou que a empresa que executava os serviços abandonou literalmente a reforma da escola. Tendo como responsável o engenheiro José Carlos, a empresa SOLOTEC desenvolveu muito vagarosamente os serviços previstos. A obra pouco fluiu sob esse comando e o mesmo alegava que faltava medição. Também colocou que quem acompanha e gerencia a reforma é a AGESUL, sendo nesta unidade escolar a Dra. Maria



de Lurdes a engenheira responsável pela medição e fiscalização dos serviços executados.

Em fevereiro e março a obra já estava quase paralisada, porém a empresa retirou-se no mês de abril. Essa paralisação e abandono ocorreram devido a total falta de compromisso da empresa.

Maria José colocou que informou o ocorrido e solicitou providências. Decorrido o prazo para tramitação e encaminhamentos, foi realizada uma nova licitação e a empresa vencedora foi a CONEPLAN.

Há previsão de que a obra seja reiniciada no início do mês de junho e estima-se que esteja concluída até o mês de outubro, quando será inaugurada.

Sermos atendidos com essa reforma e cobertura da quadra de esportes são um grande presente recebido do Dr. André Puccineli e da Secretária de Estado de Educação Maria Nilene Badeca da Costa, pois são 31 anos de funcionamento, haja vista que desde 1978 estamos construindo a história de uma escola pública de qualidade, concluiu a diretora.

Alunos: Ana Carolina Fink Garcia, Elisandra Carniel, Tayna Pinheiro Arguelho e Guilherme Sutério dos Santos (2º A do ensino Médio – Prof. Domingo)

PROJETO DESAFIANDO O SABER



Fotos dos alunos na execução do projeto.

O projeto “Desafiando o Saber” é desenvolvido na escola desde o ano de 2009. A proposta do projeto é a motivação dos alunos com relação aos seus conhecimentos. O projeto é coordenado pela coordenadora pedagógica Marla S.

Ariose e pelos professores coordenadores de área Micheli de Almeida Cardoso e Fabio de Almeida e Silva. Por ser um trabalho interdisciplinar, todos os professores participam da elaboração e organização do evento. Os alunos formam equipes, sendo que cada equipe é composta por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, 1º ao 3º ano do ensino médio e a EJA. São elaboradas questões de todas as disciplinas, de acordo com o nível de cada equipe. As perguntas são lançadas e o representante da equipe responde, no intuito de acertar e marcar ponto para sua equipe. Autora: Profª Micheli Almeida Cardoso

Raio X



Maria José Lins

Profissão: Professora de Língua Portuguesa/Inglês-
Diretora da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja.

Signo: Peixes

Estilo Musical: Sertanejo, Popular, Pagode.

Tipo de Leitura: Romance, aventura, auto-estima "Pais
brilhantes-Professores Fascinantes" (Augusto Cury)

Lugar Inesquecível: Copacabana - RJ

Prato Preferido: Lasanha

Perfume Preferido: Essencial

Objeto de Estimação: Caneta

O que não pode faltar em casa: União, amor, respeito,
carinho

Paixão: São Paulo Futebol Clube

Elegância: O Básico, com simplicidade.

Ídolos: Meu pai e minha mãe

Medo: Injustiça

Seu maior defeito: Ser perfeccionista

Sua maior qualidade: Ser líder

Seu maior orgulho: Meus filhos e meus netos.

O que levanta seu astral: Quando atingimos os
objetivos, propostos no dia-a-dia escolar.

O que é fundamental: Respeito ao próximo,
Honestidade, Fé.

Você, em uma palavra: Guerreira

Expediente:

Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja/Distrito
de Itahun

Telefone(67) 3418.1131

E-mail: eeva@sed.ms.gov.br

Direção: Maria José Lins

Coordenação do Projeto: Maria Alely de Matos
Palmeira

Gerente do Projeto: Luziene Ramos do Nascimento

Projeto: A.V.A. Aprendendo e Ensinando a Ler o
Mundo

Apoio: Jornal O Progresso Dourados/MS

Transporte Escolar

Os estudantes da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, que residem no Assentamento Lagoa Grande, vem sendo prejudicados devido ao atraso do ônibus do transporte escolar. Todos os dias, principalmente no período vespertino, os alunos chegam atrasados na escola e com isso perdem muito conteúdo, fator que contribui de forma negativa no rendimento escolar. Segundo os usuários, o motivo do atraso são as condições precárias da estrada, aliada às muitas paradas para embarque e desembarque de alunos.

A solução para o problema seria o cascalhamento imediato dos trechos críticos, pois nessas condições, não como nos horários de funcionamento da escola os atrasos e as condições precárias de tráfego.

Sabemos que a prefeitura Municipal de Dourados adquiriu novos equipamentos como: veículos, patrôla, niveladora, caminhão caçamba, entre outros e estes, não estão sendo utilizados em nosso distrito, que merece atenção especial. Considerando sua distância, é imprescindível que a prefeitura mantenha nesta localidade, os equipamentos necessários para manutenção das estradas e vias de acesso.

Diante disto, os estudantes pedem solução imediata por parte dos responsáveis, pois tem prejudicado muito os usuários e se agrava ainda mais em períodos de chuva.



Autores: Gabriel de Matos Palmeira Couto, Graciele

Vobeto e Paula Tais Alcantes Portela (2º A do ensino

HUMOR

Um baiano deitado na rede pergunta pro amigo:

- * Meu rei... tem aí remédio pra picada de cobra?
- * Tem não, meu lindo. Por que, você foi picado?
- * Não, mas tem uma cobra vindo na minha direção.

A mulher comenta com o marido:

- * Querido, hoje o relógio caiu da parede da sala e por pouco não bateu na cabeça da mamãe...
- * Maldito relógio. Sempre atrasado...

O pai chama o filho para uma conversa:

- Filho, sua professora disse que, dos 20 alunos da classe, voce é o pior.
- Ora pai podia ser pior.
- Ora como pior, garoto?
- Ué, a turma podia ter 40 alunos....

Líder do Objetivo: Maria José Lins
Responsável Pela Meta: Domingo Rosa Vega

Gerente do Plano Ação: Maria Alely de Matos Palmeira
Projeto elaborado com Recurso do PDE escola

Alunos denunciam o descaso em Itahum

Ruas Esburacadas em Completo Abandono



No distrito as ruas precisam urgentemente de reparos, pois estão intransitáveis e após as chuvas do início do ano a situação piorou. O matagal está invadindo tudo, cobrindo o meio-fio onde há asfalto e fechando cada vez mais os trechos de chão.

As ruas esburacadas sempre foram uma questão muito difícil porque o terreno do distrito é muito declinado. Já houve situação de arrumarem as ruas e no outro dia chover muito e a força das enxurradas esburacar tudo de novo. A Secretaria de Obras deveria dar mais atenção ao distrito.

Alunos: (Repórteres) Taís Ariose, Letícia Vieira, Lauany Barichelo e Ednéia Machado

Número de Terrenos Baldios em Itahum é Preocupante



A maioria dos terrenos em Itahum está tomada pelo matagal porque alguns donos de terrenos não constroem moradias, só compram por comprar, para valorizar o lote. Com a chuarada, o matagal cresceu e com isso pode aumentar o número de mosquitos da dengue e de outros insetos. Há tanto terreno baldio porque Itahum não está tendo o atendimento que merece. Grande parte dos donos desses lotes não mora no distrito, fator que agrava ainda mais o problema. Há terrenos que estão abandonados há muitos anos sem qualquer tipo de construção ou cuidado, a Prefeitura de Dourados deveria tomar providência de pelo menos roçar esses terrenos, para melhorar o aspecto do distrito.

Alunas: (Repórteres) Gabrielly Espinosa, Jaqueline Guedes, Bruna Gabrielly e

Excesso de lâmpadas queimadas deixa ruas de Itahum no escuro

As lâmpadas queimadas são muitas e deixam a população do distrito no escuro. Muitas lâmpadas durante o dia ficam acesas sem necessidade, devido a falha em reatores de energia que necessitam serem substituídos. Os postes são muito distantes um dos outros, as ruas que são paralelas têm mais postes em linha.

Durante o trabalho de campo constatamos também que há quarteirões inteiros sem luminárias e ninguém aparece para trocar. Enquanto isso ficamos no escuro e seguimos na expectativa de que a Prefeitura tome as providências.

Alunos: Bruna Machado, Evelin Paz, Fernanda Regert e Andrielly Garcia

Nota: Essas matérias foram publicadas no jornal O Progresso, e após a denúncia efetuada pelos alunos a Prefeitura já efetuou vários reparos: Houve as trocas de luminárias e um patrolamento parcial apenas em algumas ruas. Existe uma promessa de que em breve haverá patrolamento e encascalhamento das ruas, esperar prá ver...



População de Itahum lota Câmara e Cobra Reativação de Ferrovia

No dia 26 de maio às 19h00min houve uma Audiência Pública na Câmara de Vereadores para discutir o traçado da ferrovia que vai cortar a nossa região.

Moradores de Itahum lotaram a Câmara e cobraram das autoridades que estiveram lá: deputados, prefeitos, vereadores e representantes do governo, a reativação da ferrovia que passa por Itahum e hoje está abandonada.

Alunos, professores, moradores do distrito e lideranças levaram cartas e cartazes, cobrando atenção para o distrito porque é muito importante que o trem volte, trazendo novamente movimento e progresso para o local.

Os políticos afirmaram que vão se esforçar para que Itahum não fique de fora do traçado. Bruno Roque, diretor da VALEC (Empresa de Engenharia e Construções), também esteve presente na Audiência e afirmou que tudo ainda está em estudo, pois a ferrovia vai onde tem carga. O diretor ainda lembrou que o traçado não pode passar próximo de grandes centros. A população argumentou que no distrito já existe ferrovia e que seria mais fácil levá-la ao invés de construir outra, pois dessa forma, excluiria Itahum da rota. Ao final da Audiência, todos saíram na expectativa e esperando para que os políticos, desta vez, não esqueçam Itahum que sempre contribuiu para o progresso do município de Dourados.

Reportagem por um Dia

Alunos: Andrielly Garcia, Bruna Machado, Fernanda Regert e
Sofia Paz



ATOS SECRETOS



REFORMA DA ESCOLA

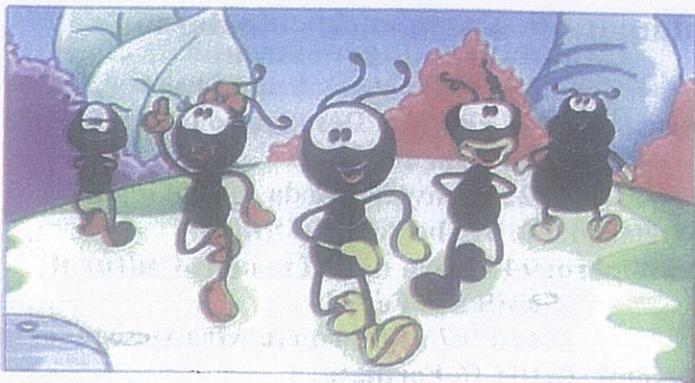
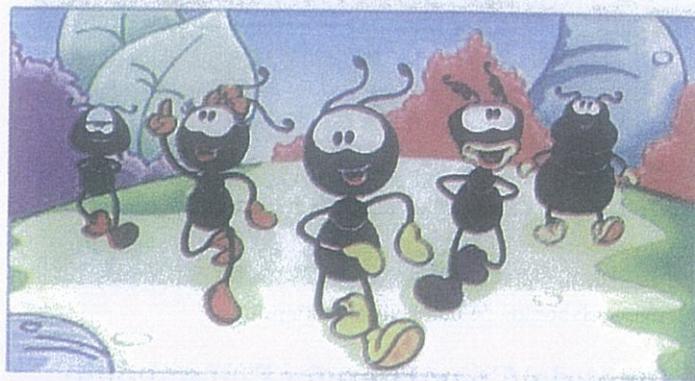
A escola Estadual Antonio Vicente Azambuja está prestes a ter sua reforma concluída. No mês de agosto desse ano de 2011 a reforma completará dois anos.



Segundo a diretora Maria José Lins, a escola melhorará muito com essa reforma, ganhando mais espaço físico no seu interior. A reforma não previa ampliação ou construção, apenas melhorias e adaptações e foi privilegiada com a quadra coberta e reforma do piso, além da pintura e reparos hidráulicos e elétricos. Toda a escola foi pintada e está com uma cara linda e alegre. Nos fundos há o espaço para a biblioteca e sala dos professores. Uma sala de aula adaptada onde era espaço vago. Vestiários ativados e reformados. Foi colocado piso novo no saguão e pátio e adequação na secretaria da escola. A cozinha tem pia nova e espaço para armazenar os alimentos. Foi construído, também, banheiro adaptado para cadeirantes, sanitário para professores e funcionários, cobertura da churrasqueira, calçada, o muro em torno da escola foi reformado e pintado. A fachada recebeu toldo, além de rampa na entrada e grades com portões na entrada.

Passatempo

DESCUBRA QUAIS SÃO OS SETE ERROS



PIZZARIA PAULISTANA PROPICIA DIA DE DELÍCIA

No dia 26/06 (Domingo), 40 alunos das escolas: Antonio Vicente Azambuja e Perequeté foram num passeio em Dourados a convite do sr. Guilherme e srª Lú, proprietários da Pizzaria Paulistana. Nessa visita eles conheceram o Corpo de Bombeiros, sua estrutura, e funcionamento através da palestra educativa ministrada pelo Sargento Wilson Freitas. Logo após eles foram conduzidos para a Pizzaria Paulistana onde se deliciaram com as saborosas pizzas servidas gratuitamente pelos proprietários. Essa ação Solidária do Guilherme e Lú já se repete a mais de 02 anos e sempre com uma escola diferente.

Nessa oportunidade gostaríamos de agradecer a gentileza para com nossos alunos e enaltecer a elegante ação de cidadania e solidariedade do casal que de uma forma simples atende mensalmente sempre no último Domingo do mês diversas crianças carentes, oportunizando a elas saborear as deliciosas pizzas e conhecer o funcionamento do Corpo de Bombeiros. Atitudes como essa deveria ser copiadas por mais empresários... Parabéns ao casal!

Agradecimento especial também à G.W.A Transportes que cedeu a viagem para Dourados gratuitamente.



Escolas: Antonio Vicente Azambuja e Perequeté fazem capacitação do Jornal

Dia 31 de Maio (Sábado) no período matutino e vespertino, na escola José Eduardo Canuto Estolano - Perequeté aconteceu um encontro de capacitação com a pedagoga Fátima Frota da SEMED/Jornal O Progresso e a Técnica da SEMED Profª Maria Betania Oliveira com a finalidade de propiciar aos professores os conhecimentos necessários para desenvolver o Projeto Jornal e Educação. Na ocasião foi servido café da manhã, almoço e café da tarde oferecido aos 30 professores cursistas pelas diretoras Neuma e Maria José. O curso foi um sucesso, tanto pela riqueza e dinamismo da palestrante quanto pelo interesse demonstrado pelos professores e pela comida deliciosa servida. Parabéns a todos que participaram.



Bolsa Família atualiza cadastros em Itahum

Na segunda-feira, 20 de junho, uma equipe do Programa Bolsa Família esteve na Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja para atualizar o cadastro das famílias que antes faziam parte do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). O Bolsa Família substituiu o Bolsa Escola que hoje não existe mais.

Segundo o coordenador do Programa, Arlei Menger de Castilho, aqui no distrito de Itahum são atendidas cerca de 28 famílias. Para ser beneficiada a família tem que estar dentro da renda per capita (R\$ 140.00 por pessoa), além de ter toda a documentação em dia e as crianças acima de 5 anos matriculadas e freqüentando a escola.

O valor recebido por família é de no mínimo R\$ 32.00 e se tiver um deficiente físico ou visual o valor pode chegar a R\$ 242.00. Esses valores são definidos pela Caixa Econômica Federal. O cálculo é feito da seguinte forma: a renda mensal da família é dividida por todos os membros, se der menos de R\$ 140.00 a família é beneficiada. Se a família tiver mais de 3 filhos, apenas 3 recebem, não mais.



Alunas: Daniela Lopes, Samara Rocha e Thayanne Pinheiro. 8ª

I FESTIVAL ESTUDANTIL DA CANÇÃO

O Festival Estudantil da canção -FESCAN, será realizado pela prefeitura Municipal de Dourados, por meio da Funced com o objetivo de oportunizar às crianças e aos jovens momentos de cultura e lazer, transformando os palcos do FESCAN num laboratório de novos talentos.

Premiação: 1º lugar - troféu e um notebook;

2º lugar - troféu e um notebook;

3º lugar - troféu e um notebook;

Premiação de Torcida: 1º lugar troféu e R\$ 800,00

2º lugar troféu e R\$ 600,00

3º lugar troféu e R\$ 500,00

Etapa Classificatória obrigatória: Local Teatro dos Ipês - Dourados - 8:00hs Data:06/08/2011 (Participantes da Zona urbana; da Aldeia indígena e dos Distritos da Picadinha e Itahum).

Eliminatória Regional - Local E.E. Antonio Vicente Azambuja Data: 30/09/2011 (Região 08 - Distritos da Picadinha e Itahum) Horário: 7:30 hs

Inscrição até 30/06/2011 na secretaria da escola

PARTICIPEM!!!

FESTA JULINA DA PEREQUETÉ

DIA 09 DE JULHO

HORÁRIO: A PARTIR DAS 18:00 HORAS

LOCAL: RUA DA ESCOLA EM FRENTE AO GINÁSIO DE ESPORTES

ANIMAÇÃO DJ DINEY SILVA

BARRACAS VARIADAS, COMIDAS BEBIDAS E BRINCADEIRAS TÍPICAS

VOCÊ NUM PODE PERDER!!!



ESCOLA ESTADUAL ANTONIO VICENTE AZAMBUJA

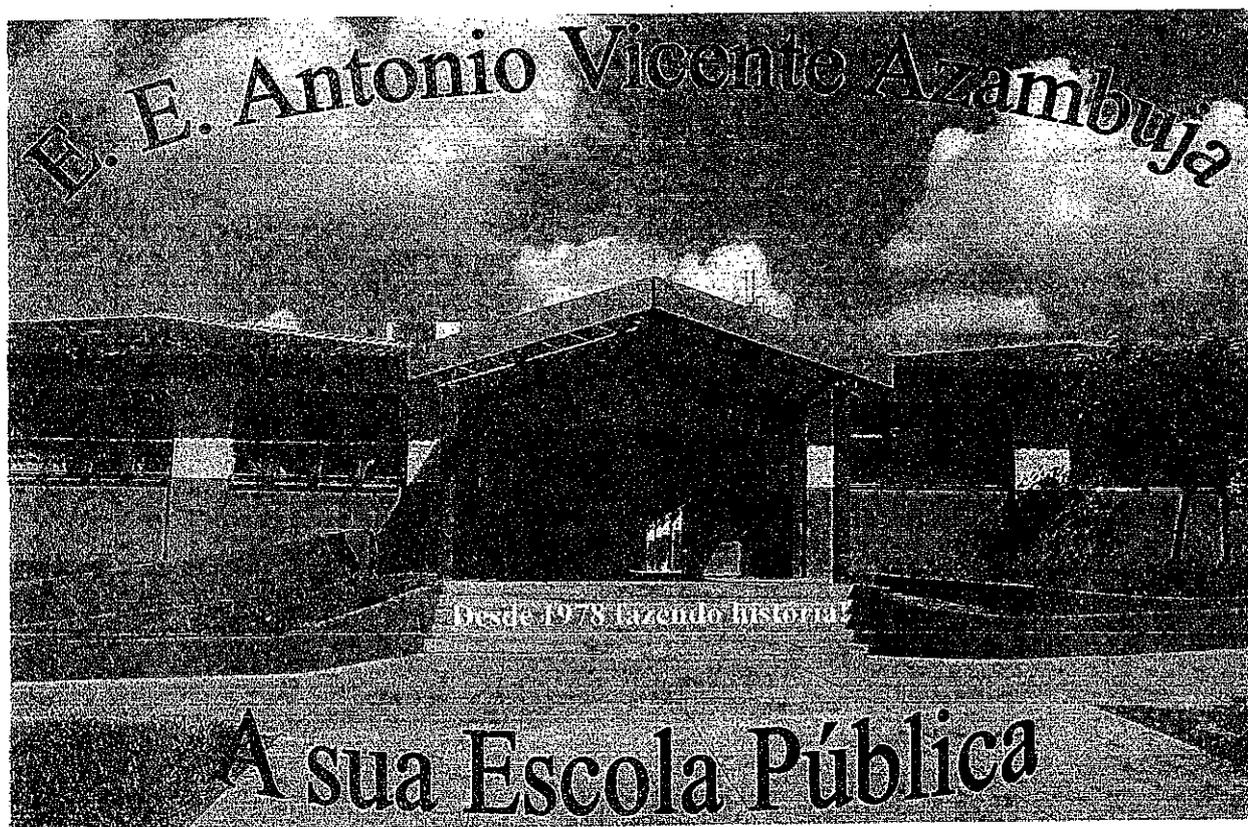
Endereço: Rua Miranda S/N - Município: Dourados/ Distrito de Itahum

Email: escolazambuja@hotmail.com

Direção: Maria José Lins

Coordenação: Maria Alely de Matos Palmeira

Gerência: Domingo Rosa Vega



Projeto: A.V. A e Jornal O Progresso, Aprendendo e

Ensinando a Ler o Mundo

Índice

| | |
|---|----|
| 01 – Introdução | 01 |
| 02 – Justificativa | 02 |
| 03 – Objetivo Geral – Objetivo Específico | 03 |
| 04 – Metodologia – População Alvo | 04 |
| 05 – Cronograma de Execução | 05 |
| 06 – Horário Específico – Jornal Projeto | 06 |
| 07 – Professores Participantes | 07 |
| 08 – Referências | 09 |
| 09 – Projeto 1º Ano – Prof. ^a Silvana da Rosa Luiz | 10 |
| 10 – Projeto 2º Ano – Prof. ^a Nildete Assis Lins | 12 |
| 11 – Projeto 3º Ano – Sala de Recursos – Prof. ^a Roseli Fin | 14 |
| 12 – Projeto 4º Ano – Prof. ^a Maria Helena de Lima | 16 |
| 13 – Projeto 5º Ano – Prof. ^a Débora Machado | 17 |
| 14 – Projeto Produções Interativas – Prof. ^a Andreia de Goês | 18 |
| 15 – Projeto de Artes – Prof. ^o Ademir Magalhães Garcia Junior | 20 |
| 16 – Projeto Língua Portuguesa – Prof. ^a Marilu Szcimczac | 22 |
| 17 – Projeto Língua Portuguesa – Prof. ^a Rosângela Regina Fink Garcia | 24 |
| 18 – Projeto Artes – Prof. ^a Rosimary Narcizo Rodrigues Keidann | 28 |
| 19 – Projeto Filosofia e Sociologia – Prof. ^o Rudnei Adalberto Silva Kraemer | 30 |
| 20 – Projeto Ciências – Prof. ^o Bruno Moura Bezerra | 32 |
| 21 – Projeto Geografia – Prof. ^a Luciana M. Benites Pereira | 35 |
| 22 – Projeto Língua Portuguesa – Prof. ^o Domingo Rosa Veja | 38 |
| 23 – Projeto Tecnologias – Prof. ^a Simone Machado | 40 |
| 24 – Projeto História – Prof. ^a Eliane Jácomo Reis | 41 |

☞ INTRODUÇÃO:

Em 21 de abril de 1951, foi publicada a primeira edição do **O PROGRESSO** em Dourados que além de pioneiro no Estado, foi o primeiro do interior do Centro-Oeste a entrar para a era da Internet e a ser impresso em cores. Os primeiros exemplares eram impressos letra por letra no sistema de linotipo. As matérias retratavam o modo de viver da então pacata Dourados. A publicação de fotografias só veio aparecer para os leitores a partir das edições de 1954. Naquela época, as páginas levavam até três dias para ficarem prontas.

Folhear as páginas de **O PROGRESSO** é entrar em contato com a história de Dourados e sua gente. O jornal mais antigo do Estado de Mato Grosso do Sul, ingressa no 61º ano de circulação ininterrupta, em consonância com a primeira manchete que anunciava em 1950: “Vertiginosa: A marcha de Dourados para o progresso”. O Jornal O Progresso circula de 2ª a sábado, sendo o mais antigo de Mato Grosso do Sul. O Progresso ingressou no seu 61º ano, no dia 21 de abril de 2011, contribuindo para leitura de um mundo melhor.

O Projeto Jornal e Educação: “O Progresso Aprendendo e Ensinando a Ler o Mundo”, é uma proposta do Jornal **O Progresso** e está inserido na Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, desde o ano de 2008, sobre coordenação e orientação da Professora Maria Alely de Matos Palmeira.

O Projeto “Jornal Progresso Ensinando a Ler o Mundo” tem o cunho institucional e cumpre as funções: educativa e social, ao contribuir para formar novos leitores e dar oportunidade a estudantes da nossa escola de terem acesso ao jornal e de desenvolverem o espírito de cidadania.

Justificativa

No mundo contemporâneo em que se vive, à globalização tem atraído cada vez mais crianças, jovens e até mesmo adultos para o mundo digital, desde então o educador acaba adquirindo mais uma concorrência com os meios de comunicação. Dessa maneira o educador precisa inventar novas práticas para chamar a atenção dos alunos em relação à importância da leitura.

Assim é preciso que o professor seja inovador em seu trabalho para despertar o interesse da leitura nos seus alunos. Uma das formas de isso acontecer é o trabalho com diversos gêneros de textos, pois cada pessoa ao iniciar a sua história de leitura, se identifica com determinado gênero, então é necessário que o professor explore os diversos textos como crônica, narrativas, dissertações dentre outros, que podem ser encontrados no jornal, para que os alunos busquem um determinado texto e acabar adquirindo gosto por esse e conseqüentemente por outros textos também, através desta iniciativa de inserção da leitura do jornal no cotidiano do educando, espera-se que este adquira a prática e conseqüente prazer pela leitura.

Cada texto possuiu sua particularidade como a sua finalidade, o seu suporte, o seu momento, o seu público, ou seja, os alunos precisam saber que cada artigo, ou matéria jornalística, é redigido de uma forma diferente, por ser criado por um jornalista específico da área, o que dará uma característica única a informação ali vinculada.

O Jornal nas mãos de um estudante orientado para o seu uso crítico, interdisciplinar e transversal em sala de aula, pode assegurar não apenas a leitura plena entre estudantes, mas também permite a contextualização dos fatos que permeiam o cotidiano da cidade, do país e do mundo, com as disciplinas ensinadas, tornando tais conteúdos atuais, relevantes e significativos.

Além disso, o uso do Jornal em sala de aula ajuda a educar os futuros leitores, para que eles não apenas saibam como ler jornais, mas como fazê-lo analítica e criticamente, extraindo deste meio de comunicação toda a informação importante sobre a qual poderá basear suas decisões.

“O jornal é material riquíssimo, porque é texto, palavra, comunicação, fato diário, vida! Trazer o jornal para a escola é trazer a realidade para as aulas e

permitir que os alunos tomem ciência dos fatos, falem sobre eles, opinem e até desejem criar uma nova realidade para o mundo em que vivem. Além de ler, interpretar, reescrever notícias, a lista de atividades que podem ser realizadas é infinita, bastando ao professor “apenas” permitir que o projeto seja criativo.”

Objetivo Geral

O Projeto “**Jornal O Progresso Aprendendo e Ensinando a Ler o Mundo**” tem por objetivo desenvolver o apreço pela leitura, desenvolvendo habilidades de compreensão dos textos verbais e não verbais. Assim como incentivá-los na prática da leitura, com a finalidade de torná-los leitores proficientes.

Para o desenvolvimento de tais habilidades, será utilizado na prática da sala de aula, vários gêneros textuais, pois conforme consta nos PCN’s a diversidade de gêneros é muito importante para o desenvolvimento de um bom leitor.

Através da leitura, o educando consegue se tornar um cidadão, que será um agente transformador da sociedade em que esta inserida.

Objetivo Específico

- A leitura de diversos gêneros textuais
- Prática de leitura na sala de aula, com suporte de meio de comunicação (jornal).
- Desenvolver discussões sobre as matérias contidas no jornal e nos textos.
- Provocar reflexões sobre a importância dos gêneros textuais na vida das pessoas.
- Desenvolver uma leitura crítica com os alunos.
- Compreender o conceito de leitura para vida.
- Praticar a produção de texto tendo como base os diversos gêneros textuais.
- Produção de texto, tendo em vista o interesse dos discentes. Que serão organizados em forma de jornal bimestral da escola.

Metodologia

Além da leitura do jornal, para conhecimento da realidade e a formação de opinião, buscar junto com a comunidade estudantil construir um jornal de caráter informativo da comunidade local. Os professores capacitados nas diversas áreas colocarão desafios para que os alunos busquem reportagens através de produção textual com base na realidade local e disciplinas em questão, de fatos que ocorreram ou que ocorrem na comunidade local, Assentamentos e Fazendas, entrevistando pessoas, fazendo fotos e apresentando sempre a produção textual sobre o que encontraram de diferente acontecendo. As produções textuais serão analisadas e posteriormente selecionadas, para serem publicadas no jornal informativo, de periodicidade bimestral apenas com as melhores matérias. As demais produções serão todas aproveitadas, pois serão expostas em mural mensal na escola para divulgação e conhecimento. O jornal será viabilizado através de venda de espaços destinados a propagandas do comércio local e recursos do PDE. O número de exemplares será estabelecido após o levantamento dos custos e escolhas das matérias, verificando sempre a disponibilidade da verba existente.

A coordenação pedagógica da escola acompanhará todo o processo e para incentivar os alunos providenciará crachá de identificação, máquina fotográfica e micro gravador para os alunos que irão a campo atrás das notícias. Todas as produções textuais dos alunos passarão pelo processo de correção ortográfica em sala de aula, melhorando dessa forma a redação e a escrita. O Referencial Curricular será parte constante desse projeto, pois os conteúdos das referidas produções deverão sempre estar em consonância com o conteúdo proposto nas diversas disciplinas.

Além das Produções textuais e da publicação do **Jornal Informativo AVA**, a leitura do **Jornal O Progresso**, continuará sendo prioridade nas salas de aula, pois o jornal é um valioso material didático pedagógico e muito auxilia os professores no cumprimento de seu conteúdo, de uma forma mais dinâmica e agradável. A Coordenação Pedagógica elaborará um horário semanal específico para os professores trabalharem com o jornal, de acordo com o cronograma já estabelecido nos projetos por eles elaborados.

População Alvo: 364 alunos devidamente matriculados e frequentes na escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, do 1º ano ao 9º ano de Ensino fundamental; do 1º ao 3º ano de Ensino Médio.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

| Etapas | 2010 | | | | | | | | |
|---|------|---|---|---|---|----|---|---|-----------|
| | M | A | M | J | J | Ag | S | O | Nov./dez. |
| 1º publicação do Jornal Informativo A.V.A. | * | + | * | X | * | * | * | * | * |
| 2º publicação Jornal Informativo A.V.A. | * | * | * | + | * | * | * | * | X |

Legenda :

X = Publicação do Jornal

* = Publicação das atividades realizadas

HORÁRIO ESPECÍFICO – PROJETO JORNAL

MATUTINO

| Segunda-Feira | Terça-Feira | Quarta-Feira | Quinta-Feira | Sexta-Feira |
|---|--|------------------------------------|---|--------------------------------------|
| Rosimary/9ºA/Artes Bruno/ ciências/ 1ºA | Luciana/6ºA/Geo Eliane/ Hist/7º A | Rosimary/8º A Luciana/Geo/3ºA | Roseli/Sala de Recursos | Domingo/8º A Língua Portuguesa |
| Rudinei/Filosofia/3ºA Rosimary/9ºA/Artes | Domingo/L.Por./8ºA Rosângela/L.Por./9ºA | Eliane/Hist/1ºA Luciana/Geo/2ºA | Andréia/Produ- ção Interativa Eliane/Hist/9ºA | |
| Rudinei/1ºA/Filosofia | Domingo/L. Por./8ºA Rosângela/L.Por./9ºA Eliane/ História/3º A | Luciana/Geo/7ºA | Ademir/Artes Eliane/Hist/8ºA | Eliane/Hist/8ºA |
| | Luciana/Geo/1º A | Luciana/Geo/9ºA | Débora/3ºA Fundamental | Rudinei/1ºA/Soc |
| Rudinei/3ºA/Sociol. Bruno (Ciências)8ºA | Eliane/Hist./ 6º A Luciana/Geo/8º A | | Débora/3ºA Fundamental | Rudinei/Soc/2ºA |

VESPERTINO

| Segunda feira | Terça feira | Quarta feira | Quinta feira | Sexta feira |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---|---|--|
| Rosimary/8ºB/Artes Nildete 2º A / | Roseli/3º A/Fund. Luciana/Geo/7ºB | Roseli/Sala Rec. Luciana/Geo/6ºC | Mª Helena/4ºA /Fun Bruno/Ciên/8ºB Andréia /1º A/Fund. | Rosângela/L.Por.8ºB |
| Rosimary/8ºB/Artes Nildete 2º A | Roseli/3º A/Fund | Luciana/Geo/6ºB | Bruno 1º B Andréia 2º A/Fund. | Rosângela/L.Por.8ºB |
| Rosimary/9ºB/Artes | | | Andréia 3º A/Fund. | |
| Ademir/4º A/Artes | Luciana/Geo/8ºB | Rosângela/L.Por./7º B Luciana/Geo/9ºB | Andréia 4ºA/Fund. | Rosângela/L.Por.8ºB |
| Ademir 4º A/Artes | Marilu/6ºC/L.Port. | Silvana/1ºA Ens.Fun | Rosângela/L.Por.6ºB | Silvana/1ºA/Fund. Rosângela/L.Por.8ºB |

Observação: Os professores trabalham semanalmente de acordo com o cronograma estabelecido em seus projetos.

Professores que estarão desenvolvendo o Projeto e Disciplina:

Ensino Fundamental:

1. Silvana da Rosa Luiz – 1º Ano A do Ensino Fundamental = 40 hs
2. Nildete Assis Lins – 2º Ano A do Ensino Fundamental = 40 hs
3. Roseli Farias de Souza Fin – 3º Ano A do Ens. Fund. e Sala de Recursos = 60hs
4. Maria Helena de Lima – 4º Ano A do Ensino Fundamental = 20 hs
5. Debora Machado – 3º Ano A do Ensino Fundamental. = 40 hs
6. Andréia de Góes – Produções Interativas do 1º ao 5º Ano do Ens. Fund. = 50 hs
7. Ademir Magalhães Garcia Junior – Artes = 10 hs

Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, Ensino Médio e EJA:

8. Bruno Moura Bezerra – Ciências = 40 hs
9. Domingo Rosa da Vega – Língua Portuguesa = 80 hs
10. Eliane Jacomo Reis- História = 60hs
11. Luciana M. Benites Pereira - Geografia. = 60 hs
12. Marilu Szymczack - Língua Portuguesa = 20 hs
13. Rosângela Regina Fink Garcia – Língua Portuguesa = 60 hs
14. Rudinei Adalberto Silva Kraemer – Filosofia, Sociologia e Tecnologias = 80 hs
15. Rosimary Narcizo Rodrigues Keidann- Artes = 50 hs
16. Simone Machado – Suporte Tecnológico = 40 hs

Coordenação Pedagógica:

17. Maria Alely de Matos Palmeira
18. Adriana Linné
19. Marla Szymczack Ariose

Direção:

20. Maria José Lins

Gerência do Projeto:

Domingo Rosa Vega

Coordenação Geral do Projeto na Escola:

Maria Alely de Matos Palmeira

Apoio: “JORNAL O PROGRESSO”

Fátima Frota – Coordenadora Geral do Projeto Jornal e Educação: “Jornal O Progresso ensinando ler o mundo”

Referências

- Azevedo, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. São Paulo, 2003.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretária de educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagem, Código e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária da Educação Básica, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Vol.2.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Brasil, Ministério da Educação, Secretária de Educação Média e Tecnológica **Parâmetros Curriculares nacionais: Ensino médio**. Brasília: Mec, 1999.
- Lajolo, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler**. Unicamp, 2005.
- Walter. **Oralidade e Cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BLISKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de Comunicação Escrita*. São Paulo: Ática, 1997.
- RANGEL, Mary. *Dinâmica de Leitura para sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1999. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre, 2003.

OBS: SEGUE EM ANEXO O PROJETO DE TODOS OS PROFESSORES

**PROJETO JORNAL O PROGRESSO E A ESCOLA ANTONIO VICENTE
AZAMBUJA “APRENDENDO E ENSINANDO A LER O MUNDO”**

Professora: Silvana da Rosa Luiz

1º ano A do Ensino Fundamental

Vespertino

Objetivos específicos:

- desenvolver no aluno o gosto pela leitura;
- incentivar o uso do jornal como mecanismo de comunicação;
- conhecer a estrutura de um jornal;
- produzir textos orais a partir das imagens;
- reconhecer as letras maiúsculas e minúsculas, e os números nos textos.

Metodologia:

- apresentar o jornal e as partes que o compõe;
- dispor para os alunos jornais para folhearem e observar as estrutura, forma das letras e números contidos no texto;
- em um único grupo escolher a manchete do dia, os alunos expressam sua opinião oralmente e a professora registra as idéias, unindo a manchete e o registro das idéias em um mesmo local;
- os alunos trabalharam em grupo, visando a cooperação entre os mesmos, mas sempre respeitando as opiniões individuais.

Cronograma:

Todas as quartas e sexta-feira 01 aula das 16:30 as 17:20

3º bimestre

03 e 05/08/11- apresentação do jornal, a manchete, as noticia, a estrutura, momento para explorarem livremente o jornal, escolha da manchete e redação do texto;

10 e 12/08/11- distribuir os jornais, exploração visual dos textos e imagens, leitura das manchetes feita pela professora para que os alunos conheçam a noticia, escolha da manchete pela turma e redação do texto;

17 e 19/08/11- reconhecimento das letras maiúsculas e minúsculas no texto, leitura visual das imagens, leitura das manchetes feita pela professora, escolha da manchete e redação do texto;

24 e 26/08/11- reconhecimento das letras maiúsculas e minúsculas e recorte das mesmas, interpretação visual das imagens, leitura das manchetes feita pela professora, escolha da manchete e redação do texto;

31/08 e 02/09/11- reconhecendo os números no texto, leitura visual das imagens, leitura de manchetes feita pela professora e redação de texto;

14 e 16/09/11- reconhecimento de palavras no texto, leitura de manchetes feita pela professora e redação de texto;

21 e 23/09/11- reconhecimento de palavras no texto, leitura de manchetes feita pela professora e redação de texto;

28 e 30/09/11- reconhecimento de palavras e sinais de pontuação no texto, leitura de manchetes feita pela professora e redação de texto;

4º bimestre

05 e 07/10/11- reconhecimento de palavras e sinais de pontuação no texto, leitura de manchetes feita pela professora e redação de texto;

19 e 21/10/11- leitura visual das imagens, releitura destas, os alunos produzem a imagem da notícia;

26 e 28/10/11- leitura visual das imagens, releitura destas, junto com a professora e demais colegas produzimos uma notícia e os alunos produzem a imagem da notícia;

09 e 11/11/11- leitura visual das imagens, releitura destas, junto com a professora e demais colegas produzimos uma notícia e os alunos produzem a imagem da notícia;

16 e 18/11/11- leitura visual das imagens, releitura destas, junto com a professora e demais colegas produzimos uma notícia e os alunos produzem a imagem da notícia;

23 e 28/11/11- leitura de imagens, palavras, exposição dos trabalhos feitos no decorrer do projeto.

Observação: após a leitura das manchetes os alunos escolherão uma das manchetes, a partir da leitura feita pela professora os alunos expressarão suas opiniões que serão registradas e transcritas numa folha a ser anexada a manchete.

Avaliação:

No decorrer do processo, serão avaliados o interesse e participação na realização das atividades apresentadas.

Carga horária: 28hs +10hs atividades extraclasse + 02hs de avaliação do projeto = 40hs

PROFESSORA: NILDETE ASSIS LINS

2º ANO A – VESPERTINO – ENSINO FUNDAMENTAL

TEMA: MANCHETE

JUSTIFICATIVA

O presente projeto destina-se a desenvolver nos alunos maior interesse pelo jornal escrito, levando-os a interpretar as informações contidas neste importante instrumento pedagógico, além de utilizá-lo como ferramenta e recurso de apoio didático.

A meta é despertar nos alunos o prazer de ler o mundo através das páginas de um jornal, com o intuito de formar leitores assíduos para ampliar a dinâmica das aulas e incrementar o processo ensino e aprendizagem.

OBJETIVOS

- . Utilizar o jornal como um instrumento pedagógico, transformando-o em uma ferramenta prática que oportuniza aos alunos conhecer, manusear e aprender a lidar com a informação;
- . Incentivar o hábito da leitura de jornal, propiciando maior interpretação das notícias, através das manchetes.
- . Desenvolver no educando o gosto pela leitura, produção e interpretação;
- . Ampliar as possibilidades de produção de textos através das manchetes analisadas;
- . Favorecer por meio da utilização do jornal a formação da cidadania.

METODOLOGIA

- . Manuseio do jornal para conhecimento e familiarização com sua estrutura, divisão, seções, colunas e páginas;
- . Despertar a curiosidade sobre as manchetes, trabalhando de forma coletiva;
- . Trabalhar o conceito de manchete para conhecer a estrutura de sua natureza;
- . Escolher uma manchete, ler e trabalhar em grupo as informações contidas no texto;
- . Reproduzir oralmente o texto analisado, reescrevendo-o, dando ênfase aos recursos linguísticos;
- . Criar manchetes para trabalho em sala de aula e divulgação por toda a escola.

CRONOGRAMA

Uma vez por semana, sendo 02 h/a , toda segunda-feira, no período de 08 de agosto a 05 de dezembro de 2011.

Carga Horária: 40 hs

➤ Cronograma de Execução:

| | | | | | | | | | | |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---|---|---|
| Agosto | 08 | 15 | 22 | 29 | | | | | | |
| Setembro | 05 | 12 | 19 | 26 | 19 | 21 | 26 | - | - | - |
| Outubro | 03 | 17 | 24 | 31 | | | | - | - | - |
| Novembro | 07 | 21 | 28 | | | | - | - | - | - |
| Dezembro | 05 | | | | | | | | | |

RECURSOS

- . Jornal;
- . Quadro de giz, giz, apagador;
- . Câmera fotográfica;
- . Fita crepe, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Observação contínua e processual, analisando a participação dos alunos nas atividades individuais e coletivas, considerando o interesse, a frequência e a criatividade.

PROFESSORA: ROSELI FARIA DE SOUZA FIN

SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL E

3º ANO A DO ENSINO FUNDAMENTAL

PERÍODO: MATUTINO E VESPERTINO

TEMA: ENSINANDO A LER O MUNDO

Apresentação

O projeto do jornal o progresso “ensinando a ler o mundo” tem como proposta despertar o gosto e o prazer pela leitura, dos alunos da sala de recursos multifuncional e dos alunos do 3º ano a fundamental com o objetivo de estimular no aluno o gosto e o prazer de ler e interpretar as notícias do dia a dia, levando-o os mesmos a criar e cultivar o hábito de ler. Resgatando a nossa cultura, desenvolvendo a criatividade interpretativa, e facilitando a assimilação dos conteúdos.

Objetivos Específicos

- Desenvolver o senso crítico;
- Desenvolver no aluno o gosto pela leitura, produção e interpretação.
- Proporcionar momentos interativos de leitura;
- Identificar a situação inicial da leitura;
- Trabalhar palavras-chaves da manchete;
- Citar nome completo do jornal;
- Produzir pequenos textos, frases, palavras e desenhos através de manchete;

Metodologia

No primeiro momento será trabalhado, em sala de aula, o manuseio do jornal para os alunos conhecerem a estrutura geral, localizar, o nome, local, data, fotos legenda, chamadas, o índice e localizar a manchete principal.

Depois leitura e análises de manchetes diferentes. No segundo momento, então, os alunos serão conduzidos a STE onde executarão as atividades propostas como acessar o site do jornal o progresso e também digitarão no Word as notícias que eles acharam mais importantes.

Cronograma

As aulas serão realizadas todas as Terças nas 1ª e 2ª aulas no período vespertino para o 3º Ano A e para Sala de Recursos: Quintas-feiras 1ª aula no matutino e Quarta feira 1ª aula no vespertino 2º semestre

Avaliação

Será feita através da observação e interesse dos alunos na execução das atividades e nas produções por eles apresentadas.

Carga Horária Total: 60 hs

Projeto Jornal O Progresso e a Escola A.V.A ensinando a ler o mundo

Professora: Maria Helena de Lima

4ºano A do Ensino Fundamental

Vespertino

- **Objetivo específico:**

1. Desenvolver no aluno o gosto pela leitura produção e interpretação.
2. Promover a utilização do jornal como veículo de formação e cidadania.
3. Produzir textos através de manchetes analisadas.

- **Metodologia:**

1. Levar o jornal para o aluno manusear.
2. Conhecer a estrutura geral de um jornal.
3. Localizar, o nome, o local e a data do jornal, as fotos, legendas, as chamadas, o índice e localizar a manchete principal.
4. Ler notícias consideradas mais importantes do jornal.
5. Na STE os alunos digitarão no programa Word as notícias que eles acharam mais importantes.

- **Cronograma:**

1. Todas as quintas-feiras 1 aula das 13:00hs a 13:50hs.

3º Bimestre

04/08/2011- 11/08/2011-18/08/2011- 25/08/2011- 01/09/2011- 08/08/2011-
15/08/2011- 22/08/2011- 29/08/2011.

4º Bimestre

06/10/2011- 13/10/2011- 20/10/2011- 27/10/2011- 03/11/2011- 10/11/2011-
17/11/2011- 24/11/2011- 01/12/2011- 08/11/2011.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

Carga Horária: 20 hs

Professora: Débora Machado
5ºano A do Ensino Fundamental
Matutino

• **Objetivo específicos:**

1. Desenvolver no aluno o gosto pela leitura produção e interpretação.
2. Promover a utilização do jornal como veículo de formação e cidadania.
3. Produzir textos através de manchetes analisadas.

• **Metodologia:**

1. Levar o jornal para o aluno manusear.
2. Conhecer a estrutura geral de um jornal.
3. Localizar, o nome, o local e a data do jornal, as fotos, legendas, as chamadas, o índice e localizar a manchete principal.
4. Ler notícias consideradas mais importantes do jornal.
5. Na STE os alunos digitarão no programa Word as notícias que eles acharam mais importantes.

• **Cronograma:**

1. Todas as quintas-feiras 02 aulas das 9:45hs a 11:00hs.

3º Bimestre

04/08/2011- 11/082011-18/08/2011- 25/082011- 01/09/2011- 08/08/2011-
15/08/2011- 22/08/2011- 29/082011.

4º Bimestre

06/10/2011- 13/10/2011- 20/10/2011- 27/10/2011- 03/11/2011- 10/11/2011-
17/11/2011- 24/11/2011- 01/12/2011- 08/11/2011.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

Carga Horária: 40 hs

PROFESSORA: **Andréia de Goés**

DISCIPLINA: Produções Interações

Turmas: 1º ao 5º anos do ensino fundamental 2º Semestre - 2011

Projeto Jornal o Progresso Ensinando a ler o mundo

Duração: 10 aulas em cada turma.

Recursos de apoio: Jornal, STE (sala de tecnologia), retro projetor, cartolinas, cola, tesoura, sulfite.

Objetivos:

- Desprende a capacidade de interpretação de textos de vários gêneros;
- Desenvolvimento de trabalho em equipe, salientando a importância do trabalho coletivo.
- Trabalhar imagens com leitura não verbal;
- Aguçar o senso de críticas e opiniões;

Metodologia:

- Aulas expositivas;
- Trabalhos em grupos;
- Debates;
- Leitura, interpretação oral e escrita de notícias e gêneros textuais apresentados no jornal;

Cronograma:

| Turmas | Qtd de aulas por turma |
|-------------|------------------------|
| 1º Ano E. F | 10 aulas |
| 2º Ano E. F | 10 aulas |
| 3º Ano E. F | 10 aulas |
| 4º Ano E. F | 10 aulas |
| 5º Ano E. F | 10 aulas |

| | |
|------------------|----------|
| Total: 05 turmas | 50 aulas |
|------------------|----------|

OBS: As aulas serão distribuídas entre os meses correspondentes ao 2º semestre.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

Carga Horária: 50 hs

Ademir Magalhães Garcia Junior
Disciplina Artes
Série: 4º A

TEMA : Projeto jornal

JUSTIFICATIVA

O ensino da arte nas escolas tem se desenvolvendo cada vez melhor, devido à formação de novos habilitados na área que procuram através de sua formação criar novas possibilidades dentro de processos artísticos.

Onde foi analisado a possibilidades de trabalhar em artes com o projeto jornal buscando a utilização do jornal como fonte de pesquisa e material disponível nas escolas para criação de novas técnicas como mostra no decorrer do trabalho.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

- Promover o desenvolvimento enquanto cidadãos capazes de relacionarem com seus demais e com melhor conhecimento social através da leitura dos jornais.
- Acrescentar experiência para que os alunos possam aprimorar técnicas e criatividade a partir da utilização do jornal.
- Possibilitar aos alunos a utilização de textos para colagens em busca de novas formas de comunicação dentro da composição visual.

Objetivos Específicos

- Estimular o potencial criado de cada um enquanto cidadão por meio de aulas elaboradas e atrativas.

- Proporcionando atividades artísticas com seriedade, paciência e responsabilidade;
- Mostrar a importância do ensino da arte nas escolas e para o aprendizado;
- Trabalhar com os temas propostos com o jornal e relacionando-os com os contextos nos quais estes estão inseridos;

METODOLOGIA

- Exemplificação dos trabalhos propostos usando trabalhos feitos pelo professor;
- Realizar leituras e conversas informais sobre devidos assuntos do jornal
- Desenvolvimento de atividades artísticas após cada aula expositiva;
- Orientação destinada para cada aluno participante, atendendo uma seqüência lógica, onde cada um espera a sua vez de ser orientado;
- Exemplificação de obras citadas usando reprodução das mesmas;
- Explorar além do jornal, diversos materiais (lápis de cor, caneta, pincel, tinta e pigmentos).

Cronograma do projeto jornal de artes com a turma do 4º ano A do Ensino Fundamental

| Dia | 1 aula | 2 aula | 3 aula | 4 aula | 5 aula |
|------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| 22/08/2011 | | | | X | X |
| 29/08/2011 | | | | X | X |
| | | | | | |

Total: 10 hs

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada pela observação de cada aluno individualmente, será observado o interesse, persistência e atenção. E o resultado final dos trabalhos práticos com base na forma de exploração do jornal.

Professora: Marilu Szymczak
Disciplina: Língua Portuguesa
Serie: 6ºano c

Introdução

O intuito do projeto é desenvolver nos alunos a fluência de leitura nos diversos gêneros textuais e enriquecer vocabulário, pois o jornal é um recurso valioso e dinâmico que estimula à leitura a partir da realidade, levando o aluno a análise e a reflexão na formação de opinião com um senso crítico.

Objetivo

Formar leitores críticos e capazes, bem como levar o educando a tomar conhecimento da realidade e promover transformações na sociedade que está inserido.

Objetivo Específico

Incentivar o gosto pela leitura;
Promover discussões sobre os textos jornalísticos;
Produzir textos através das matérias tendo como base os diversos gêneros textuais;

Metodologia

Aulas teóricas e práticas de leitura, pelo professor e alunos, confecções de textos, debates, ditados e dramatizações de textos humorísticos.

Cronograma: 01 aula semanal (3ª feira)

| | |
|----------|----|
| Agosto | 09 |
| | 16 |
| | 23 |
| | 30 |
| Setembro | 06 |
| | 13 |
| | 20 |
| | 27 |
| Outubro | 04 |
| | 18 |
| | 25 |

| | |
|----------|----|
| Novembro | 01 |
| | 08 |
| | 22 |
| | 29 |

Carga Horária Total: 15 hs/a + 5hs atividades extra classe = 20 hs

Avaliação

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

PROF^ª.: ROSÂNGELA REGINA FINK GARCIA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PERÍODO: AGOSTO Á NOVEMBRO DE 2011
SÉRIE (s): 6º “B”, 7º “B”, 8º “B”, 9º “A” e “B”

***LEITURA E COMPREENSÃO DO SENTIDO GERAL DO
TEXTO: INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS NO CONTEXTO***

OBJETIVO: Ler artigos jornalísticos para interpretar e observar as informações mais relevantes e mobilização de conhecimentos prévios.

DESENVOLVIMENTO: Após leitura individual dos artigos selecionados, realizar debates sobre o que foi lido, em seguida solicitar que o aluno coloque seu ponto de vista, para melhor interpretá-los; instigá-los a ler as entrelinhas, diferenciando assim, informações implícitas e explícitas, levando em consideração seus conhecimentos prévios ou seja conhecimentos que já possuem, associando a realidade em que vivem.

AVALIAÇÃO: Avaliarei através da participação dos mesmos em realizar as leituras solicitadas, participar efetivamente dos debates, colocando seu ponto de vista no assunto em pauta, melhorando a interpretação e o senso crítico em ler as linhas e, também, as entrelinhas dos artigos estudados.

Obs.: Segue anexo o cronograma das atividades.

6º ANO “B”, VESPERTINO

09-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (conhecer as partes que compõem o jornal.)

Condições de produção. Estrutura textual: finalidade, intencionalidade e tipos de linguagens.

23-08-2011: Leitura de textos publicitários (anúncio, cartaz e propaganda.)
Produção de propagandas.

13-09-2011: Leitura de textos jornalísticos (fazendo adequação do registro formal ou informal de acordo com a finalidade do texto e do interlocutor).
Comentários orais e debates.

27-09-2011: Leitura de textos jornalísticos (para buscar informações implícitas e explícitas no texto)
Interpretação textual.

18-10-2011: Leitura de textos jornalísticos (compreensão do sentido geral do texto)
Interpretação textual.

22-11-2011: Leitura de textos jornalísticos (buscar o tema central do texto)
Fazer comentários orais dos textos lidos.

Carga horária: 12 h/as

7º ANO “B” VESPERTINO

10-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (conhecer as partes que compõem o jornal.)
Condições de produção. Estrutura textual: finalidade, intencionalidade e tipos de linguagens.

24-08-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Compreensão da linguagem persuasiva utilizada em textos publicitários.

21-09-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Informações implícitas e explícitas no texto.

05-10-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Elementos que estruturam e caracterizam o texto publicitário.

19-10-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Fatores de textualização. (coesão e coerência)

16-11-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Produção de textos jornalísticos para publicar no jornal.

Carga horária: 12 h/as

8º ANO “B” VESPERTINO

12-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (conhecer as partes que compõem o jornal.)
Condições de produção. Estrutura textual: finalidade, intencionalidade e tipos de linguagens.

26-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (reportagem)
Elementos que estruturam e caracterizam esse tipo de texto.

16-09-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Informações implícitas e explícitas no texto.

30-09-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Fatores de textualização (coesão e coerência) nos textos jornalísticos.

21-10-2011: Leitura de textos jornalísticos. (manchete)
Elementos que estruturam e caracterizam a manchete.

11-11-2011: Leitura de textos publicitários. (propagandas, slogans e logotipo)
Produção de texto publicitária para publicar no jornal.

Carga horária: 12 h/as

9º ANO “A” MATUTINO

12-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (conhecer as partes que compõem o jornal.)
Condições de produção. Estrutura textual: finalidade, intencionalidade e tipos de linguagens.

26-08-2011: Leitura de textos jornalísticos. Textos epistolares. (carta ao leitor).
Produção de carta.

16-09-2011: Leitura de textos jornalísticos. Textos informativos. (artigo de opinião)
Comentários orais (debate).

30-09-2011: Leitura de textos jornalísticos (para buscar informações implícitas e explícitas no texto)
Interpretação textual.

21-10-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Fatores de textualização. (coesão e coerência)

11-11-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Produção de textos jornalísticos para publicar no jornal.

Carga horária: 12 h/as

9º ANO “B” VESPERTINO

12-08-2011: Leitura de textos jornalísticos (conhecer as partes que compõem o jornal.)
Condições de produção. Estrutura textual: finalidade, intencionalidade e tipos de linguagens.

26-08-2011: Leitura de textos jornalísticos. Textos epistolares. (carta ao leitor).
Produção de carta.

16-09-2011: Leitura de textos jornalísticos. Textos informativos. (artigo de opinião)
Comentários orais (debate).

30-09-2011: Leitura de textos jornalísticos (para buscar informações implícitas e explícitas no texto)
Interpretação textual.

21-10-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Fatores de textualização. (coesão e coerência)

11-11-2011: Leitura de textos jornalísticos.
Produção de textos jornalísticos para publicar no jornal.

Carga horária: 12 h/as

Total de horas aulas trabalhada: 60 h/as

Conclusão: Pretendo ao terminar esse trabalho de leitura desenvolver nos alunos o senso crítico, capacidade de interpretação, que possam diferenciar as informações explícitas e implícitas, e, o gosto pela leitura informativa.

PROFESSORA: Rosimary Narcizo Rodrigues Keidann

ANO: 8º TURMA: A e B

TURNOS: Matutino e Vespertino

COMPONENTE CURRICULAR: ARTES

PROJETO: "O PROGRESSO NA EDUCAÇÃO, ENSINANDO A LER O MUNDO"

Cronograma das atividades

Carga Horária: 20 h/a

| Turma A | Turma B | |
|--------------------|--------------------|--|
| 29/06/2011 2h/a | 04/07/2011 2h/a | Leitura de textos jornalísticos (conhecer e aprender a ler as partes que compõem o jornal) • Atividades proposta: Leitura da página cultural, debater o conteúdo desta página dialogando de maneira crítica ao conteúdo fazendo a contextualização. |
| 27/07/2011 1h/a | 01/08/2011 1h/a | Leitura de textos jornalísticos publicitários (propagandas, slogans e logotipo) • Textos publicitários: observação de linguagens presentes em anúncios, cartaz e propagandas. |
| 10/08/2011 2h/a | 15/07/2011 2h/a | Leitura de textos jornalísticos: • Confecção de cartazes de propaganda, segundo as características do jornal. |
| 12/09/2011 1h/a | 14/09/2011 1h/a | Leitura de textos jornalísticos (propaganda e anúncio) • Interpretação do sentido do texto, bem como a observação aos recursos visuais: letras, tamanho, cores e ilustrações. |
| 03/10/2011 2h/a | 05/10/2011 2h/a | Leitura de textos jornalísticos (propagandas, slogans e logotipo) • Textos publicitários: observação de linguagens presentes em anúncios, cartaz e propagandas. Confecção de um anúncio. |
| 24/10/2011 2h/a | 26/10/2011 2h/a | Leitura de textos jornalísticos (página Cultural) • Ler o texto, promover debate e propor dinâmica com a palavra que cada aluno escolher formando uma poesia. |

Avaliação:

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

PROFESSOR: ROSIMARY NARCIZO RODRIGUES KEIDANN

ANO: 9º TURMAS: A e B TURNO: MATUTINO E VESPERTINO

COMPONENTE CURRICULAR: ARTES

PROJETO: "O PROGRESSO NA EDUCAÇÃO, ENSINANDO A LER O MUNDO"

Cronograma das atividades

Carga Horária: 20 h/a

| | |
|----------------------|--|
| 01/08/11 | Leitura de textos jornalísticos (conhecer e aprender a ler as partes que compõem o jornal) • Atividades proposta: Leitura da página cultural, debater o conteúdo desta página. Dinâmica com o uso do jornal: escolher uma foto e representá-la em quadro vivo. |
| 15/08/11 | Leitura de textos jornalísticos (propagandas, slogans e logotipo) • Textos publicitários: observação de linguagens presentes em anúncios, cartaz e propagandas. Atividade: criar um slogan. |
| 29/08/11 | Leitura de textos jornalísticos • Confeção de cartaz de propaganda, segundo as características do jornal. |
| 12/09/11 19/09/11 | Leitura de textos jornalísticos (propaganda e anúncio) • Interpretação do sentido do texto, bem como a observação aos recursos visuais: letras, tamanho, cores e ilustrações. Dinâmica do baú mágico (os alunos escolhem palavras aleatoriamente escrevem num papel e colocam em uma caixa, depois retirar e dramatizar em grupo ou individualmente.) |
| 03/10/11 | Leitura de textos jornalísticos (propagandas, slogans e logotipo) • Textos publicitários: observação de linguagens presentes em anúncios, cartaz e propagandas. Confeção de um anúncio |
| 24/10/11 31/10/11 | Leitura de textos jornalísticos (página sobre política) • Ler o texto, promover debate e propor a confeção de trabalho de acordo com o citado na página. Produzir uma charge. |
| 07/11/11 | • Retirar palavras do texto lido, escrever e colocar em uma sacola, depois retirar ocasionalmente para formar uma poesia dadaísta. |
| 21/11/11 | Leitura do Caderno B, página cultural • Fazer a leitura e contextualização com a realidade local. |

Carga Horária Total: 20 hs + 20 Hs + 8 hs atividades extra classe = 48 hs

Avaliação:

A avaliação ocorrerá com base no desenvolvimento dos trabalhos individuais e em grupos, bem como os exercícios em sala, participação, dificuldade e interesse do aluno na execução das atividades.

Profº: Rudinei Adalberto Silva Kraemer
Disciplina: Filosofia: 1º ano A e 3º ano A
Sociologia 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A
Turmas: 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A

TEMA: POLÍTICA É COISA SÉRIA

OBJETIVO

Todos os dias em todos os veículos de comunicação, encontra-se notícias relacionadas a Política. Notícias que muitas vezes distorcem o real sentido da palavra “Política”. Neste sentido, visou-se dentro das disciplinas de Sociologia e Filosofia, um maior aprofundamento crítico e esclarecedor de algo que rege nosso comportamento na sociedade que vivemos.

METODOLOGIA

Os alunos do 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A do ensino médio matutino, da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja, trabalharão o tema: “POLÍTICA É COISA SÉRIA”. Serão desenvolvidas atividades de leitura, principalmente do Jornal “O PROGRESSO”, debates, interpretação e escrita.

HABILIDADES

Contextualizar os conhecimentos filosóficos e sociológicos, tendo como referência a organização da sociedade brasileira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Conceito de Política segundo alguns filósofos e sociólogos;
- A Política segundo Platão e Aristóteles

RECURSOS

Textos, panfletos, jornal “O Progresso”, atividades.

AVALIAÇÃO

- Seminários
- Debates
- Reflexão escrita

TEMPO DE DURAÇÃO

- 2h/a de Filosofia e 2h/a de Sociologia no 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A do Ensino Médio Matutino.

TURMAS

- 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A do Ensino Médio Matutino.

RELATO REFLEXIVO

É preciso trabalhar este tema em sala de aula, buscando a formação de cidadãos críticos diante do papel que assumem socialmente, bem como um maior esclarecimento do verdadeiro sentido de política e de seu exercício para o bem comum, distorcendo a imagem negativa que a política nacional vem sofrendo a cada ano que passa.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

SOCIOLOGIA – SEXTA-FEIRA

| MESES | 1º ano A | 2º ano A |
|----------|----------|----------|
| Maio | 06 / 27 | 06 / 27 |
| Junho | 10 | 10 |
| Agosto | 12 | 12 |
| Setembro | 02 / 23 | 02 / 23 |
| Outubro | 14 | 14 |
| Novembro | 04 / 25 | 04 / 25 |
| Dezembro | 02 | 02 |

SOCIOLOGIA - SEGUNDA-FEIRA

| MESES | 3º ano A |
|----------|----------|
| Maio | 02 / 23 |
| Junho | 13 |
| Agosto | 15 |
| Setembro | 05 / 26 |
| Outubro | 17 |
| Novembro | 07 / 28 |
| Dezembro | 05 |

FILOSOFIA – SEGUNDA-FEIRA

| MESES | 1º ano A | 3º ano A |
|----------|----------|----------|
| Maio | 06 / 27 | 02 / 23 |
| Junho | 10 | 13 |
| Agosto | 12 | 15 |
| Setembro | 02 / 23 | 05 / 26 |
| Outubro | 14 | 17 |
| Novembro | 04 / 25 | 07 / 28 |
| Dezembro | 02 | 05 |

- **FILOSOFIA = 20 h/a:**
 - **SOCIOLOGIA = 40 h/a:**
- Leitura, debates e produções textuais em sala de aula.
- **20 h/a = Pesquisas extraclasse sobre o tema estudado.**
 - **TOTAL: 80 horas**

Professor: BRUNO MOURA BEZERRA

Bruno_mourafz@hotmail.com

- **Projeto de Ciências**

JORNAL PROGRESSO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

- **Objetivos**

Localizar a divulgação científica divulgada nos meios de comunicação ‘escrita’ e relacionar com o aprendizado de ciências.

Utilizar o jornal ‘O Progresso’ como instrumento ensino-aprendizagem na sala de aula.

Incentivar o hábito da leitura de jornais, melhorar a capacidade de interpretação das notícias, levar a realidade para dentro da sala de aula, estimular a produção de texto e principalmente, formar leitores críticos.

- **Metodologia**

O trabalho será desenvolvido de forma contínua e semanal, durante todo o ano letivo de 2011. Pretende-se agregar o proposto no plano de aula de ensino de Ciências e Biologia, com textos e matérias do jornal Progresso.

Com a distribuição semanal do jornal Progresso, pretende-se orientar a leitura de matérias selecionadas e promover, quando necessário, outras leituras para o aprofundamento do conteúdo abordado a fim de viabilizar o debate e em sequência a produção de texto, e a leitura da realidade em que vivem os estudantes e a comunidade em que estão inseridos.

Organização de arquivo de artigos de jornais que discutem temas atuais sobre ciências, desenvolvimento das experiências junto aos alunos e registro do trabalho e motivação dos grupos.

- **Recursos**

Utilização do Jornal Progresso.

- **Conteúdos Programáticos**

8º Ano do Ensino Fundamental A e B

3º BIMESTRE

- ❖ Ser humano e Saúde.

4º BIMESTRE

- ❖ Ser humano e Saúde.

1º Ano do Ensino Médio.

3º BIMESTRE

- ❖ Núcleo
- ❖ Ácidos Nucléicos
- ❖ Divisão Celular
- ❖ Metabolismo Celular

4º BIMESTRE

- ❖ Histologia
- ❖ Reprodução
- ❖ Desenvolvimento Embrionário
- ❖ Ciclo de Vida

• Cronograma

O projeto Jornal progresso: Como instrumento de aprendizagem, será trabalhado semanalmente, sendo uma aula com cada série, no período de julho á dezembro de 2011.

Todas as segundas feiras – 1º Ano do Ensino Médio e 8º A do ensino Fundamental, no período Matutino.

Todas as quintas feiras – 8º B do Ensino Fundamental, no período Vespertino.

| Aula | Dia | turma |
|--------------------------|---------------|----------|
| 1º aula-Matutino | Segunda feira | 1º Ano A |
| 5ª aula(ultima)-Matutino | Segunda feira | 8º Ano A |
| 1º aula - Vespertino | Quinta feira | 8º Ano B |

| 3º BIMESTRE | 1º ANO e 8º A | | | | |
|-------------|---------------|-------|-------|-------|-------|
| JULHO | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- |
| AGOSTO | 01/08 | 08/08 | 15/08 | 22/08 | 29/08 |
| SETEMBRO | 05/09 | 12/09 | 19/09 | 26/09 | |
| 4º BIMESTRE | 03/10 | 17/10 | 24/10 | 31/10 | |
| NOVEMBRO | 07/11 | 21/11 | 28/11 | | |
| DEZEMBRO | 05/12 | | | | |

| | | | | | |
|-------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 3° BIMESTRE | 8° B | | | | |
| JULHO | 28/07 | ----- | ----- | ----- | ----- |
| AGOSTO | 04/08 | 11/08 | 18/08 | 25/08 | |
| SETEMBRO | 01/09 | 08/09 | 15/09 | 22/09 | 29/09 |
| 4° BIMESTRE | 06/10 | 13/10 | 20/10 | 27/10 | |
| NOVEMBRO | 03/11 | 10/11 | 17/11 | 24/11 | |
| DEZEMBRO | 02/12 | | | | |

Carga Horária : 40 hs

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados através da observação e registro de sua participação e interesse demonstrado nas aulas, bem como pelo seu desempenho nas atividades propostas e tarefas solicitadas.

Professor(a): Luciana M. Benites Perreira

Disciplina: Geografia

Turmas: 6º ano A, B e C; 7º ano A e B; 8º ano A e B; 9º ano A e B do Ensino Fundamental e 1º ano A; 2º ano A; 3º ano A do Ensino Médio. Realizados nos turnos Matutino e Vespertino.

TEMA: O JORNAL O PROGRESSO ENSINANDO A LER E REFLETIR O MUNDO NO ENSINO DA GEOGRAFIA.

OBJETIVO GERAL

Mostrar aos alunos a importância das notícias contemporâneas no contexto do espaço geográfico que o cerca, mostrar como as ações humanas podem desencadear processos diversos no cotidiano humano, como o homem atua na natureza. A partir dessa ação integradora e participativa com a produção contextualizada das notícias do jornal propõem-se provocar no aluno a formação de opiniões críticas que podem causar uma reflexão da realidade e das ações educadoras na sua vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Contribuir para a qualidade da educação e do Ensino de Geografia para o Ensino Fundamental e Médio, medida pelo seu grau de inclusão;
- Fortalecer o Projeto Político Pedagógico construindo para uma proposta curricular mais próxima das realidades socioculturais dos participantes da escola (professores, alunos e comunidades) e desta forma melhorar as estratégias de ensino-aprendizagem da Geografia;
- Melhorar o vínculo entre escola, família e comunidade possibilitando uma visão diversificada do mundo que o rodeia;
- Criar e consolidar novas oportunidades e canais de participação para os alunos, possibilitando que se expressem e aprendem.

METODOLOGIA

O trabalho se realizará em grupos, com o manuseio em sala de aula do jornal, havendo uma análise e interpretação da notícia, retirando assim partes importantes da informação bem como algumas imagens de cunho geográfico e de ação humana sobre a natureza. Que possam caracterizar e exemplificar a formação do território brasileiro, inserindo a agricultura e as atividades agropecuárias do campo, fontes produtivas, a relação sociedade natureza, os

espaços de produção regional e global, a sociedade moderna, a economia, política, urbanização, atividades industriais e a regionalização. Através de recortes das matérias apresentadas no jornal será possível obter mais informações e destacar nas dinâmicas das aulas, nas produções de texto e na própria interpretação.

Utilizando as informações para observar a realidade local que o cerca e o âmbito social que está inserido, produzindo textos que exemplifiquem a realidade que está inserida e a configuração do território de Itahum e como a ação humana é transformadora no espaço físico e no meio social.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados por sua participação e interesse, além de sua criatividade e crítica do meio social e ambiental.

CRONOGRAMA

| Turmas | | <i>6º ano A, B e C Ens. Fund.</i> | <i>7º ano A e B e 8º ano A Ens. Fund.</i> | <i>8º ano B e 9º ano A e B Ens. Fund.</i> | <i>1º A, 2º A e 3º A Ens. Méd.</i> |
|-----------------|-----------|---------------------------------------|---|---|--|
| Agosto | 1ª semana | x | | | |
| | 2ª semana | | x | | |
| | 3ª semana | | | x | |
| | 4ª semana | | | | x |
| Setembro | 1ª semana | x | | | |
| | 2ª semana | | x | | |
| | 3ª semana | | | x | |
| | 4ª semana | | | | x |
| Outubro | 1ª semana | x | | | |
| | 2ª semana | | x | | |
| | 3ª semana | | | x | |
| | 4ª semana | | | | x |
| Novembro | 1ª semana | x | | | |
| | 2ª semana | | x | | |
| | 3ª semana | | | x | |
| | 4ª semana | | | | x |

Cronograma: será realizado trabalho com o jornal dividido semanalmente por turmas, sendo 01 aula para cada turma, sendo que cada três turmas serão privilegiadas em uma semana do mês de forma que todas as salas tenham acesso ao jornal ao findar o mês.

CARGA HORÁRIA: 60 hs

PROJETO **REPÓRTER POR UM DIA**

Justificativa:

O presente projeto visa, com base nos referenciais curriculares e a necessidade de explorar o universo criativo dos educandos, aprimorar a prática de leitura, interpretação e produção escrita, considerando a importância desses procedimentos para o desenvolvimento intelectual e crítico dos alunos do 8º ano A do ensino fundamental da Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja.

1. Objetivo:

Proporcionar aos alunos a crítica à realidade que os cerca e produzir ainda, através de investigação, reportagens acerca da nossa realidade, que estejam causando impactos sociais positivos/negativos em nossa comunidade.

2. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO – 8ºA (2h/a semanais):

| março | abril | maio | junho | Julho | agosto | setembro | outubro | novembro |
|-------|-------|------|-------|-------|--------|----------|---------|----------|
| 01 | 05 | 03 | 07 | ----- | 02 | 06 | 04 | 01 |
| 15 | 12 | 10 | 14 | ----- | 09 | 13 | 18 | 08 |
| 22 | 19 | 17 | 21 | ----- | 16 | 20 | 25 | 22 |
| 29 | 26 | 24 | 28 | ----- | 23 | 27 | | |

A atividade será realizada todas as terças-feiras na 2ª e 3ª aula.

CARGA Horária: 60h/aT + 20h de atividades extraclasse = 80h

3. Metodologia:

- Leitura do Jornal e comparação das matérias com a realidade local.
- Analisar as matérias e diferenciar notícia de reportagem.
- Organização em grupo para sair a campo coletar informações.
- Levantamento de dados na comunidade local para produção das reportagens.
- Realizar registro fotográfico e escrito dos dados coletados.
- Entrevistar moradores e autoridades locais sobre os problemas enfrentados pela população do distrito.
- Rascunhar o texto em sala, trocando ideias com os colegas de grupo.

- Após concluir a reportagem, digitá-lo e formatá-lo na STE.
- Escolher a melhor reportagem para publicação no Jornal O Progresso.
- Organizar mural e expor as reportagens produzidas.

4. Recursos:

- Jornal O Progresso.
- Câmera fotográfica.
- STE e seus recursos.
- Mural.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados através da observação e registro de sua participação e interesse demonstrado nas aulas, bem como pelo seu desempenho nas atividades propostas e tarefas solicitadas.

6. Referências Bibliográficas:

- O Jornal na Sala de Aula,
Faria, Maria Alice.
- Para Ler e Fazer o Jornal na Sala,
Faria, Maria Alice,
Jr. Juvenal Zanchetta
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo Comunicação/Educação.
In: Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, v. 5, n. 14, p. 7-16,
jan./abr. 1999.

Professora: Simone Machado

Disciplina: Tecnologias

Objetivos

Dar suporte tecnológico na elaboração das manchetes (digitação, impressão, construção) enviadas pelos alunos, sendo elas feitas semanalmente, para que seja exposta no mural para a comunidade em geral e montagem de power point. Postagem de material para coordenação do jornal e registro fotográfico durante a execução das atividades em sala

Cronograma:

Duas aulas semanalmente de suporte tecnológico, totalizando 32 horas/aulas e 8 horas/aulas de registro fotográfico.

Carga horária total:40 hs

Cronograma de Execução

| MESES - 2010 | | | | | |
|---------------------|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| DATAS | Agos. | Set. | Out. | Nov. | Dez. |
| | 09 | 06 | 03 | 01 | 6 |
| | 16 | 13 | 18 | 08 | — |
| | 23 | 20 | 25 | 22 | — |
| | 30 | 27 | — | 29 | — |

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados através da observação e registro de sua participação e interesse demonstrado nas aulas, bem como pelo seu desempenho nas atividades propostas e tarefas solicitadas.

Professora: Eliane Jácomo dos Reis

Disciplina: História / Séries: 6º A; 7º A; 8º A; 9º A do Ensino Fundamental e 1ª A; 2º A; e 3º A do ensino Médio

Projeto: MINHA HISTÓRIA É ASSIM

Objetivos:

O objetivo deste trabalho é exercitar a escrita e estimular a imaginação dos alunos

Através da leitura e da produção textual, pois o nosso aluno só domina a língua portuguesa através do seu exercício e a mesma se faz fundamental em todos os setores da nossa vida. Para o bom desenvolvimento da disciplina de história, por exemplo, o aluno tem que possuir uma boa leitura o que lhe proporcionará compreender os textos que compõe a história da nossa humanidade.

Metodologia:

Para realizar o seu desenvolvimento os educandos realizarão as seguintes etapas: manuseio do Jornal o Progresso realizando sua leitura livremente, posteriormente irão selecionar vários títulos de matérias e distribuir um título para cada grupo. A idéia é que os estudantes em grupo criem uma narrativa tomando o título que recebeu como ponto de partida. Após uma seleção realizada pela turma a melhor história será exposta no "MURAL NA SALA DE AULA" que será organizado quinzenalmente. O trabalho será desenvolvido em uma turma por semana com duração de 2 horas/aulas.

Cronograma:

Será realizado um rodízio semanal com as turmas para a realização do trabalho

Avaliação:

Os alunos serão avaliados através da observação e registro de sua participação e interesse demonstrado nas aulas, bem como pelo seu desempenho nas atividades propostas e tarefas solicitadas.

Cronograma de Execução

| MESES - 2010 | | | | |
|--------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| DATAS | Agos. | Set. | Out. | Nov. |
| | 02 - 6º ano A | 07 - 2º ano A | 07 - 8º ano A | 01 - 3º ano A |
| | 12 - 7º ano A | 13 - 3º ano A | 13 - 9º ano A | 08 - 6º ano A |
| | 19 - 8º ano A | 20 - 6º ano A | 19 - 1º ano A | 18 - 7º ano A |
| | 25 - 9º ano A | 30 - 7º ano A | 26 - 2º ano A | 25 - 8º ano A |
| | 31 - 1º ano A | | | |

Carga Horária Total: 60 hs

